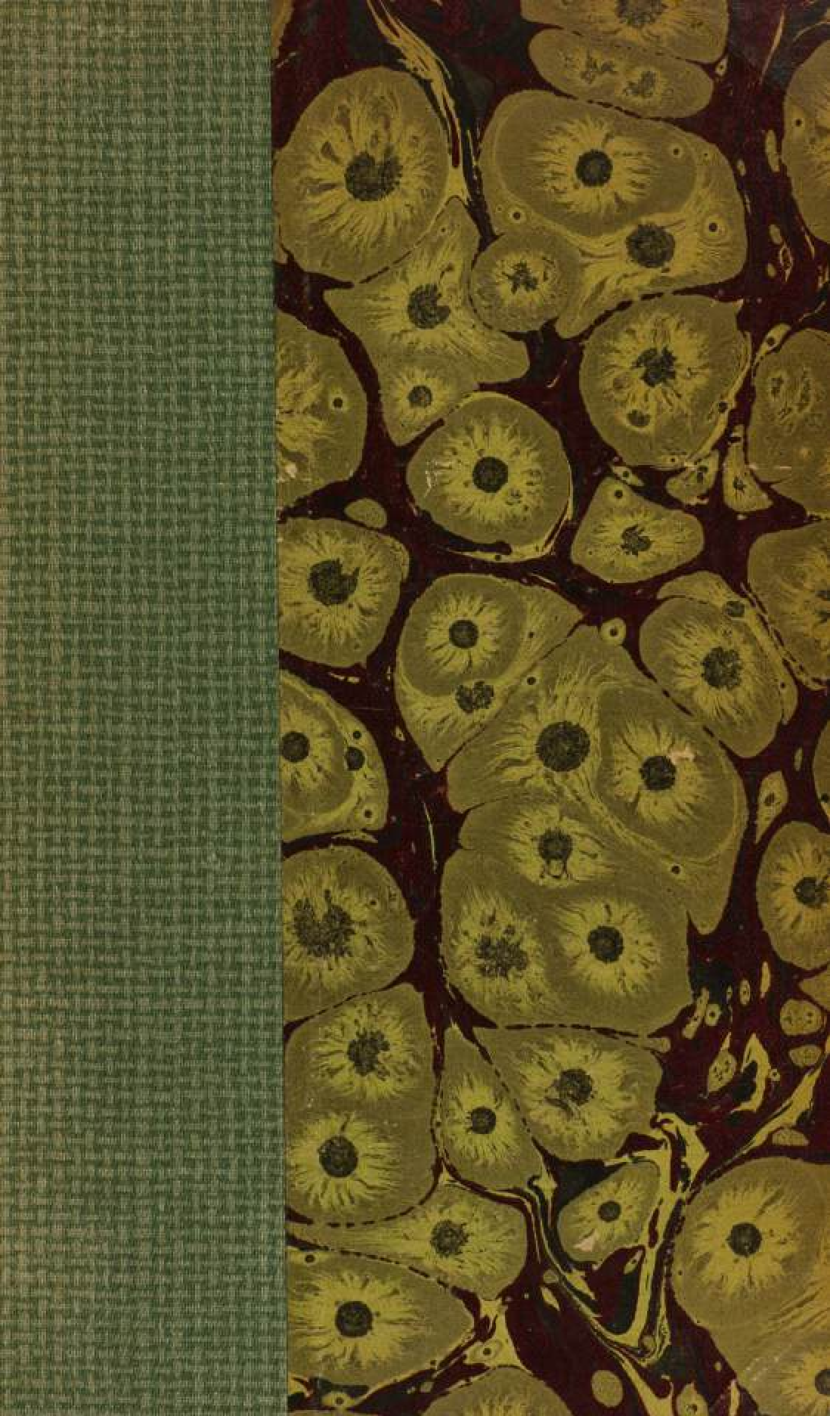


J
3515
B27
1912
C.1

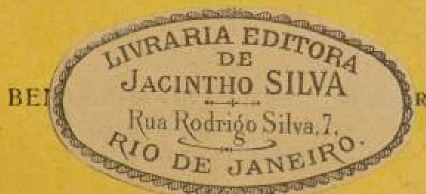


GUSTAVO BARROSO

(JOÃO DO NORTE)

TERRA DE SOL

(NATUREZA E COSTUMES DO NORTE)



BE [illegible] R

ERRATA

PAG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
9	ultima	llanura	planura
49	6	mugil-as	mungil-as
57	nota 8	ferramentas	esporas
87	nota 1	aperta	apertam
179	8	aprenda a sua lingua, veste	aprendem a sua lingua, vestem
179	9	transforma-se	transformam-se
181	20	sobre	sob

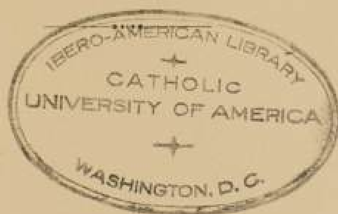
TERRA DE SOL

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA
Officinas movidas a electricidade
R. Elias Garcia, 184 — PORTO — 1912

GUSTAVO BARROSO
(JOÃO DO NORTE)

TERRA DE SOL

(NATUREZA E COSTUMES DO NORTE)


IBERO-AMERICAN LIBRARY
CATHOLIC
UNIVERSITY OF AMERICA
WASHINGTON, D. C.

1912
BENJAMIN DE AGUILA — EDITOR
Rua do Carmo, 19 — SOBRADO
RIO DE JANEIRO

4707.

A

Felix Pacheco

Coelho Netto

e

Eurico Cruz

O MEIO

I

SÊCCA E INVERNO (A TERRA)

II

A ENTREGA (A PECUÁRIA)

III

O ROÇADO (A AGRICULTURA)

I

Quem das brancas praias do Ceará demanda o interior das terras, nóta que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlantico para o sertão. E quando se avistar uma argilla vermêlha ao envez da alva areia dos taboleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauassú, nem as crêspas moitas viçosas de muricy, guajirú, guabiraba e murta offerecêrem seus fructos ao descaso dos transeuntes; quando o páu-branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas catingas de juremas rachiticas, ensombrando touceiras de corôa de frade; quando cortarem o terreno largas lages de granito e schistos argilosos, quartzitados, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcáreo endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em marmore, — ahi começa o sertão.

O olhar se alonga, do cimo de qualquer monte, pela vasta llanura, onde as serras avultam, dis-

persas na incoherencia de remotas transformações geologicas, e a flóra é uniforme, sem pormenorisações, com graduações ligeiras, leves modificações edaphicas do sólo que mal se distinguem. No sopé das serras a vegetação dryadica, mais seivosa e mais rica, mistura-se em tufos emergentes, nos indistinctos e incaracteristicos limites de sua zona, com a flóra das catingas que cobrem o sertão; e, marginando os rios, se estiram vinte, trinta leguas de carnahúbáes. Duas estações, quasi sempre mentirosas e irregulares, existem nessa região: a sêcca que vai de Junho a Dezembro e o inverno que vai de Janeiro a Junho. Naquella se vive dos recursos que esta deixou. Liga-as, portanto, a mais estreita e íntima interdependencia.

Procurarei dar uma ideia do que sejam essas duas estações no sertão e frizar o seu extraordinario contraste.

*

* *

Morrem dôcemente os ultimos dias de Junho. Nunca mais chove. A concha do céu é dum azul inclemente que offusca, profundo e impenetravel como a immensidade, sem uma nódoa branquicenta de cirrus, muito limpo, muito nú, muito alto. O sol, rutilante, só, sem uma nuvem, flammeja, joeirando scentelhas nas micas dos pedregáes. Dias e dias não sopra a mais pequena aragem:

não braceja um galho, e peza um silencio de tumulo por sobre a vastidão das cousas.

Quando o vento sopra, cáe em rajadas fórtes, ardentes, gemendo e murmurando nas catingas sem fôlhas, varrendo a terra núa de gramineas, as clareiras achanadas, escarnando-as, levando a areia, para depositál-a no alto sertão, nas chapadas do centro, deixando a emergir do sólo raspado, desnúdo, estrias de folhêlos endurecidos, pontas rijas de granitos.

Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silencio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo; o estalar crepitante dos gravetos pizados por qualquer animal parece um soturno falar de avantêsmas; um canto de passaro, um alto pio d'ave de rapina, um guincho de pixuna,[1] tudo é triste e tudo é melancolico. Qualquer som que quebra o silencio parece mais triste que o proprio silencio.

Da terra côr de óca, avermelhada, da argilla granitada de grossa silica, dos granitos rompendo a terra em pontas que se adunam e denteiam desageitadas, esparsas, ás vezes rubras, outras branquicentas, outras sujas, tôrvas, quasi sempre inclinadas para resistirem á erosão das aguas, desprende-se um bafo de quentura armazenada; e o barro

---

1 Pequeno rato selvagem.

de louça, o tijúco, o «massapê» cinzento das varzeas, já todo estriado, abre-se, fende-se, lasca-se, escancella-se ao calôr. Nos mezes de inverno, o gado deixou-lhe na molleza visguenta a fôrma profunda dos cascos. Veio o sol. Os móldes ficaram endurecidos, cosidos á canicula; os bordos rijos espétam e cortam; só a planta rude e cascúda do sertanejo pisa insensivel por alli em fóra.

Nas varzeas extensas que perlongam os rios, onde as carnahubeiras guardam a memoria do seu soffrimento nas grandes sêccas passadas em cada cintura do caule atrophiado á falta de seiva, o carnahubal, abandonado dos fructos e dos passaros, sussurra dolorido, saudoso; entristece, murcha, acinzenta-se, como se o sol e o vento o empoeirassem. E a folhagem dos arvorêdos vae amarellecendo aos poucos. As fôlhas dos marmelleiros agrestes do carrascal para logo pendem, avermelham e cáem, juncando dias e dias o sólo nú, como descoradas manchas de sangue, até que um dia a briza da tarde as leva e espalha em turbilhões, pelo ar, como grandes azas palpitantes de borbolêtas mortas. Depois as arvores vão-se destoucando e se vão despindo: e por todo o começo de Agosto o olhar experiente e observadôr vai notando que dia a dia se desnuda mais uma arvore. Hontem foi o páu-branco que ensombrava o canto do curral; hoje, a umaryzeira que beijava o telhado da casa; amanhã, a ingazeira esgalhada que dominava o terreiro; depois, a catanduba alta da capoeira proxi-

ma; depois, as sabiás do cercado, os jucás da varjóta, os mulungús da baixa, os angicos, as juremas, as umburanas; e por fim todas, todas, todas... Começa o lethargo dessa vegetação interessante, xerophyta ao tempo da sêcca, hygrophyta no inverno, morta e resequida na apparencia, emquanto que, silenciosa e latente, a seiva fermenta nos seus fórtes orgãos de repouso e hibernação.

Ao principio ainda a vegetação das c'rôas ou terrenos de alluvião nos cotovêllos bruscos dos rios, a das catingas enormes, resistem, emquanto que a dos carrascos logo se fanou e morreu, estorcendo-se os galhos negros, sem fôlhas, como destramados sarmentos de vide numa grande cêpa abandonada.

Só duas arvores ficam eternamente verdes e orgulhosamente ostentam sua força extraordinaria e sua vitalidade imperecivel, num doloroso contraste com a miseria que as cerca. São a oiticica e o joazeiro.

Os cardos, o mandacarú, o chique-chique, o facheiro, não morrem; filhos da pedra e do areial, não sentem o effeito das sêccas. O mattuto atira-os aos braçados em fogueiras e, quando o fogo já lhes queimou os duros espinhos, limpa-os para o gado comer. Os jumentos comem-n'os com voracidade. O proprio homem, quando a miseria é grande, assa-os ás brazas e devora-lhes o miôlo branco, salôbro, fôfo.

A natureza compungida tem o desolado aspecto

da desgraça e se recolhe no grande silencio do sertão combusto, sómente quebrado pelo som de picaretas que escavam a terra, perfurando póços, ao longe, na luta terrivel do homem pela agua, que avaramente se esconde nas baixas camadas do subsólo, além de piçarras desaggregadas, de arenites, fugindo á approximação do sertanejo sequioso em veios esquivos que fluem entre rochas e serpeiam em conductos envesgados.

Por vezes, uma rez horrivelmente magra arrasta o passo tardo, vagaroso, apartando aos tropeços os garranchos do matto sêcco, chagada, o cabello a cahir, suja, muito triste,—imagem viva da fome a buscar alimento, estatua animada da sêde a procurar agua, resfolegando de cansaço e fraqueza, arquejando ao calôr, os olhos vitreos pregados ao sólo e mugindo, dolorosamente mugindo.

O pasto sêcco, porém substancioso e nutritivo, acama-se nos «limpos», nos prados, nas capoeiras, e dura muito tempo alimentando o gado. Mas, ás vezes, por infelicidade, nesses mezes de sêcca cáe uma chuva inesperada, extemporanea, molha o pasto e fál-o apodrecer, muito embora o sol lhe séque as primeiras camadas. É enorme, então, o prejuizo. O panasco, o mimoso, o milhã, todas as gramineas, quando a sêcca demasiadamente se prolonga, de muito resequidas e fanadas, desprendemse do sólo; varre-as, então, o vento, quando sopra rijo, escarnando o chão, carregando a argilla para longe, deixando á mostra a ossada granitica da

terra. Mas num cantinho, numa frincha do terreno, numa grêta da rocha, ficam as sementes miúdas, invisiveis, com o seu poder de longa germinalidade, na muda paciencia dos inanimados, esperando que a chuva ensope a bôa mãe das plantas, para brotarem de novo.

Não é quasi sempre, como se pensa, a falta total de chuva que faz a miseria dos sertões do Norte. É antes a sua inconstancia e a sua extemporaneidade, accrescidas das circunstancias dellas proprias decorrentes. Mostro alguns exemplos: Um individuo planta um roçado de milho; este cresce e apendôa; é-lhe necessaria uma chuva que o livre da lagarta. Não chove. A lagarta devora a plantação. No terreno dum antigo roçado, planta algodão; este cresce e flóra; são-lhe precisos uns tantos dias de sol para que se desatem e branquejem os capuchos. Contra todas as regras, previsões e experiencias, num dia de sol ardente cáe uma chuva subita, brutal e «queima» todo o algodão. O pasto está «encanado» e prestes a sementar; falta uma hora de chuva. Não chove. O pasto morre. Depois de morto, a chuva cáe.

Tanto assim é que, quasi sempre, numa parte do sertão ha, depois do inverno, muito pasto e nenhuma agua—as chuvas finas e constantes criaram o capim, mas não enchêram poços e açudes; noutras ha muita agua e nenhum pasto—as chuvas fórtes e pesadas enchêram os reservatorios e mataram a pastagem. Até, neste ultimo caso, o

mattuto diz que a chuva «lavou» o pasto, enfraquecendo-o.



Muito tempo dura o pasto sêcco, como reserva de alimento, quer em capoeiras, quer em cercados adréde feitos, si o não fizer apodrecer uma chuva subita, fóra de tempo, si um comboeiro descuidoso ou um passageiro indifferente não atirar uma ponta de cigarro accêsa, um morrão fumegante do cachimbo no meio do capinzal.

Então crepita e estala uma touceira de capim. A chamma cresce, devora-a, passa a outra, cresce mais e mais. Um balde de agua, um sapatear de pés fortes apagariam aquelle nascer de incendio. Mas ninguem viu e ninguem sabe. Sobre aquelle clarão incipiente sómente se arqueia a indifferença do céu e aos seus pés extende-se sómente o plano vasto do sertão.

Surgem labarêdas do sólo, erguem-se alto em convulsões epilepticas no ar, alanceiam rubramente o espaço, lambem os troncos lisos e direitos das carnahúbeiras, tostando-os, tisnando-os, ennegrecendo-os. Augmentam. Correm por sobre o capinzal com incrivel velocidade. Atiram-se aos capões de matto sêcco, esgalhado, garranchento, como vagas, num turbilhão coruscante de labarêdas que se enroscam, estortegando, de brazas que vôam, de faiscas que scintillam, de galhos que se estorcem

debatendo-se, que fagúlham, gemem, estalam e bradam!

Passa no ar um halito abrazado, e o vento açoita, silvante, rijo, a torrente de fôgo, curvando, acamando as linguas rubras, como outr'ora acamava os tufos de panasco, levando pelo espaço o rumôr crepitante da queimada.

E o incendio temeroso, doudejante, ensanguentado, galopa, vôa e vai queimando, queimando... As altas chammas ennoveladas afastam-se, chôfram-se, investem furentes, rabêam baralhando-se, destramam-se lambendo as folhagens encarquilhadas e os troncos resinosos que estálam e atrôam, fumarando...

Emquanto lambe os carrascáes e devasta as varzeas, é simplesmente terrivel; mas quando ganha as catingas resequidas e immensas, tem a grandeza tragica das cousas formidaveis.

Um sertanejo, passando descuidoso no viso dum cerro distante, andando a espreitar a caça, rara e esquiva, nos roçados desertos, ou cochilando de calôr á sombra do alpendre, sente o bafêjo ardente da queimada, ouve a crepitação longinqua do mattagal sêcco, vê a labarêda altear-se e o fumo que se eleva, rubro e sangrento em baixo, quasi negro, pesadamente turbilhonando, depois, já esbranquicento mais em cima, por fim diluindo-se no céu claro com a transparencia suave das névoas esgarçadas. Sólta o alarma: estruge pelo sertão, pausado, rouco, sinistro, o som dos buzíos da praia;

echôa nas quebradas o toque roufenho das buzinas de chifre.

Correm vaqueiros, donos de fazenda, aggregados, jornaleiros, todos de foice, de enxada, de machado,—e lá se vão atalhar o fôgo, combatêl-o, dominál-o, decididos e audazes. O flagello é commum; a salvação será para todos: ninguem hesita.

E começa a lucta do homem contra a chamma.

As enxadas se abátem, os machados rebrilham com tons flamineos nos gumes brunidos. Faz-se um aceiro. Rasga-se no matto fórte, espinhento, um largo trilho, bem limpo de hervas e gravêtos. O fôgo chega alli, queima ferózmente os ultimos hervanços sêccos, enrodilha-se nos ultimos arbustos; depois fenece, abranda e morre num crepitar final de galhos resinosos, num derradeiro borbulhar de fogachos rubros. Está salva uma grande zona, seus mattos, pastagens, cêrcas e edificações. Mas acontece, e não raramente, que na precipitação o aceiro é mal limpo e o fôgo transpõe o impecilio pelo leve frio duma haste de capim; ou, então, o vento é forte e as fagúlhas vão levar o incendio mais adiante, além do aceiro—como se fôssem o pollen da destruição.

Ninguem desanima. A serenidade admiravel do sertanêjo não se turva. A luta recomeça mais encarniçada e mais terrivel.

Quasi sempre sáem vencedôres aquelles homens energicos, bronzeos, que a sorrir e a gracejar, de ferros em punho, perolados de suor, coloridos os

rostos rudes de reflexos vermêlhos, cortam caules, talham ramos, decepam galhos, degolam arbustos, falquejam troncos, abatem arvores, titanicamente. Si, porém, de exaustos e impotentes renunciam á resistencia, o fôgo lavra pelo sertão em fóra, dias e dias, até morrer exhaurido á margem dum largo rio sêcco — aceiro natural, ou num descampado já comburido pela estiagem, que nada mais tem para dar de pasto ao incendio: e a terra desolada alonga-se esteril e negra, calcinada pela chamma voraz e inquieta da queimada e pela chamma immutavel, silenciosa, intangivel do sol impiedoso, cahindo do alto, da cupula de aço do céu, com a inexorabilidade dum anathema. Durante o fôgo as cêrcas das pastagens e plantações cahem reduzidas a carvão, os gados fracos correm espavoridos; ha cabanas que se incendeiam, animaes bravios que fogem — rapôsas de pêllos eriçados, cascaveis silvantes aos botes, gatos bravos de olhos em fogo, caxinguelês [1] arripiados, a pular.

Depois da queimada, toda a zona onde o fôgo lavrou é um immenso coivaral, um vasto plaino coberto de cinza, com tóros negros que emergem, dum feitio de animaes extranhos: os troncos retorcidos, com ramos que rompem esgalhando-se, semêlham hydras; os tóros decepados, atóchados, curtos, parecem féros e desconhecidos bichos aco-

---

1 Pequenos esquilos.

*

corados, á espreita, e os galhos mortos se estiram, como grandes serpes negras, carbonisadas, as escamas a se desprenderem. O vento ergue redemoinhos de cinza e detrictos leves, duma finura de poeira, que esvoaçam, tóldam a luz ardente do sol, espirálam, dansam em farándola, depois se dissolvem no ar.

É quando os cães famintos, os carcarás, as acauans e os gaviões de toda a especie se achêgam a procurar animalêjos assados no immenso brazeiro. Á noite, pé ante pé, approximam-se as rapôsas, com o mesmo fim. E, na escuridão, os olhos phosphorecem, quando ellas uivam em doidos saltos e macábras correrias.

Muito tempo decorrerá antes que a chuva dos invernos faça brotar folhinhas tenras daquelle chão calcinado e mais de meio seculo, para que o luar derrame lagrimas de prata ao longo dos troncos lustrosos de novos carnahúbáes! E talvez nunca mais isto aconteça: alli fiquem eternas a agrúra e a desolação.

*

* *

Passa-se o mez de Agosto, passa-se Setembro, e Outubro se passa. Não chove. Nunca mais chove. Em Outubro, nos «annos bons», cahem umas chuvas finas, que no littoral se chamam — chuvas de cajú, e no sertão — chuvas de rama; mas isto é

falho e não passa quasi sempre duma trêfega esperança.

Na natureza não desabrocha um sorriso; o céu não derrama uma lagrima; o sol refulge sempre; e a cópa verde dum joazeiro ao longe, perdida nas catingas esqueleticas, tem um tom de raridade e de heroísmo. O sertão fica sêcco, nú, inhospito, quasi negro; extende-se em ondulações desnudas, apontoadas de mirrados capões. O céu é arido, sem manchas — como se fôra varrido por um vento de maldição. A lama dos bréjos e dos alagadiços, resequida, crestada, torna-se uma areia encaroçada, escura e grossa, que se esbarronda e se esfarinha ao pisar. O chão combusto, quasi negro, duma grande melancolia e duma grande esterilidade, como que se concentra de dôr. E sob a eterna e inexoravel vibração da luz não rasteja no sólo uma graminea, nem geme nos arvoredos uma só folha... Os esqueletos das arvores parece que se estorcem de soffrimento e, nas estratificações do sub-sólo, deve ser horrorosa a tortura das raizes sequiosas, enroscando-se de avidez e desespero, os pêllos absorventes num arrepio faminto... Na barranca dos açudes, raros coqueiros caducos agonisam, bracejando as frondes murchas.

O gado demora nos felizes rincões, onde ainda existem uns restos de sêccas pastagens acamadas nas abas das serrotas, que são como grandes manchas alouradas ou cinzentas, pormenorisando-se no uniforme matiz pardacento da terra.

É quando o sertão fica «preto», no singélo dizer do mattuto. Então o fazendeiro que possúe cercados, com reservas de pasto, n'elles vai botando as rêzes que começam a enfraquecer pela má alimentação.

*

* *

Ás vezes, em Julho, a agua começa a faltar. Os açudes mal cheios pelo inverno, quasi sempre escasso, logo séccam; o mesmo já tem acontecido aos poços dos rios e ás ipueiras [1] dos mattos. O gado só tem, então, para beber, certas cacimbas que por umas tantas condições geologicas de supprimento de agua custam a seccar ou não seccam nunca. Ha cacimbas que jámais deixaram de ter agua, não só nas estações sêccas de todos os annos, como nas verdadeiras crises climatericas. Essas ficam logo afamadas pelo sertão inteiro, e o povo diz:

—«Na cacimba grande da egreja de S. Francisco de Canindé até na sêcca de setenta e sete se tirou agua!»

—«A cacimba do Mergulhão é farta: deu agua até na sêcca dos três oito!» [2]

Acontece, por exemplo, que, numa fazenda, só

---

[1] Poços d'agua limpa nas depressões de terreno.
[2] 1888.

ha pasto em tal parte e agua em tal outra, distantes uma, duas, três leguas. Ora, o gado que, durante o dia, comeu no logar onde tem pasto é obrigado a andar, de tarde, duas leguas, para beber no logar onde tem agua; de noite, caminha outro tanto para voltar á pastagem. Isto aos poucos o enfraquece. A necessidade de beber agua é muito mais fórte na sêcca do que no inverno, não só por causa do calôr, mas tambem porque o capim resequido não contém a minima parcella de humidade. E que immensa tortura não é a do gado alimentado deficientemente, rompendo o matto sêcco a apartar espinháes, andando por verêdas invias, pedrentas, num calôr acabrunhante, para beber uma agua infamemente salôbra, com uns longes de sal de ferro, avermelhada algumas vezes, leitosa outras, ás vezes toda palhetada de caparrosa esverdinhada, luzente, com estrias d'um brilho fôsco de estanho!

É horrivel essa quadra no sertão: e ao pôr do sol, um pôr de sol sem trinados de passaros, sem ciciar de ramas á briza, a alma se recolhe numa grande saudade, quando os perequitos passam em bandos, grasnando, rumo das praias,—ultimas fileiras do exodo da passarada. Á noite, tarde, o sertanejo acorda ao urrar faminto d'uma rez junto á casa da fazenda; e, quando ella, cansada, múge baixo num estertoramento, ouve o saudoso piar longinquo dum bando de marrécas que emigram para mais dôces paragens, voando pelo negrume sem fim do céu, como que perdidas em grande

isolamento. Elle escuta e murmura acabrunhado, deixando adivinhar lagrimas no dolorido da voz, embora acalcanhe, reagindo, o seu acovardamento: «Lá vão as marrecas para o Maranhão!»

A lúa surge, espia por trás dos agúdos pincaros das altas serras o sertão que dorme envolto em trevas; depois ascende e clareia-o todo: os esqueletos das catingas perfilam-se hirtos e negros, destacados na brancura lactea da luz, que se espraia, razando o recosto bombeado das collinas e as varzeas sem fim, dando á paysagem um aspecto tumular de natureza morta...

*

*   *

Ás vezes não falta a agua, mas falta o pasto, tendo as mesquinhas chuvas do inverno sómente creado bamburráes [1] e tiriricas. Outras, o «mal triste», o «mal do rengo», os carrapatos parasitarios, salteiam o gado. Doutras ainda, no fim do inverno o matapasto invadio ferozmente as pastagens, amaninhando-as, ou o tinguí nasceu, a granel, por entre o capinzal.

O tinguí é uma malpighiacea e o terror dos criadôres. As rêzes famintas comem-n'o e se enve-

---

[1] Arbustos pequenos que não servem para alimentar o gado.

nenam. Si a intoxicação não fôr completa e a rêz não correr ou cansar, póde escapar; mas si der o menor chôto, morre.

Emfim, um dia, o gado começa a cahir de fome, de sêde e de fadiga. É a época mais terrivel; é quando o nortista mostra a sua energia inflexivel, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titanica virilidade. Um minuto de fraqueza, um momento de desanimo, um instante de desencorajamento —e o sertão esmagál-o-á. Mas elle não se abranda e nem se verga. Só contra a impassibilidade da natureza, lucta, lucta sempre. Alguns desertam as fileiras; mas os que ficam continuam o combate.

E dahi, não seja, talvez, paradoxo o dizer— que a sêcca é um factor do progresso, porque fórma e mólda uma raça de fortes.

*

* *

Quem primeiro cáe no descampado escaldante das varzeas é o «gado de curral». «Gado de curral» chama o mattuto ás vaccas de leite. É o gado mais fraco e mais necessario á fazenda. O «gado de sôlta», bois, novilhos, touros e garrotes, custa a cahir; é aspero, semi-bravio e de uma resistencia a toda prova. Quando cáe é signal de que a sêcca é

medonha, o isorde[1] como diz o sertanejo—terrivel e a mortandade espantosa.

Em se sabendo que uma vacca cahiu, vai-se «levantál-a a páu»—o que póde parecer selvageria. «Levantar a páu» é erguer a rez doente por meio de grossas váras, passadas por sob o ventre, que seis ou oito homens vão levantando, com cuidado, pegando-as ás pontas. Posta assim a enfraquecida vacca de pé, põem-n'a na «rêde»... A «rêde» é um tôsco apparelho primitivo—uma especie de giráu, onde se colloca a rez de modo que fique com os pés no chão, as pernas pendidas naturalmente e a barriga descansando num estrado de madeiras, todo forrado de junco e capim sêcco. Ás vezes substitúem o estrado por um largo panno de estôpa forte. Desta maneira a vacca não cáe e não se fére, mais se enfraquecendo em baldadas tentativas para erguer-se, como faria, si ficasse tombada no sólo nú, concentrado e tôrvo. A «rêde» é sempre á sombra de um joazeiro, onde ella fica quieta, muda, magra, óssos furando a pelle chagada, leprenta, côr de cinza, encontros feridos, com postemas rôxas, onde negrêjam moscardos buliçosos.

Dão-lhe agua, ramas murchas, carôço de algodão á bôcca. Nem forças tem para se abanar com a cauda e o seu olhar amortecido, glauco, inexpressivo, fita o céu azul num grande desalento, como

[1] Corruptéla de desordem.

se mudamente interrogasse porque soffre... E, cousa interessante! mezes depois, quando o inverno volta e ella, tendo escapado, é tirada da rêde, não sabe mais andar para a frente e comicamente começa a andar de cóstas. É necessario que uma pessôa a enxóte, para que, de novo, ande direito.

Muitas vezes uma fazenda tem quinze vaccas na rêde! A tarefa paciente e lenta de lhes dar comida e agua leva muito tempo e occupa muitas pessôas. E outras cáem. A agua continúa a faltar. Outras continúam a cahir. Não ha tempo nem meios para acudir a todas. Ficam umas no chão; e alli morrem de fóme e sêde sob o latego impiedoso da luz, linguas ásperas pendidas, membros lassos num grande desfallecimento, quasi sem convulsões—uma ou outra mais semelhante a um estremeção, de quando a quando—gemendo com um gemer fraco, soturno, estertorante, que demora no ar como um longo, repousado lamento.

Não ha nada mais triste e commovente do que essa quadra da vida horrivel dos sertões. Si nos mezes de inverno chove, tudo vai bem: volta a fartura a dar novas forças contra a miseria, torna a abundancia a preparar o espirito e o corpo para a necessidade, os mezes de abastança larga a fazerem esquecer os de fome e sêde que passaram. Mas, si nesses mezes, assim anciosamente esperados, não cáe do céu vasto e mudo a dôce esmola duma gôtta d'agua—é a sêcca propriamente dita, a crise, a miseria, a fome, a sêde, o desabar dum acastel-

lamento de esperanças, o afundar-se dum mundo de desejos. Então, muito sertanêjo derrotado abandona a terra e vai, para a miragem fabulosa do Amazonas, desdobrar contra a invia selvatiqueza daquella natureza de portentos as energias que a luta lhe armazenára, desde creança, na alma corajosa.

*

* *

O ultimo recurso da luta contra a sêcca é a cacimba. A cacimba é profundamente cavada no sólo, toda cercada em torno para que, das ribanceiras, os animaes não tombem. A entrada é cavada em ladeira de suave declividade, para que o gado já fraco, ao ir beber, não escorregue e cáia de quando em quando, ferindo-se e cansando-se. A agua é sempre feia, sempre suja e sempre má. Uma cêrca leve divide-a quasi ao meio, tendo ao pé das estacas, estendida, uma longa carnahúba, de maneira que o gado sómente póde beber num pequeno espaço de dois ou três palmos, o que o impede de sujar a agua e de toldál-a. Onde o gado bebe chama-se bebedouro e á carnahúba, «páu do bebedouro». Á proporção que a agua vai faltando, vai-se recuando a carnahúba—e quanto mais frequente fôr esse recúo, mais feroz lavra a sêcca, mais ardente anda o sol a chupar com criminosa avidez as ultimas gôttas d'agua.

Ás vezes o sertanêjo diz:

—«Na fazenda de Fulano ainda está bom: muda-se o páu do bebedouro de três em três dias.»

Ou então:

—«Na Pedra-Negra a sêcca está damnada: muda-se o páu do bebedouro de manhã e de tarde!»

A agua ameaça faltar. Põe-se um moléque, armado de vára ou chicote á porteira da cacimba. A rêz bebe uma certa quantidade e sae. Si quer voltar para beber mais, não póde. O moléque não consente. A agua vai em rações, como a bordo, quando a bolacha falta, ella escaceia e a calmaria estende as velas sem vida ao longo dos mastros altos.

Nesse periodo de miseria, um facto pinta a franca largueza do sertanêjo: elle jamais enxota ou fecha a porteira de sua cacimba ao gado da visinhança, porque o mesmo a visinhança faz com o seu.

Um dia—dia amargo e horrivel—a cacimba da fazenda sécca inteiramente. É preciso cavál-a mais. Cava-se, aprofunda-se; e a rocha rechina aos pontaços penetrantes do alvião. Ás vezes novamente se encontra agua. Outras, a picarêta dá numa piçarra, calcareo mólle, semi-decomposto, que demora o serviço. Passa-se a camada da piçarra. Já a escavação é profunda, e a gente lê nas estratificações do terreno, núas, descobertas, umas sinuosas, bruscas, bifurcando-se, outras rectas, di-

reitas, duras, toda a formação daquelle sólo, onde os fôlhêlos endurecidos rompem camadas fortes de arenites, os granitos furam a crôsta em pontas rudes, o gneiss scinde-se em lages denteadas, as micas alumiam em palhêtas, e os cretaceos alternam com quartzitos e schistos argillosos. A agua brota, mas é uma agua impregnada de sáes de ferro, de sulfatos, de caparrosa, em tal quantidade que as mucosas se engêlham, que o gado cheira, urra lentamente e não bebe. Muitas vezes é agua bôa. O gado sorve-a alegremente. Mas dentro de dois, três dias faz-se a decomposição chimica nos supprimentos subterraneos e ella torna-se intragavel, ferruginosa, repellente. E o gado, que já a experimentára, demora á beira da cacimba, cheira-a, lambe as bordas lamacentas com incredulidade; depois urra com a cabeça no ar, os olhos humidos luzentes e fios de baba amarellada escorrendo dos cantos hiantes da larga bôcca.

Diz o sertanejo que a cacimba «salgou».

Abre-se outra. O mattuto sempre prefere os leitos dos rios, porque nelles a grande quantidade de rochas porosas do sub-sólo mais ou menos retem a agua infiltrada. Quando não se acha agua, anda-se a tentear desvãos de serrotas, a procurar baixíos alagadiços, vazantes de açudes. Muitas vezes nunca se a encontra. Muda-se, então, o gado para outra ribeira, onde o inverno tenha sido melhor e maiores, portanto, sejam os recursos; para o litoral até. E, nessas «retiradas», os caminhos fi-

cam semeados de ossadas que os urubús limpam e o sol depois embranquece... Nos taboleiros alegres do litoral, o barbatimão venenoso, entremeiado ás moitas de ramas cheirosas espera tambem o gado infeliz, no silencio traiçoeiro dos vegetáes covardes...

*
* *

A luta pela agua é uma cousa horrorosa. Nada mais silencioso e mais formidavel! Luta de vida e de morte, luta do homem contra a rocha, das energias dum coração contra as energias da natureza inteira! Nada é mais selvatico do que cavar, sob a abrazadôra canicula da sêcca, uma cacimba a picarêta e a pá. Além da cacimba do gado, tem-se que cuidar da cacimba para a gente, menor e de agua tambem melhor, que ás vezes fica a leguas de casa. Quando ella sécca tambem, o mattuto bebe a mesma agua que o gado, com caparrosa, com detrictos, com lama, com urina de boi e fézes de guaxinim. [1]

Hoje em dia, no sertão inteiro se constróem açudes, pequenos e grandes, de alvenaria e de barro socádo. Cada fazendeiro faz o seu, confórme póde. É já um lenitivo ás agruras dos flagéllos; mas a devastação das mattas continúa pela « quei-

---

1 Procyon-cancrivorus.

ma» dos roçados e pelo fazimento de vastas capoeiras para a criação de cabras, augmentando as causas da diminuição do espaço de tempo nos cyclos periodicos das crises climaticas, que cada vez voltam mais breve.

Cercam sempre a vasante do açude e nella plantam um pastosinho magro, para o cavallo de sélla ou outro animal de estimação. Como o sólo é sempre um pouco mais humido, o pasto conserva-se verde algum tempo.

A sêcca campeia na plenitude de sua força: nem uma fôlha, embora sêcca, enfeita a ossada dum arbusto; nem um fiapo resequido de malvacea teimosa ou um broto resistente de graminea rastejam no sólo. De longe em longe, numa covoada de serra, um «talhado» de granito micachistoso faisca duramente ao sol. A inclemencia azul do céu, espanado de nuvens, se arqueia numa monotomia tumular... A terra tem um tom encardido, adoentado, salpintado de nódoas negras... O gado passa com lentidão, rente á cêrca do açude: põe a bronca cabeça por cima, fita, fita cubiçosamente aquellas mesquinhas nódoas verdes, e de triste e esfomeado urra que faz penna.

Quando por todo o mez de Janeiro não chove e entra o de Fevereiro sem chover,—é a quadra dos horrores indescriptiveis, a época dos soffrimentos inenarraveis, o tempo da miseria, da fome, da sêde, da morte—emfim a sêcca na mais completa e perfeita accepção desta palavra.

Começa a morrer o gado e começa a emigrar a gente. E os urubús lentos e negros, que dantes appareciam um a um, como pequenas nódoas pretas no arquèado profundo do céu, já esvoaçam em bandos, espavorindo os gados moribundos, toldando o azul, e crocitam agoureiramente, pousados nas cêrcas dos curraes.

*
* *

Nessa época, os mattutos que emigram, caminhando a pé pelas poeirentas e érmas estradas, em demanda do litoral, a morrer de fome, escavam o sólo áspero á cata de batatas selvagens e de raizes mólles. Pilam e lavam a venenosa raiz da mucunã; comem-n'a, e vão inchando na lenta intoxicação do barbaro alimento. Alguns, no estonteamento da immensa fome, no doentio descaso dos esfaimados, pallíam a sua tortura comendo uma batata inculta, sem nome, que existe no sertão, ainda não estudada botanicamente, cujos effeitos toxicos sobre os orgãos do systema nervoso da vida de relação são violentos e rapidos, cegando, ensurdecendo, emmudecendo.

Do meiado de Dezembro em diante, o sertanêjo começa a olhar o céu, a «namorar as nuvens»,

diz elle; a se encher de esperanças na presença dos stratus avermelhados que afogam o sol e atulham o poente, dos grandes cumulus brancos que surgem de manhã, ao nascente, como broncos zimborios de fantasticas cathedráes, esfarripando-se nos bórdos a pouco e pouco, em cirrus ténues, adelgaçados, que o vento espalha, marchetando o azul claro do zenith...

Emfim um dia o céu amanhece tôrvo, arripiado e escuro, tão pesado que parece esmagar os vultos enormes das grandes serras, no horizonte; ás vezes envolvendo-os numa neblina tênue, que lhes esfuma e esbate os contórnos, e por onde se côa a luz do sol numa pallidez de cirio. Corre um vento humido, frio, pelo sertão, sibilando nos galhos mortos que se chocam com um som ósseo, sussurrando nas acinzentadas frondes murchas dos carnahúbáes numa doçura vagarosa e lássa de acalanto infantil. O gado muge e sorve lentamente a humidade do ar. Apparecem os sertanêjos, homens, mulheres, creanças, no terreiro das casas. Trepam os jornaleiros, deixando o trabalho, á barranca dos açudes, á crista dos outeiros. Os braços se móvem, apontam as nuvens negras, os nimbus esfrangalhados que se arrastam com preguiça, solemnes, magestosos, como grandes aguias somnolentas. Commentam a possibilidade da chuva em desusada alegria.

Por traz do viso irregular e áspero de uma serra, desenhando-lhe instantánea e rapidamente o rude

perfil negro, o dôrso arqueado, rugoso, as corcovas de granito tôrvo, talhadas a pique em abruptos pendôres, abre-se o vermêlho bocejo de um relampago. Segundos depois, rebôa o trovão magestosamente retumbando, a rolar com fragôr estrupidante pelas serranias, repetido pelo echo até se perder de todo na ultima gradação perceptivel do som. E a chuva cáe sob o açoite do vento, rabanando, pesada, fórte, em bátegas brutáes.

O gado magro, deitado na calma das malhadas [1], somnolento, tristonho, faminto, ergue-se com esforço e corre aos tropeços, trambecando, com urros de alegria. Relincham os cavallos esgalgados de sêde pelo campo, a galope, caudas empinadas a tremular como os estandartes de cabello das tribus marroquinas. E as vaccas doentes nas «rêdes», os grandes olhos murchos gottejando lagrimas, gemem de tristeza — porque não pódem urrar sôltas de alegria.

Escorrem lagrimas na rudeza cinzenta dos granitos. Descem das serras riachitos prateados, aluminando em filetes caprichosos. Cada sulco de velhas erosões no descambar dos «altos» é uma torrente; cada rêgo das estradas, um regato; cada depressão, uma ipueira. A terra vai-se molhando e argamassando; della se evola um halito quente, rescendendo

---

1 Logares onde o gado se deita a ruminar nas horas quentes do dia.

*

a humidade, trescalando a môfo. A areia grόssa e sombria dos alagadiços liga-se, empapa-se; e os rebordos afiados das pégadas de gado no barro das varzeas amollecem aos poucos. Chove um dia inteiro; ás vezes chove sem intermittencias dois, três e mais. Ouve-se ao longe um marulho gigantesco, um ullular de ressaca, um rugir, um como escachôar de immensa róda d'agua, que se vai approximando rapidamente. Todo o mundo corre para os cerros proximos ao listão de areia do rio sêcco. Os animaes abandonam as varzeas que o margeiam. É o rio que «desce»!

Lá vem a agua, a roncar, sertão abaixo. Na frente, na «cabeça» acachoada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarreiram de encontro ás pedras do leito, ribanceiras a se diluirem sustidas por entretecimentos de raizes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cêrcas, longos «paús de bebedouro», cadaveres de animáes; tudo entre grossos frócos de espuma suja, borbulhas barrentas, ondas, cachões, redemoinhos, torvelinhando de encontro a balseiros enormes, que páram instantes, resistindo á correnteza; correndo numa velocidade espantosa, adquirida no descer dos mananciaes das serras e augmentada pela grande declividade do terreno; indo rebentar em grόssas vagas molles nos troncos das carnahúbas, salpicando-os de espuma. Esbarrondam-se as barreiras ingremes, resvaladías; diluem-se as «crôas» de alluvião: e a cheia passa. Horas após, um estendal

liquido, amansado e baço cobre as varzeas, beijando os troncos dos carnahúbaes, afogando as altas e enrodilhadas moitas de mofumbo. Depois, a agua vai baixando de nivel, sensivelmente, a olhos vistos; quatro horas mais tarde o rio está no seu leito normal; á noite é um fio pêco que se arrasta com preguiça; e ao outro dia, de manhã, «corta», ficando sómente os poços fulgidos e lisos a mosquearem o leito enlameado. Si as chuvas continuam, mantem-se a correr; si as chuvas param, pára tambem. A velocidade da correnteza, a natureza do terreno em rampa para o mar, a escassez da chuva com estiagens intermedias, fazem-n'o assim. Quando o inverno é bom, dá duas, três, quatro e mais cheias, porém não corre constantemente. Não ha um só rio perenne; nenhum que corra durante todo o inverno por maior que seja. As cheias são subitas; as vazantes mais subitas ainda. O sertanêjo jámais disse — o rio correu; diz: — «o rio desceu».

Vai-se de viagem. Subitamente o rio, que está «pelos mattos» de cheio, corta o caminho. Pára-se á margem surprezo e contrariado. E o cargueiro diz com singeleza e segurança:

— «Moço, desapeie aqui na sombra. O sol tá alto; póde ser meio dia. De tarde a gente passa.»

E effectivamente, á tarde se passará com agua ao peito do cavallo e ao outro dia passar-se-ia a pé enxuto.

Nessas cheias o nivel do rio extravasado do leito chega a alturas inacreditaveis. Uma vez, indo por

uma várzea com um amigo, este acostou o cavallo a uma cêrca, onde uma carnahúba se erguia direita e alta para o céu, levantou-se nos estribos e pousou a mão espalmada, estendendo o braço, num golpe de foice que ferira o tronco lá acima. Disse-me depois:

— « Aqui chegou a agua do rio o anno passado. »

*

* *

Dias depois das chuvas, de todos galhos negros e resequidos, num subito desabrochamento — como um milagre dos céus — brotam fôlhinhas verdes, medrosas, transparentes ao sol. É a « rama ». O gado atira-se a ella gulosa, faminta e avidamente. O capim só nasce depois. Dahi dizer o mattuto quando o inverno vai bem: « o gado já come no chão », o que quer dizer que o gado já deixou de comer a rama das arvores e então devóra o capim que surge do sólo.

O capim, quando timidamente nasce, cobrindo o chão de um leve tapête vêrde claro, chama-se « babugem ». Dia a dia cresce numa força prodigiosa de vitalidade e seiva. Nascida a babugem, todos os animaes do sertão, que vorazmente a comem, são atacados de uma especie de dysenteria, pela mudança de alimento e pela sua qualidade. Alguns, ainda fracos da sêcca, morrem. São as ultimas victimas.

As vaccas, ainda magras, mas com o olhar farto e os ventres cheios, mugem alegremente no pateo das fazendas. O sertão reflorido muda de physionomia. Fica verde, todo verde, de um verde lindo, novo e forte, que alegra a vista e o orvalho borrifa pela madrugada clara. O bugi[1] cresce velozmente sob as arvores, ao pé das cêrcas altas; as tiriricas sorriem ao sol, emergindo ainda tenras, á margem dos desfrequentados caminhos, dentre crêspos tufos de beldroéga pequena; o milhã, o mimoso, o panasco, o junco, o québra-panella, curvam-se á briza perfumada da manhã na vastidão das varzeas, onde os quandús[2] já se enfeitam com os festões verdes e as flôres amarellas do melão de S. Caetano. Da ponta dos galhos, entre a folhagem, pendem velhos ninhos, abandonados na sêcca, que os sebites curiosamente espiam e visitam com mêdo. Os tapêtes de relva se estendem e alongam, matisados de xananas brancas. As trepadeiras grimpam nos troncos verdes, enfestôando-os. O sertão, pobre de flôres, se arreia de quantas a avára natureza lhe deu. Nos prados, escondidas nos hervanços, diminutas, mesquinhas flôres de um branco cinza, vivem sem beijos da luz, morrem sem lagrimas do orvalho. Á sombra das cêrcas das capoeiras, nascem flôres azûes, pequenas, de um feitio de môsca. Nos

[1] Capinzal.
[2] Carnahúbas pequenas, novas.

carcavões de mofumbo, espanêjam-se jytiranas roxas, de um rôxo religioso de tunica de santo. Nas ribanceiras, desatam os botõesinhos tristes, rachiticas flôrinhas amarellas, sem nome, sem odôr e sem belleza. Pobres flôres! O sertão adústo e selvagem não póde comprehender a amenidade da sua dôçura; quando as fôlhas cahem, não têm mais abrigo contra o sól, e, depois de mortas, ficam esquecidas no leito sêcco dos ribeiros, sem agua para lhes fazer o enterro ao suave sabor da correnteza debil!...

Borbulham córregos no recesso verde das catingas. Escorrem grótas, cantando, pelo escalvado dos cerros. As ipueiras cheias cobrem-se duma pasta densa de fôlhas aquaticas muito miudinhas. Nas c'rôas empantanadas mais se emmaranham os cipoáes. A herva brota até das fendas dos diques toscos de pegmatite, nas covoadas e nos mocosáes [1] das serras. E o gado já não mais vem estacionar no pateo da fazenda, com olhos onde brilhe uma curiosidade faminta, ou malhar perto das cacimbas, tanta agua demora pelos mattos. Dizem os sertanejos: «onde elle come, bebe». Nédio e sádio vai beber, por vezes, pendurado á barranca dos açudes e mergulha no frescôr do liquido empastado de

---

[1] Altas parêdes de rocha, esburacadas, onde habitam mocós, que são uma especie de preá *(Cavia Rupestris* o 1.°, *Cavia Aperea* o 2.°).

agua-pés a cabeça bronca, com palpitações de narinas no mergulho e bérros de prazer ao levantál-a, sacudindo as gottas e fitando o céu.

Tudo está alegre, seivoso, vivo. A terra como que resurgio de suas proprias cinzas, miraculosamente. E essa resurreição tem um que de prodigio: — relembra um desses admiraveis e dôces milagres de outras éras, quando andavam no mundo os santos emmissarios dos deuses: e os mortos resurgiam erguendo com as descarnadas mãos as tampas de marmore dos sarcophagos, e as estatuas moviam-se das stéles, pausadamente, e os trigaes alouravam as espigas numa noite, e a agua limpida da fonte se tornava em vinho escuro de Emmaús. Dias antes a sêcca comburia o sertão. Veio a chuva, tudo se transformou. Hoje, no céu se amontôam nuvens escuras e a agua humedece a terra. Á margem das lagôas, á proporção que desmaia a barra de sangue do sól no poente, os juncos sussurram, conversando com a agua quêda e limpa, onde os gyrinos das rãs nadam velozmente, — contando-lhe talvez toda a longa amargura de sua sêde, toda a demorada e constante saudade de sua vizinhança e de seu carinho; e ella lhes paga a singela confidencia com o dôce e fertilisante contacto de seus humidos labios. Entre as serrotas, em esverdeadas estagnações, nos atoleiros perigosos, borbulhando espumas, os sapos coaxam soturnamente.

Tudo sorri, a selva, o prado; a varzea aos beijos do sol; o regato ao reflexo tremulo e enru-

gado dos canniços; os arvoredos ao rocio inconstante que passa; o céu azul á caricia dourada da luz.

Já os proprios ruidos da selva têm outro tom e significam outras cousas. O bracejar dos velhos coqueiros na barranca dos açudes denota a alegria das raizes fartas; e o ranger dos galhos nas catingas espessas não relembra mais a alma das arvores chorando as miserias da terra e sim o coração da floresta que murmura os prazeres da abundancia. E os urubús lentos e negros, tonteiando em vôos espiralados, lançam o faminto olhar ao arcabouço branco das rêzes que a sêcca prostrou...

*

* *

Os passaros que fôram acossados pela sêcca voltaram como por encanto: saltam nas moitas, poisam nos carnahúbáes, andam em revoadas alegres; gorgeiam, chalram, trinam, chilreiam, ruflam as azinhas, eriçam as pennas do pescoço debil e percorrem com grande alegria toda a gamma dos sons num admiravel perolar de cadencias. Só o suspiro da jurity, remoto e demorado, é eternamente triste e eternamente saudoso.

As nambús piam nos roçados de milho, escarafunhando á cata de insectos as palhas sêccas, estralejantes. Os perequitos que voltaram das praias

devastam as plantações. As marrécas nadam aos bandos nos açudes e nos lagos.

As lagoas calmas, limpidas, suaves, sem um rictus na epiderme clara, sem uma ruga do roçar de azas da viração, azulando o reflexo verde-negro das montanhas, são como grandes espêlhos esquecidos sobre a immensa verdura dos prados, onde as nuvens que passam se miram com preguiça... Nas suas margens andam pernaltas de toda a especie, avoêjam passaros de toda a sorte. Corta o espaço, ás vezes, nostalgico, silencioso, branco, um vôo alto de garças... Muito cêdo, ao romper do dia, as arapongas soltam o estridulo grito metalico, e nos pedregáes, catando cobras, as acauans berram com estridor. No ar palpitam as azas polychromicas das borboletas inquietas.



É o tempo em que o vaqueiro veste o terno de couro e vai, diariamente, em procura das vaccas amojadas[1] para trazêl-as ao curro, com o bezerrinho mais tenro do que um anho, trotando ao lado desageitadamente, — alegre como quem abriu os olhos e logo viu, na innocencia da primeira idade,

---

1 Prestes a dar á luz.

pelo prisma róseo da abundancia e da fartura todas as maravilhas do mundo: — a terra que se estende banhada de luz e o céu que se arqueia todo cheio de sol!

Vicejam as plantações feitas em Dezembro e Janeiro com as primeiras «chuvadas». Os curraes enchem-se de vaccas leiteiras que acordam a urrar pela manhã cêdo. Ao pôr do sol, o vaqueiro chama-as do pasto, sentado nos páus da porteira, aboiando [1] num tom dolente e longo, que se eleva no alto, echôa nos pedregáes e se funde cheio de dôce saudade, esmaecendo na grande melancolia da tarde. Ao escurecer, os bois reboleiros [2] repousam ruminando em torno da casa. Pela manhã, soltas do chiqueiro, as cabras ganham as pastagens, berrando ás crias, emquanto os «pais de chiqueiro» [3] bufam coçando-se ás cêrcas ou aos pulos e cornadas; as ovêlhas passam juntinhas, cerradas, branquejando ao sol por entre as hervas verdes e altas, os olhos nos borrêgos, prestes a defenderem-n'os do carcará [4] traiçoeiro que lhes fura os olhos e arranca a lingua, da rapôsa arteira que os preia.

É o tempo da abundancia e da alegria.

---

[1] Cantando um canto especial dolente, triste, longo.

[2] Que vivem rondando a casa e o curral, curiosos e velhacos.

[3] Bodes reproductores.

[4] Ave de rapina.

Depois, ao findar de Junho, férram-se[1] os bezerros, soltam-se as vaccas. O vento principia a erguer turbilhões de pó e fôlhas sêccas ricochêteantes. Começa novamente a estação sêcca. O gado vai-se approximando das casas e cacimbas. Póços, ipueiras e açudes rebalsados séccam. Circulam noticias de ribeiras onde a sêcca já entrou, de outras que ainda estão fartas. Apanham-se as ultimas vagens de feijão, quebram-se as derradeiras espigas de milho. Volta o tempo das amarguras: e os sertanejos humildes e crentes, á noite, no altar singelo da fazenda, resam de olhos nas luzes que clarêam os santos, pedindo a Deus e a S. José — advogado das chuvas — que o inverno torne em Dezembro, que não falte em Janeiro para alegrar de novo a face triste do sertão.

1 Marcam-se com um carimbo de ferro em braza.

II

O gado no sertão é criado á lei da natureza, solto pelo matto em fóra, sem o menor processo de pecuária intelligente.

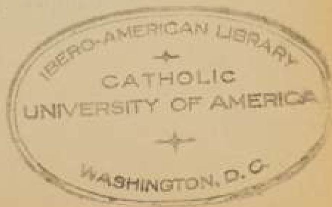
A porção de gado que um vaqueiro tem sob sua «jurisdicção», sob sua guarda, chama-se uma «entrega».

Em Junho soltam-se os garrotes, que se vão criar pelos mattos, dependendo de sua vontade procurar alimento, de sua dextreza ou felicidade escapar ás onças. Estão ferrados [1], assignalados [2], castrados, serradas as pontas dos chifres, — é quanto basta. As terras não têm cêrcas, nem vallados, nem divisões de especie alguma. O gado de uma fazenda vive de envolta com o das outras e vice-versa. Á tarde, na cacimba, o vaqueiro vê o gado quasi todo, conhece-o um por um, sabe de sua origem, des-

---

1 Marcados a fôgo.

2 Marcados com córtes nas orelhas.


IBERO-AMERICAN LIBRARY
CATHOLIC
UNIVERSITY OF AMERICA
WASHINGTON, D.C.

trinça a arvore genealogica de uma rez num momento; nota que a rez Fulana e a rez Cicrana bebem na cacimba tal, que a Beltrana come em tal pasto; vê, então, quem falta á revista mais de dois dias seguidos e toma providencias. Andando diariamente pelos mattos, sabe das que têm feridas e bicheiras, das que andam enfermiças, adoentadas, tontas de tingui. Campeia-as [1], tange-as para o curral, cura-as. Quando não sabe noticias, os outros lh'as dão.

Muitas vezes, uma rez matreira e espevitada vára os sertões, vai parar ás dezenas de leguas de distancia. Um, dois annos depois, chegam noticias. O vaqueiro vai buscál-a. E lá, na fazenda onde ella se acoutára, entregam-n'a com as crias que teve, já marcadas nas orêlhas com o signal da fazenda de onde fugira. Assim se entende a honradez no sertão.

Encontrando os vaqueiros rêzes bravias, barbatões sem ferro e sem signal, e conseguindo pegál-as, não as tomam para si, ferram-nas para o santo padroeiro de sua freguezia. Si desconhecem o ferro de uma rez ou, como dizem, «não tendo presente ferro que com aquelle dê encontro», guardam-n'o de memoria, para dar «amostra» na proxima reunião dos vaqueiros da redondeza. É obrigação moral de todo o vaqueiro dar noticias das rêzes que

---

1 Campear — procurar a rez pelo matto, pelo campo.

encontra; e essa mutualidade de informações mantém cada um em dia com o que vai pelo gado da ribeira.

*

* *

Cada fazenda tem seus curráes, grandes cercados de «páu a pique» [1], divididos, e com porteiras para se passar de um para o outro. Num se recolhem as vaccas á tarde, para mugil-as pela manhã; noutro se férram, assignalam e capam as rêzes. Qualquer destas operações é chamada um «beneficio», sendo o curral — «curral do beneficio». Os bezerros são ferrados, deitados no chão, sustidos pelas patas por dois homens. As rêzes maiores são laçadas pelos chifres com uma forte córda de rêlho crú, ensêbada, escorregadía, passada pelo vinco dum póste — o mourão. Puxam-n'a de um lado, e o animal vai encostar a cabeça ao mourão com um gemido surdo. A marca de ferro escandecida, rubra, chia-lhe fumegante no dorso. Dois talhos instantaneos de amolada faca assignam-lhe as orelhas. Um golpe ligeiro, rapido, certo, decepa-lhe os orgãos virís. O serrote range nas pontas agudas das armas aceradas. Dois, três sertanêjos fazem esta série de operações num momento. A rez finca as patas no

1 Palissada.

sólo como a sustêr-se de um grande pêso, quasi nunca escouceia, dá um rugido lento, doloroso, lásso, de uma grande dôr paciente, emquanto as lagrimas quentes, gróssas como punhos, rólam dos grandes olhos tristes, mórnos, de uma grande dôçura e de uma grande bondade...

*

* *

Um pouco de estrume esfarinhado é o remedio que se põe para estancar o fio de sangue que escorre pelas côxas e gottêja vagaroso, pingando no chão pesados borrões rubros. Depois, durante algum tempo, o vaqueiro vigia as rêzes «beneficiadas», porque a varejeira, com toda a certeza, porá suas larvas naquella chaga. Criando bicheira, si fôr pegada, o remedio é uma lavagem de creolina ou um pouco de mercurio em pó. Sendo difficil encontrál-a ou mettêl-a no curral, recorre-se ao curandeiro, que, com uma simples «benzedura», voltado para o logar onde ella demora, faz cahir todos os «tapurús».[1] O vaqueiro, ás vezes, tambem sabe de «rézas fortes» e cura o animal, andando pelo rasto que deixou e rezando, soturno e baixo, num longo murmurio e num recolhimento de crente: «Males

---

[1] Vermes.

que comeis, a Deus não louvais! Permitta, meu Deus, que todos caiaes! De um em um, de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro, de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete, de oito em oito, de nove em nove, de dez em dez, que não tenham pés!» As «pisaduras» das séllas curam-se com sêbo quente.

Affirmam e juram os sertanêjos — que não ha «bicho» que resista á «cura pelo rasto» e á «benzedura» do feiticeiro, nem ha mêzinha melhor. Raramente tentam qualquer esforço contra os carrapatos e as doenças do gado — o «mal triste», o «rengo» [1]. Com uma grande calma fatalista de arabes rosnam: «Quem póde ir contra os castigos que Deus Nosso Senhor manda!»

As vaccas amojadas dão á luz, no abandono, pelos mattos, e só depois do parto vai o vaqueiro buscál-as para o curral.

O gado dorme ao relento, quer chôva quer não chôva, jámais soube o que foi a sombra de um telheiro, o que é o aconchego de um estabulo. A natureza o educa semi-bravio, rude e forte, com todas as qualidades de resistencia á grande miseria impiedosa das longas estiagens.

Da mesma maneira são criados cavallos, jumentos e burros, carneiros, cabras e pórcos. O sertanêjo só denomina «gado» ao gado bovino; aos

---

[1] Peste de cadeiras.

*

cavallos, burros e jumentos chama «animáes»; ao ovino e caprino, «miunças» ou «criação». «Criação» tambem diz dos gallinaceos. Os pórcos só são enchiqueirados[1] para a céva, a «engorda»; vivem ordinariamente a se espojar afocinhando a lama das ipueiras, no inverno; a correr famintos e magros, na sêcca, pelos agrestes e carrascos, cêrdas duras e arrepiadas, olhos vivos, com a ferocidade de javardos e a crueza de queixadas. Dizem os sertanejos que elles andam amontados. Amontar-se é tornar-se selvagem, vivendo no matto. De resto, a differença da vida commum dos animaes no sertão, para a vida bravia não é muito grande.

*

* *

Em certas occasiões, no inverno, afim de fazer a «apartação» dos gados misturados, reune-se a «vaqueirama» toda de uma ribeira. Escolhe-se um campo, um «taboleiro», um vasto prado, proprio ás proêzas da estardiota sertanêja. É um dia de festa, como o adjuncto para os seareiros. Todos se apresentam em seus mais folgados e melhores

---

1 Prêsos em pequenos cercados.

«cavallos de campo», arreios fórtes, vésteas[1] pespontadas de branco. É a vaqueijada.

Os vaqueiros tocam todo o gado daquella redondeza para aquelle logar. É um bello espectaculo: centenas de vaqueiros fórtes, desempennados, vestidos de couro de capoeiro[2] da cabeça aos pés, cavalgando num baralhamento entre nuvens densas de poeira; milhares de rêzes, mugindo, «batendo os chifres», medrosas, espantadiças, corcoveando, escoucinhando-se numa barafunda de movimentos e sons, que de quando a quando domina o urro potente e pausado de um novilho fusco, balanceando o cupim[3] lustroso do pescoço.

Começa a «apartação», a divisão do gado em lotes confórme os donos. Trocam-se noticias de animáes sumidos, roteiros de gados tresmalhados, alborcam-se boiotes e novilhas, barganham-se cavallos. Quando uma rez «arranca» assustadiça do meio da boiada e vára campo em fóra, prompta a «amocambar-se»[4] nos mattos, partem-lhe quasi sempre dois vaqueiros no piso: um cerca-a de lado, «fazendo esteira», e outro procura pelo outro lado, «tarrafiando», «fazer mão na bassoura»

---

1 Roupas de couro.
2 Veado.
3 Pequena corcova que os touros têm no pescôço.
4 Esconder-se.

— pegar-lhe o rabo, «fazer piauhy», dar a «mussíca» e o «quedaço».

Ha todo um *argot* na vaquejada. «Fazer piauhy» é dar um certo geito ao rabo já seguro da mão afim de derrubar a rez — dar-lhe o «quedaço» ou «tombo», o que se consegue com um forte puxão — a «mussíca», fazendo-lhe perder o equilibrio das patas trazeiras. Este é o processo de pegar todo e qualquer bovino em qualquer parte. Cahido elle, o vaqueiro apeia-se ligeiramente e passa-lhe a «surrupeia», entrave de rêlho que o impede de correr, põe-lhe a «mascára»[1] sobre os olhos e tange-o para o curral.

Quando a rez, «açoitada pelos ares», dá o «tombo», toda a «vaqueirama» estruge enthusiasmada, numa alegria infantil de gente simples e primitiva: «Viva o vaqueiro!» Si o vaqueiro erra o golpe, volta ao meio dos outros, descoroçoado, a cabeça baixa sob os «echos» da assuada estrepitosa: «Cabra frouxo! Molleirão! Empalemado![2] Come longe!»[3]

Ha vaqueiros terriveis que jamais deixam de «enrolar»[4] a rez «arrancada». Os outros resmungam: «Aquelle damnado bóta sempre no sacco!»

---

1 Placa de couro que se prende ante os olhos da rez. O mattuto pronuncia a palavra como está accentuada.

2 Opilado.

3 Amarello, anemico.

4 Derrubar.

E elles, orgulhosos, cheios de «róço»[1], com bravatas no olhar e no gesto, rosnam que «nunca pegaram na saia[2] que não vissem o tombo!»

Dividido todo o gado, a um signal do «cabeça de campo»[3], os vaqueiros de cada fazenda tocam os gados de suas «entrégas». Um vai á frente, aboiando. É o «guia». Cercando o gado, quasi na frente, seguem os «cabeceiras»; ao meio, os «esteiras»; mais atraz os «costaneiras», e por fim, na rectaguarda, os do «couce». E, assim, ao lento e tristonho aboiar do «guia», echoando ao longe nas penedias das devêsas, rompe a cabisbaixa boiada pelo caminho tortuoso e poento, rumando á fazenda proxima, cerrada, resfolegante, com um passo pesado, em cadencia, que esmaga os tufos de hervanços, e resôa soturno nas grandes lages de syenito bruto, que calçam por vezes trêchos da estrada, faiscando ao duro tropear dos cascos bipartidos...

A toada plangente do aboiar, dizem os vaqueiros, tem a propriedade de «humanisar»[4] o gado, tornando-o triste e scismarento. Ás vezes até lhe escorrem dos grandes olhos baixos grossas lagrimas vagarosas...

---

1 Orgulho, fama.
2 Rabo.
3 Vaqueiro chefe.
4 Amansar.

*

* *

Como na idade-média havia justas, no sertão ha vaqueijadas de luxo, cujo fim é a ostentação da força e da destreza, e não a util «apartação» dos gados para se saber do estado e do augmento das «entrégas». Nellas a festa é feita com ordem e fartura, regada de bôa aguardente, com lautos jantares de leitões alourados na grelha, quartos de carneiro guisados, grandes postas de carne de vacca cozidas com gerimum. Paga as despezas de uma dessas raras festas a bolsa provída de abastado fazendeiro na alegria ruidosa de um baptisado, de um anniversario ou de um casamento feliz.

Os vaqueiros são divididos aos pares. As rezes «arrancam» açuladas propositalmente. A assistencia é numerosa,—gente de toda a parte, vizinhos, parentes, amigos, homens, mulheres, meninos; todos abrigados á sombra das arvores, no recosto das escarpas, sobre as gramineas macias, como em palanque de gala de antigos torneios.

Concorrem á reunião «cabras marroeiros» — rudes topadores de bravios touros, costumeiros a «portarem-se nas rédeas» [1], no embate rijo de

---

[1] Segurarem, aguentarem o cavallo.

alimarias ferozes, que « fazem parede, entupindo no fundo »[1], arrancam « tapitys »[2] com « mussícas » de gigante, « escornam marroás de cupim »[3], « puxam »[4] e dão « tombo » em novilhos « piçarros »[5], em « brabos »[6], não aguentam « palleios »[7] de « cabeças de campo », e ao menor arranco de vacca manhósa cravam as « ferramentas »[8] no « vasio »[9] do « cállo »[10], deitam-se sobre o « ginete »[11] bordado e se « escancham no mucubú da macaca »[12], « açoitando-a pelos ares » com um bérro retumbante de victoria...

*

*　*

Ás vezes acontecem desastres nessas justas de vaqueiros: um cavallo atira o cavalleiro com o es-

---

1 Correm ao lado, juntinho da anca da rez.
2 Caudas.
3 Fazem cahir por sobre os chifres os touros velhos.
4 Fuxam pelo rabo.
5 Famosos.
6 Bravos.
7 Desafôros.
8 Ferramentas.
9 Barriga.
10 Cavallo.
11 Sélla.
12 Correm junto ao rabo da vacca.

pinhaço na aresta de um penedo; um galho baixo, traiçoeiro, no entrar da catinga, apesar da gróssa aba dobrada do chapéo de couro, espatifa o craneo de um «marroeiro»[1] valente, em desabrida carreira; dois cavallos que topam peito a peito, num encontro, á disparada, e emborcam para o chão, a golfar espuma sangrenta da bôcca, arrastando os cavalleiros, rebentando-lhes na quéda, na ponta agúda dos seixos, o thorax robusto, partindo-lhes o braço, a perna, a cabeça, ás vezes matando-os logo num escoucinhar raivoso de immensa dôr.

A vaqueijada tem um cunho selvagem: a morte de um vaqueiro ou uma rez que québra as patas com a violencia do «tombo» e escabuja sobre o panasco, entre a poeira, aos urros, aos urros...

Quando «succede uma desgraça», a vaqueijada pára, morre o riso em todos os labios e a alegria se apaga de todos os rostos. Volta-se para as fazendas. Montados nos seus «cavallos de campo», olhos vermêlhos, os parentes da victima vão em silencio, sustido o desfallecimento do corpo a curvar-se amollecido na rigidez da rude armadura de couro de capoeiro, côr de tijôlo.

O morto ás vezes é o filho unico de um velho vaqueiro, de um veterano das catingas, de um heroe encanecido na lucta contra os horrôres das sêccas, mostrando na face avelhentada rugas profundas á

---

1 Pegador de touro.

semelhança de erosões em socalcos de argilla. Ninguem o procura consolar na grande mudez de sua dôr. Elle marcha só, rigido, erecto : e de quando a quando uma lagrima grossa lhe rola pela face ruguenta, numa lentidão de gotta de orvalho que escorre pelo tronco de uma aroeira sécular...

III

De Novembro a Dezembro, na dôce esperança de um bom inverno, «brócam-se» os roçados. E quando raia o dia de Anno-Bom, começam as «experiencias» pelas quáes o sertanejo ignorante pretende saber si choverá ou não. A primeira «experiencia» é esta: a contar do dia 1.°, cada dia é considerado um mez do anno: 1.° é Janeiro, 2 Fevereiro e assim por diante, até 6 que é Junho, ultimo mez da estação chuvosa. Conforme chover naquelles dias, choverá naquelles mezes. A 13 de Janeiro faz-se a «experiencia» de Santa Luzia. Dizem que é a mais «verdadeira». Divide-se um pedaço de papel qualquer, a lapis ou tinta, em seis partes. Em cada uma se escreve o nome do mez a que deve corresponder e nella se põe uma pedrinha de sal. Depois, deixa-se o papel exposto ao sereno a noite toda. Conforme se derreterem as pedrinhas de sal, maior ou menor será a abundancia de chuva. Por fim, quando o inverno começa escasso, irregular, aváro, cheio de negaças, inde-

ciso, e o veranico [1] de Fevereiro tortura o gado enfraquecido, matando a lavoura com a praga da lagarta, a derradeira esperança é que a 19 de Março, dia de S. José, dois dias antes do equinoxio, o inverno se regularise e farte a adústa terra resequida e negra...

*

* *

Toda e qualquer plantação no Norte chama-se «roçado».

Demarca-se o terreno em que se quer plantar, medindo-o por «passos». Commummente um «roçado» tem de cem a duzentos «passos» em quadro, porquanto o sertanejo não possúe grandes recursos, nem arrisca toda a sua reserva de sementes, sabendo que não conta com a chuva e que precisará replantar o «legume» [2]; de resto, nem todo o terreno do sertão se presta á lavoura; muitas zonas são unicamente proprias á criação, refractario ao amanho o sólo de calcareo primitivo, todo cheio de silex, sedimentos micaschistosos, quartzos rolados na profundeza de um metro. As

---

[1] Pequeno verão.

[2] Todo o cereal é assim denominado.

lombadas dos cerros são preferidas para algodão, os «ariscos»[1] para mandióca, as baixas planas para milho e os encharcados para arroz.

Demarcado o terreno, aceira-se o matto em quadro com cuidado e vagar. Entram, então, naquelle quadro seis, oito homens, de foices em punho. Começa a bróca, que é o cortar dos galhos e dos ramos gróssos. Após a bróca, vem a derruba. Entra o machado em scena, rebrilhante, feróz, impiedoso, rangendo ao entalar-se nos troncos fortes, de onde resaltam hastilhas ainda humidas de seiva, lascas de cortex pontudas e finas. A matta geme e — como guerreiros que tombam chapeados de ferro aos golpes dos montantes — as arvores vão cahindo com fragôr. Por fim, nenhuma arvore, nenhum arbusto ficam de pé. E ainda, incansaveis e encarniçados, os sertanejos golpêam e mutilam os troncos e galhos já mortos pelo chão, dividindo-os em curtos tóros e finas taliscas.

Passam-se muitos dias. O sol sécca o arvorêdo derrubado. Quando as fôlhas tomam uma côr avermêlhada e se engêlham arripiadas ao calôr, queima-se o roçado. Fazem-se grandes e rudes archotes de palha de carnahúba ou de ramagens, e com elles ateia-se fôgo aos quatro cantos. As labarêdas apparecem, tremem medrosas ao primeiro sôpro da briza, vão crescendo e alastram-se bara-

---

1 Logares sêccos.

lhadamente em linguas rasteiras, colleantes. E por entre as primeiras chammas, como energumenos, saltam os roceiros, de fachos em punho, accendendo os mais altos montões de galhos, as rumas de fôlhiços, as touceiras de capim amarello, cuidando em que não «incrúe», isto é, que não queime sómente aqui e alli, por falta de vento que atice o fôgo ou por não estar ainda o matto bem sêcco. Logo que o vento abranda, esmorece em sôpros estafados, gritam uns para os outros, para os meninos, que sempre, curiosamente, vêm olhar a queima:

— «Assobia! Assobia, menino!»

É crença geral que um certo assobio demorado e longo tem a singular propriedade de chamar o vento. O sertanejo debulha uma porção de milho, depois passa-o de uma vasilha para outra, deixando-o cahir do alto, afim de fazêr vôar as cascas ténues. Põe um pequeno ao lado, encarregado de assobiar ao vento, açulando-o. Muitas vezes elle mesmo o faz.

*
* *

Queimado o matto, ainda sobram grossos troncos que o fôgo não poude destruir, outros que, ainda verdoengos, não se queimaram. Fazem-se então as «coiváras» ou fôgueiras parciáes.

Emfim, cahem as primeiras chuvas. A cinza

molhada aduba a terra. Destoca-se o terreno e planta-se. Antes de plantar, porém, com os grossos galhos escapos do fôgo faz-se a cêrca. Se ella é de ripas entrançadas, á semelhança de tôsco cesto, chama-se de «quebra-dêdo»; si de longas varas descansando em supportes da fórma de X, de «tesoura».

Prompto o roçado, preparada a sementeira, o sertanejo finca fronteiando a cêrca alta vara rematada por uma caveira de boi ou por um simples chifre. Diz elle que é para livrar do máu-olhado dos invejosos e de outros feitiços que dão esterilidade á terra.

É, indubitavelmente, um ultimo resquicio de velhos cultos e velhas superstições da humanidade, da crença em poderosos talismãs que attrahem sobre os vegetaes e animaes a abundancia e a vida; derradeira reminiscencia do culto da Fecundidade que fez os antigos collocarem em todos os logares onde ella era appetecida, amuletos extravagantes e obscenos, isolados, appensos a animaes, ou sob a fórma mais culta de Terminos, Hortanes e Hermes Casmillus...

Então começa o plantio. Primeiramente se fazem as «covas», á enxada. Depois vai-se-lhes lançando as sementes, logo cobertas por um jacto de terra, atirado com o pé. Dos cereáes, o feijão é o mais preferido pelo seu rapido crescimento, carregando com tres mezes e com menos, tornando a carregar, si as chuvas fôrem constantes. Plan-

tam-n'o sem escôlha, colhem-n'o da mesma maneira: uma lata ou um sacco de feijão tem de todas as qualidades, côres, feitios e tamanhos, desde o «mulatinho», ao «de arrancar», ao «de corda», ao «carêta», ao «quebra-cadeira», ao «acalenta-menino»[1]. De vinte em vinte dias, mais ou menos, limpam-se os roçados dos capins, das beldroégas. O sertanejo chama a esse acto a limpa, do mesmo modo que ao de queimar denomina a queima. É synthetico no seu rustico falar.

*

* *

A colheita do feijão chama-se a apanha e a do milho, quêbra. O feijão apanhado é espalhado no barro do terreiro, ao sol, para séccar. Sêcco, malham-n'o a páu, para largar as cascas. Limpam-n'o e guardam-n'o em caixas de fôlha de flandres — velhas latas de kerozene — fechadas com tampões de cêra de abêlha ou de sabão, para não dar o

---

[1] Essas denominações decorrem do aspecto do feijão: o mulatinho é muito escuro, quasi preto; o de arrancar, porque para colhêl-o se arranca o pé; o de corda, porque os seus galhos lembram cordas; o carêta, porque as suas pintas brancas fórmam uma especie de carêta; o quebra-cadeira, porque sendo muito rasteiro, quem o colhe é obrigado a se baixar muito, ficando com as cadeiras doridas; o acalenta-menino, porque é tão bom, dizem, que acalenta os proprios meninos chorões.

« bicho », o gorgulho. Ás vezes, com o mesmo fim, passam-n'o no fôrno quente da « casa de farinha ».

O milho, quando maduro, é quebrado na propria haste e lá fica, pendido, exposto aos raios do sol. Poupa-se assim a armazenagem. Quasi não ha ladrões. Sómente o vento, ao findar de Junho, ergue altos turbilhões de palhas, que os gados assustadiços olham ao longe com mêdo. E, quando se precisa de uma certa porção, tira-se e debulha-se. No fim do inverno, precisando-se da palha para os animáes, guarda-se o resto. Ao dar o milho as primeiras bonecas, espigas tenras, envoltas em longos fios dourados, diz o mattuto que — bonecou ; e si a inconstancia das chuvas e a fraqueza da terra produzem espigas fanadas, quasi sem grão, é milho de « tamboeira ».

Arrancar a mandióca e transformál-a em farinha é a desmancha ou farinhada.



Nos trabalhos dos roçados, brócas, quebras, queimas e limpas ; na apanha do feijão, na quebra do milho, na desmancha da mandióca, fazem-se os adjunctos [1]. Reunem-se todos os vizinhos em casa

1 Mutirão, em Minas.

daquelle que precisa fazer qualquer desses serviços. Esse fica devendo, a cada um, o tempo que trabalhou para elle. Em certos mezes, levam-se semanas a fazer adjunctos: hoje, em casa de Fulano; amanhã, na de Beltrano; depois, na de Cicrano. E, assim, auxiliando-se mutuamente, vencem todas difficuldades. Entre a gente do sertão, não concorrer aos adjunctos e não dar noticias de gados sumidos, são peccados tão mortáes quanto negar agua ao viajante sequioso. Esses adjunctos têm a poesia das vindimas na alegria dos seus folgares, danças e elegiacos descantes á viola. E nos namoricos com ciumadas provocantes, findando em luctas sangrentas, onde as facas luzem, os cacêtes rodopíam e os golpes cahem lentos, ferozes, vê-se o resto de selvageria que o sangue indio, casado ao negro, deixou na alma tôrva dos mestiços.

Terminado o serviço diurno, após o jantar fornecido pelo dono da casa, todos fazem «roda» na «casa da farinha» e matam o tempo a escutar os «casos» de um velho caçador já corcundo, alva barba esfarripada, que gaba sua perdida dextreza, lastima ser tolhiço e morrinhento, relembra o que passou, conta do caipóra feiticeiro, de suas traças e artimanhas, do seu immenso poder, quando montado num caitetú arrebanha aos bérros as manadas de pórcos selvagens na espessura das selvas; ou ao ouvir os descantes de um «cantador de pé de viola», um «poeta» inspirado, que declara a ardencia de sua paixão a uma das moças presentes, toda enco-

lhida e desconfiada, olhos negros e pestanudos, baixos de acanhamento, falando, troçando ao mesmo tempo com os que vão chegando, chocarreiro e alegre:

— « O cipó da matta virgem
Amarra o jacarandá,
Assim, menina, em teus olhos
Ando eu bem preso já. »

— « Amigo que vém de fóra,
Que na róda agora entrou,
Me dê accêso um cigarro,
Que o meu n'agua se molhou. »

*
* *

A «casa de farinha» é um vasto telheiro sustido por columnas de madeira ou alvenaria. A mandióca, entulhada ao meio da casa, é, commummente, raspada por mulheres, sentadas ao chão, armadas de quicés [1]. Uma raspa a raiz até o meio, outra acaba de raspál-a. Quando apostam para vêr quem vence em ligeireza na raspagem, chamam «jogar capóte». Raspada a mandióca, ralam-n'a num «caitetú» [2] de lata, prêso a uma especie

1 Faca pequena.
2 Rálo cylindrico, assim chamado por analogia dos espinhos com o porco selvagem do mesmo nome.

de mêsa com bordas, o «cevador», e accionado pela polía de rêlho de uma grande roda que chia irritante, tangida por dois homens robustos, nús da cintura para cima, untados de suor, com musculos que reluzem, como tendões de bronze, no esforço. Em algumas fazendas move-o uma bolandeira, grande róda puxada por bois ou burros. Aquella papa de mandióca ralada, a «massa», vai então para a prensa, enorme armação de madeiras rijas, o braço ou parte superior de páu d'arco empennado, as «virgens», madeiros de sustentamento, de aroeira; tudo de grande força e de grande rusticidade. A mandióca, encartuchada em palhas de carnahúba e depositada numa parte funda, uma especie de caixa, armada na mêsa da prensa, é espremida sob um grosso e pesado «chaprão»[1], empurrado por um «brinquete», um tóro curto de forte madeira. O braço da prensa, abaixando-se vagarosamente por meio de um alto parafuso[2] feito de grosso cerne, movido pelo «prenseiro», pesa no «brinquete» que vai empurrando o «chaprão» sobre a «massa». Por baixo da prensa, de uma frincha, escorre a «manipueira» esverdinhada — o sumo venenoso da mandióca triturada e espremida.

Depois de imprensada, a «massa» é peneirada

---

[1] Corruptéla de pranchão.

[2] «Fuso» da linguagem sertaneja.

no «côxo»[1] e torrada num grande fôrno de alvenaria, com as fendas dos tijólos largos mal tapadas a barro. Mexe-a com uma longa vara um mestiço indolente, o «fôrneiro», mascando o «mapinguim»[2], resmungando em voz baixa versos tôscos do sertão, rindo simiescamente ás «prosas»[3] das raparigas da tulha[4], de quando a quando tossindo sobre a farinha alvadia, á inaturavel afumadura da lenha resinosa, escapando-se pelas frinchas da mal feita parede.

Um jornalista francez, escrevendo suas impressões de viagem em terras da Turquia Asiatica, dizia que nessas provincias ottomanas era tal o atrazo da agricultura — que muito pouco se usava o arádo e nunca se ouvira falar de outros instrumentos agricolas mais aperfeiçoados.

E o que diria elle, si fôsse ao sertão do Ceará, onde jamais se trabalhou de arádo e a terra nunca sentio o dente da charrúa, onde a cinza da queimada é o adubo da terra, a generosidade do inverno — base da agricultura, a imprevidencia — lei geral, unico instrumento — a enxada, — felizmente de ferro, egual, porém, no cabo tôsco e no manêjo, áquellas com que o homem primévo cavava o chão

---

[1] Grande caixa de madeira, escavada num tronco, de um feitio de canôa.

[2] Corrupção de Baependy — fumo de Baependy.

[3] Graçólas.

[4] Montão de mandioca para raspar.

duro, enfiando tuberculos, quando o rio negava peixe, a floresta caça e outras tribus mais fortes, occupando as paragens ferteis, cohibiam a migração? Que diria, ao vêr a rustica simpleza dos « aviamentos » de uma « casa de farinha », seu tom de machinismos primitivos, os tramites difficultosos e atrazados de uma desmancha, de uma farinhada, a ingenuidade daquella fabricação? — Que o amanho do sólo nos sertões do Norte é mais primitivo e mais rude do que a agricultura das poentas e pedregosas provincias da Anatolia...

OS ANIMAES

I

O CACHORRO

II

O CAVALLO

III

O GADO

IV

AS AVOANTES

I

Quanta particularidade interessante na vida áspera e rude dos sertões do Norte é descurada por completo pelos que se têm occupado em descrever costumes sertanejos — particularidades dignas de reparo e descripção, pois, como doutrina Schopenhauer, é tarefa do escriptor tornar interessantes as cousas pequenas! E já que Gautier e Zola dedicaram paginas lindas ás sedosas gatas de sua estimação, não será descabido que eu dedique este capitulo á humilde figura do cão sertanêjo, não só pelos serviços que presta, como por sua vida cheia de soffrimentos.

Os cães sertanejos não têm origem certa, nem raça determinada. São a resultante de uma mistura ethnica elaborada pelas condições de vida através o tempo, que se não póde explicar. São de todos os typos e tamanhos, côres, malhas e feitios, pêllos sedosos ou arripiados, focinhos curtos ou longos, orêlhas cahidas ou de pé. Multiplas e varias são, tambem, suas aptidões. Uns são eximios farejado-

res, perseguidores incansaveis das rapôsas, dos féros e astutos *canis brasiliensis* e *vellutus;* outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro: ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das gallinhas dos assaltos nocturnos da rapôsa, do guaxinim e do gambá. O mattuto designa de um modo especial a aptidão dos cães: «cachorro» *bom* de gado, *bom* de caça, *bom* de rapôsa.

Na generalidade os cachorros do sertão são pequenos, óssos á mostra, fulvos, arrepellados, gafeirentos, selvagens e valentes. O seu olhar glauco, melancolico e dôce, segue anciosamente todos os gestos de uma pessôa: estão sempre sob o temor de uma pancada, de um máu trato. As suas pituitarias finissimas sentem o guaxinim ao longe; os seus ouvidos atilados percebem o estalar distante de um gravêto sob a pata forte do gado, no sombrio recesso das catingas. São caçadores e pegadores de gado. Ninguem nunca os educou; jamais os ensinaram: fizeram-se por si na selvatiqueza dos matagaes espessos, no descampado das várzeas solitarias e tristes.

*

* *

Quando o inverno enche de alegria e abastança a mansão sertaneja devoram ás goladas vorazes o sôro dos pótes de coalhada, ás dentadas ferozes restos imprestaveis de uma rez abatida; lambem o

ultimo resquicio de sangue no logar onde esfolaram um boi; róem um ôsso, aproveitam rebutalhos da mêsa, migalhas de pirão. Engordam um poucochinho. Ainda assim não fartam as exigencias da nutrição. As sobras do sertanejo são parcas, mal bastam ás gallinhas e ao «capado» do chiqueiro.

Na grande miseria da estação sêcca morrem á fôme. O que o dono tem em casa é pouquissimo, mal lhe basta; nada lhes póde dar. Então, famintamente, luctam pela vida nas várzeas, nas selvas, nos serrotes.

Os lagartos, o tejubú e o tejuassú, gostam de se aquentar ao sól de meio-dia, deitados nos fôlhiços. Elles sabem de seus logares predilectos; espreitam-n'os dias a fio. Pilham-n'os, geralmente, após carreiras furibundas através dos matagaes crestados. Feridos nos espinhos, chicoteados pelo rabo flexivel do animal, armado de uma serrilha cortante, de púas finissimas, férram-lhe os dentes á gorja; rasgam-lhe raivosamente o couro escamento, esverdeado, duro; despedaçam-n'o. Nesse dia feliz almoçam ou jantam.

Onde quer que farejem rapôsas, perseguem-n'as com furia. Matam-n'as; mas por maior que lhes ande a fôme não as comem. Eliminam aquelle concurrente de caçadas, esfaimado sempre e sempre astucioso. É a imperiosa necessidade da concurrencia vital.

Caçam todos os animaes que pódem. Nada lhes escapa: nem a tejubina verde, fugidía e esquiva,

nem a maritatáca[1] fedorenta. Tudo lhes serve. Seguem os dois brócardos mattutos: «O que não mata, engorda»; «Triste do bicho que outro engole!»

*

* *

Dormem ao relento no terreiro dos casáes, uivando ao longinquo pisar de um animal suspeito, ladrando ao vulto veloz de um cavalleiro que atravessa a noite. Chovendo, encolhem-se a tiritar na alpendrada, ganindo baixinho, com frio. Nas noites de luar contam suas queixas ao rosto branco do astro poetico; ademais, esta mania é peculiar a todos os cães. Castro Alves conta de vinte cães vadios ladrando á densa garôa que envolvia a lua e Von Zedlitz diz na «Revista Nocturna»:

> « Á meia-noite, quando todos dormem
> E ladra á lua o silitario cão...»

Varêjam leguas e leguas de matto denso, alta noite, em busca de um capricho amoroso. E quando recebidos hostilmente por companheiros zelosos e egoistas, dão combate. Ennovelam-se aos ladridos e uivos pelo chão, rangendo os caninos, esfiapando

---

1 Juguaritáca — Jacarécaguá dos Indios — *(Mephitis-Suffocans)*.

carnes a porejar sangue, relembrando aquellas brigas noctivagas dos cães de Constantinopla, narradas por D'Amicis.

*

* *

São salteadores. Têm deshonestidades desavergonhadas. Roubam o conteúdo de um alguidar descuidosamente esquecido no giráu de uma cozinha, um pedaço de tripa a séccar de uma vara exposta ao sol. Furtam o boião de sêbo que o vaqueiro deixou enganchado aos mourões da porteira, após ter curado as pisaduras dos jumentos de carga, esfregando-o com força, aquecido, a derreter-se. E — o que é inacreditavel — comem as alpercatas de couro que o mattuto deixou sobre um banco, devoram um cabresto de rêlho, pendurado de um cambíto [1] mais baixo que puderam alcançar, róem um lóro de sélla, uma aba de carona [2]. Embora não possam os dentes romper a dureza do couro, ficam horas esquecidas a mastigál-o, enganando a fome. Ella justifica tudo : os mareantes luzitanos, quando a bolacha faltava e os gageiros não avistavam o vulto longinquo e esbatido da terra desejada a sujar o recuado

[1] Cabide tôsco.

[2] Carona, no Norte, é uma capa de couro com bolsos, onde se guardam mudas de roupa e objectos de viagem e que se põe por cima da sella.

contorno do horizonte, comiam as sólas dos sapatos e as guarnições de couro das vergas. Na velha xacara da «Náu Catharineta», talvez originada nas sagas runicas dos navegadores escandinavos, se lê:

« Puzeram sóla de môlho
P'ra o outro dia jantar...»

Um dia conversava com o dono de uma fazendóla, bebericando café á sombra do alpendre, olhando em tôrno o sertão sêcco, desfôlhado e triste. Surprehendeu-nos uma gritaria infernal de meninos á solta. O sertanêjo chamou os filhos. Appareceram suados, afôgueados, vermêlhos do sol, chicotes, cacetes e pedras em punho. Eram uns cinco. O mais velho explicou ao pai o que acontecêra: — «Foi, papai, aquelle cachorro branco do Joaquim Theodoro que ia carregando as suas alpragatas [1] da beira do fôrno, lá na casa de farinha.»

De outra vez ia eu de viagem. Ao passar num logarêjo chamado Feijão, pela frente de uma taverna, vi diversas pessôas correrem aos gritos em pós um cachorro que levava á bocca um cabresto de rêlho. Roubára-o de uns comboeiros alli arranchados e ia manducál-o pelos mattos.

---

1 Alpercatas.

*
* *

O cão sertanêjo desconhece o agrado. Nunca lhe fizeram uma caricia. Põem-n'o fóra de casa para que não furte alguma cousa e não encha os quartos de pulgas. Ademais, elle tem originalidades: gosta de se enroscar dentro dos caçuás,[1] de repimpar-se sobre os montões de arreios e mantas, de dormir confortavelmente alojado nas liteiras de viagem. Tratam-n'o quasi sempre ás chicotadas e quando o aborrecem dizem que está «damnado»[2], dão-lhe infusões de hervas venenosas a beber ou matam-n'os ás pauladas.

Precisando de seu auxilio, assobiam-lhe: e elle vai, muito alegre, satisfeito, balançando a cauda. Jámais se nega; nunca se recusa. Vai á caça e só lhe dão do producto óssos roidos e limpos que trinca com furor. Persegue os pórcos da vizinhança, que se vêm chafurdar nas cacimbas do gado, toldando a agua. Pega ao nariz os asperos novilhos; mette boiadas no curral. Nada recebe em paga. Não se revolta. Não se furta siquer ás tarefas. Seu olhar manso e velludoso só lampeja ao avistar os animaes damninhos e trapaceiros.

É humilde, obediente, triste e desconfiado. Des-

---

[1] Canastros grosseiros em que os animais carregam objectos.

[2] Hydrophobo.

confiado é ao extremo. Sua vida quasi selvagem, o descaso com que é tratado, deram-lhe essa feição ao caracter.

Quando os sertanêjos comem sentados ao chão, sobre rude couro de boi, segue a comida com a vista, desde que deixa o prato atufando a tôsca colhér de estanho, até se sumir nas mandibulas; e todas as contracções da deglutição. Si um pouco de farinha espalha-se pelo chão, lambe-o até arrancar o derradeiro carocinho. A mim, que muita vez comi, sentado em duro couro, um pouco de ovêlha cozida com pirão, parecia ter o seu olhar a força dos Raios X e varar-me os tecidos, acompanhando famintamente o descer do alimento pelo esophago até o estomago... Ficava penalisado. Atirava-lhe um pouco. Devorava. Mais confiante, com os olhos tristes, lacrimosos, pedia mais. Adivinhava uma compaixão na minha generosidade: dahi o pedido. Dava. Quasi sempre, um sertanêjo intervinha:

— «Ora, seu moço, deixe esse preguiça. O matto tá cheio de bicho. Em vez de ir caçar tá aqui acerando a janta!» [1] E levantando o braço: — « Vai-te embora, cachorro! »

Pensava então na fome que deveria curtir, no supplicio tantalico de vêr os donos comerem indif-

1 Acerando a janta — Apreciando o jantar á espera de qualquer coisa.

ferentes, quando um passageiro sensivel, generoso por não conhecer as agruras da vida, alli não comêsse com os vaqueiros.

No entanto, faminto e fiel, ao menor aceno do dono, estaria prompto a bater as estradas, o ventre pegado ao espinhaço, ajudando-o a conduzir as rêzes manhosas e a caçar pelos abruptos contra-fortes das serras luctando dentro dos folhiços, em lide brava, com os maracajás[1] mal feridos e com os coatis[2] agonisantes.

Nunca me sahirão da lembrança aquelles lebréus esqueleticos, sentados tristemente sobre as patas trazeiras, « acerando a janta » ou vendo o vaqueiro esfolar uma rez, com aquelle olhar fito e immóto a traduzir todo um mundo de cobiça, todas as angustias crueis de uma grande fome, toda a sua paciente resignação!...

*

* *

Muita vez dois ou três desses desgraçados, varejando juntos as vastas catingas, acúam uma onça numa quebrada de monte. Si é uma maçaroca mofina, uma sussuarana medrosa, queda-se á espreita, olhos em fôgo, no seu ultimo refugio. Mas, si é uma pintada ligeira, uma prêta ferocissima, um ou dois

---

1 *Felis-Pardalis.*
2 *Nasua Sociales.*

*

lá ficam a escabujar nas hervas, os intestinos de fóra, a cabeça espatifada por uma tapona formidanda. Heroicidade de famintos! E o dono juntando companheiros ao remoto uivar dos magros cães, lá se vai de clavinote e terçado, matar a malvada sangradôra dos cabritos transviados.

O proprio dono rouba-os. Um rapazêlho indolente, morador á orla de uma floresta, contando-me suas miserias, falou-me assim:

— « Graças a Deus, ha dias em que eu passo bem! A minha cachorrinha vai á matta, pega um preá e vem comêl-o no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinhó-o e como-o.

— « E a cachorrinha? »

— « A cachorrinha róe os óssos ou vai atraz de outra cousa... »

*

*   *

Todas as tardes passava a cavallo por uma linda várzea, encravada entre longos carnahúbaés sussurantes. Junto á orla do matto, entre o junco alto e verde, havia a branca ossada de uma rez, que a inanição derrubára alli um anno antes. Uma feita, ao escurecer, avistei um animal agachado entre os óssos. Fugio á minha approximação. Prescutei o carrascal; nada vi. Ao outro dia, mais cedo, voltei a pé, de espingarda, á espreita do tal bicharôco. Lá estava elle, agachado, a roer... Era um ca-

chorro da vizinhança. Vinha enganar a fome, triturando nos dentes uma borda amollecida de tibia, uma cartilagem despregada pela chuva e o sol...

O cachorro é o maior competidor do carcará e do urubú. Abre luta com elles. Junta-se a outros e os enxota da carniça. Após as queimadas procura os animalèjos grelhados ao fôgo, expulsando os gaviões e as acauans ás carreiras, latindo.

O sertanêjo sabe de um apologo, enquadrado no lúgubre scenario de uma varjóta, onde um urubú farto descansa num galho e um cachorro famélico fareja um bezerro morto, coberto de moscardos.

Cachorro, humilde e bajulador:

— « Bôa tarde, seu doutô,
Como vai a senhoria ?
Pela sua cortezia,
Deixa-me roer um ôsso ? »

Urubú cheio de si pelo tratamento illustre de doutor:

— « Com licença do doutô,
Póde comer sem sobroço. » [1]

O cachorro comeu, fartou-se; depois, mófando da prosapia do urubú:

---

1 Sem susto.

— « Foi coisa que eu nunca vi,
Negro de chapéo de sol!
Para que esse tição
Se resguardando do sol! »

Com dignidade e altivez rosnou-lhe o urubú:

— « Vá embora, malcriado.
Cabra sem educação!
Bem entendido é o ditado:
Cachorro não tem razão! »

Bastas vezes vi enxotar e eu mesmo enxotei cachorros, da casa da fazenda, por empestarem o ambiente com o fedor da carniça. Numa fazenda onde estive, havia um cachorro grande, quasi galgo, rajado, — o Gigante. A um kilometro de distancia morava o Raymundo Côco, dono de um cavallo cadúco e piolhento. O cavallo morreu. O Côco atirou-lhe a carcássa num descampado, ao sol. O Gigante fartou-se de carniça. Por fim, os urubús limparam a ossada e, no entanto, o cachorro sahia de casa, á tarde, e voltava, á noite, fedendo horrivelmente. Enxotavam-n'o a páu. Não se podia atinar onde o Gigante comia carne pôdre. O cavallo se acabára. Pela redondeza não havia bichos mortos, pois que os urubús não avoêjavam sobre os mattos. Uma tarde, tive a pachorra de seguil-o disfarçadamente. Num cerrado de moitas, sob uns carcavões de mofumbo, elle tinha enterrado uma bôa provisão de carniça...

Muito testemunhei desses factos, — exemplos de previdencia do animal esfaimado.

*

* *

O cão sertanejo é dedicado e agradecido. Em 1907 estive mezes numa fazenda, em pleno sertão. Andava-me a saúde malbaratada e qualquer cousa sensibilisava-me muito. Na casa apparecia um grande e bonito cachorro, vermelhaço e esperto, — o Leão. Era de um vizinho, um jornaleiro humilde; e como na fazenda houvesse uma certa abundancia, se esquecessem «apáras» [1] de queijo pelo chão e se atirassem óssos e pellancas fóra, preferia-a á casa do dono, vindo sorrateiro petiscar as sóbras. Todos os de casa, sem razão plausivel, por simples birra, mettiam-lhe o cacete, esbordoavam-n'o. E elle humilde, sem um ranger rebelde de dentes, sem um murchar colérico de orêlhas, gania a encolher-se num mudo e doloroso protesto contra aquella tenaz e desarrazoada perseguição. Elle não fazia mal algum; era compassivo e leal; não mordia, não ladrava alto, não ia sacudir pulgas no interior da casa. Ás vezes corria, a uivar pelo pateo, e ia-lhe no encalço o fazendeiro ou o moléque da

---

[1] Bordos que sáem pelas fendas das prensas de queijo quando se as aperta.

cozinha esbordoando-lhe o espinhaço encurvado de mêdo. Feriam-n'o até. Nessas occasiões eu intervinha zangado, e era-me paga da reprehensão passada no moléque um olhar de gratidão, demorado e dôce. Ademais, eu sempre lhe minorava as humilhações dando-lhe comida, acariciando-o. O animal tinha-me grande dedicação. E quando deixei a fazenda, acompanhou-me dez leguas ao sol ardente dos caminhos, sempre na mesma andadura do cavallo. Dormio, satisfeito e placido, sob minha rêde, na pousada. Ao outro dia, tomei o trem na estação do Joá: e elle ficou na platatorma, a uivar de saudade, seguro de uma corda á mão robusta do cargueiro, para não embarafustar de vagão a dentro. É o caso de repetir os versos de Belmiro Braga:

« Si entre os amigos encontrei cachorros,
Entre os cachorros encontrei-te, amigo! »

Um dia « sahi ao campo » com o vaqueiro. O encourado [1] trotava na frente, firme na larga sélla, rigido na sua roupa de couro; eu, mais atraz. Ao lado caminhava o cão de gado, grandes orêlhas pendidas, calmamente.

A estrada tinha curvas bruscas, cotovellos imprevistos. Em um delles o cão perdeu o amo de

---

1 Encourado é quem anda com a roupa de couro, do mesmo modo que empanado é quem anda com a de panno.

vista. Quando lá chegou, elle se havia mettido por um de dois caminhos, que dalli rompiam. Ficou um instante indeciso. Depois farejou um. Nada sentio. Não farejou mais o outro. Metteu-se por elle resolutamente. Comprehendêra que, só havendo dois caminhos e o amo não tendo seguido por um, forçosamente seguira pelo outro.

*

* *

Tive um cão elegante e astuto, côr de bôrra de vinho, manchado de branco, inimigo terrivel de porcos e rapôsas. Ao menor aceno, ao mais pequeno gesto, fisgava qualquer animal. Chamava-se Vampa. Por uma tarde dôce e quente de Maio, atravessava uma longa várzea. O Vampa ia commigo. Um grande pôrco ruivo fossava, espojando-se aos roncos no pé de uma cêrca. Impensadamente açulei o cachorro: — « Isca! Péga! »

O cão de um salto ferrou os dentes no suino gordo e pesado. Os dois rolaram numa nuvem de pó. Fisgado ao pescoço, o porco quasi sem folego guinchava de dôr. Foi quando me lembrei que estava fóra das terras da fazenda e, temendo que o porco ficasse bastante maltratado, gritei ao cão que o largasse e viesse a mim. Mas o animal no ardor da luta não me attendeu. Peguei de uma vergontea de cipó e dei-lhe umas quatro pancadas seguras e rijas. Humilhado e triste, soltou o « barrão » e acom-

panhou-me á casa, desconfiado, á distancia. E desde esse dia nunca mais confiou em mim. Eu sahia, chamava-o, e elle quedava no alpendre a olhar, a fazer féstas com o rabo, porém nunca mais me acompanhou.

*

* *

Têm nomes interessantes esses cães magricellas do sertão. Chamam-se: Rompe-nuvem, Rompe-ferro, Negro, Gigante, Leão, Tigre, Pé-preto, Canivete, Cagalume. Outros têm nomes de «empuiar» a quem os pergunta: Teu-nome, Põe-p'ra-ti. Como se chama? Dois-comtigo. Quando o dono leu a «Obra de Carlos Magno»[1] o cachorro se chama Ferrabraz ou Roldão. Existem alguns com nomes de postos e empregos — ironia sertaneja: Delegado, Tenente, Governador, Capitão. Assemelhando-se a alguem, levam o nome dessa pessôa: Theotonio, João Socó.

Ao lado dos famintos e miseraveis, ha felizardos cahidos nas bôas graças de meninos caprichosos, moradores em casas abastadas, mimos de

---

[1] É um livro de fancaria que todo o sertanejo conhece por ter lido ou de referencias. Traz, salvo engano, o seguinte titulo: «Historia de Carlos Magno e dos doze pares de França, seguida das Aventuras de Bernardo del Carpio».

donos compassivos. Esses são gorduchos e modorrentos. Existem, porém, na proporção de um para mil,—o que não é nada agradavel aos representantes da raça canina obrigados a vivêr na aridez dos sertões do Norte.

O sertanêjo trata-o com descaso e não lhe dá quasi alimento:—é que a comida mal lhe basta; elle tambem soffre fome; os seus parcos restos têm de ser repartidos com as «criações»; pouco sobra para os cães. De resto, tudo serve ao sertanêjo faminto; elle provê difficultosamente á sua subsistencia; e como assim procede, acha que o cão tambem deve por completo prover á sua. A vida é muito difficil: cada qual cuide de si: quem enfranquece e cáe é esmagado.

*

*   *

O sertanêjo jámais chamou o cachorro de cão; chama-o sempre cachorro. Cão significa outra cousa: cão é o diabo.

Nunca rebusquei a origem dessa denominação; mas deverá provir, talvez, de uma velha lenda em que o demonio se apresente transformado num cão, embora no sertão se não fale em algo a esse respeito e sempre se o pinte, apparecendo vestido como homem, mas com os pés de pato.

O que não resta duvida é que o cão é o ente mais desgraçado de quantos habitam os sertões. E tão reconhecida é a sua miserabilidade que o proprio sertanêjo, ao referir-se á vida de um individuo muito infeliz, rosna: — «Aquillo é vida de cachorro p'ra baixo!»

II

O cavallo sertanêjo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridissimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e elle o estima e trata com o maior carinho.

Quer seja noite, quer seja dia, no piso das rezes que «arrancam» ou «espirram» matto a dentro, vára os carrascáes cheios de espinhos, as c'rôas entretecidas de cipós fortes, as catingas cerradas, desce o descambar das serrótas, rompendo os carcavões de unhas-de-gato, escorregando nos seixos lisos, sem hesitações, sem temor e sem cansaço. Não tem ferraduras: o casco acostumou-se ao pedregal e ao espinho, enrijou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmitte esse caracter de adaptação. Raramente fica estropiado.

A sua raça, como a do cachorro, é incerta e de difficil determinação. Deve descender de cavallos portuguezes cruzados com os arabes de uma leva

importada para Pernambuco e quiçá ainda misturados com os dos ciganos, que por ordem da Metropole, em tempos coloniaes, fôram povoar o valle do Jaguaribe. Do arabe talvez provenha o seu porte franzino no aspecto, nervoso, e a immensa resistencia a todas as intemperies e miserias. Finalmente, nada se póde affirmar sobre o assumpto. Dahi o constante *talvez* das frazes todas.

Para transportes o sertanejo utilisa os jumentos, por causa de sua grande resistencia á sêcca. O jumento faminto alimenta-se com tudo que encontra, galhos tenros, fôlhas sêccas; a sua dentadura tem um modo especial de trincar o cardeiro tirando os espinhos; com a ponta fina do casco escarva a terra e retira as raizes pôlpudas do capim-gengibre. Mais resistente que os muares, criados pelo sertanêjo em pequena escala para a exportação, o jumento pequeno e rijo do Norte trabalha mais, — é incansavel. Sua resistencia á fome é de tal fórma que o sertanêjo assim se expressa:

—« Em tempo de calamidade só escapam duas nações de gente: padre cércedote [1] e jumento.»

Esta fraze é de muita ironia e, em verdade, o sertanêjo explica que o jumento tudo devora e o padre passa bem, cria banhas e recebe presentes das beatas...

Antigamente a criação de cavallos no valle do

[1] Sacerdote.

Jaguaribe era tão grande que lá estadeavam os corpos de milicia que a Metropole chamava — Regimentos de Cavallaria Auxiliar; restringe-se hoje aos animaes necessarios ao árduo mourejar das fazendas.

*

* *

O cavallo do sertão é feioso como um corcél kirghiz. Lá uma ou outra vez apparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcóvos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta occasião de correr; depois, as palpebras murcham numa somnolencia lassa. É activo e parece ronceiro; forte e parece fraco; agil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos mattos em fóra, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado. Faz prodigios. É necessariamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos do casco á sarnêlha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quasi sem beber. Num dia faz quinze, vinte leguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso; quando o cavalleiro cáe, pára ao lado.

*
* *

O vaqueiro costuma ensinar-lhe andaduras forçadas: um passo trocado e macio, que o não cança, proprio para viagem — a «estrada baixa»; mais apressado — a «estrada alta»; um outro mais ligeiro — a «meia marcha», subindo em velocidade até á «marcha» e ao «esquipado». Os cavallos de campo, proprios para a «péga» do gado, ordinariamente só sabem a «estrada». Os de viagens e passeios sabem tudo. Nesses passos o cavalleiro não sente o menor solavanco; o cavallo, porém, cança muito e pelo abuso vem a soffrer de «sobre cannas» e «óvas», doenças nos óssos das patas. Deixam-lhes as caudas compridas para se abanarem das môscas, muriçócas, mosquitos, varejeiras, mutúcas e merunhanas, umas que o incommodam, outras que o mordem e sugam. Quando chegam a uma casa, com um brusco puxão de rédeas, param-nos de sopetão, embora venham a galope. Chamam a isto «riscar».

Conforme a andadura, o cavallo é «estradeiro», «estradeirão», «marchador», «baralhador», «esquipador», «galopeiro», e «corredor». O cavallo espantadiço chama-se «passarinheiro»; o manhoso — «mocambeiro»; o que ao «marchar» ergue o collo altivamente — «faceiro»; o que encosta a cabeça ao peito — «encapotado»; o que não sabe ne-

nhum passo — « chôtão »; o gordo, roliço — « de rêgo aberto ».

Pelos dentes conhecem-lhe a idade; pela côr das orêlhas, ainda novo, a côr definitiva que tomará; conforme o pêllo e os diversos signaes, quer nas partes encobertas, quer no corpo, dizem saber as suas bôas ou más qualidades.

Ao cavallo baio chamam « melado » e, segundo as graduações e variedades, « melado de crinas brancas », « melado de cannos pretos », « melado caxito »; o branco — « ruço-pombo »; o branco sujo — « cardão »; tendo rodélas escuras ou patacas — « cardão rodado »; sendo pintado — « pedrez », « cardão pedrez »; com a pelle e as ventas róseas — « gázeo ». Ha castanho, preto, rosilho, fouveiro, fouveirão, alazão, e alazão-dourado. Quando tem os pés brancos é « calçado »; tendo os quartos até o joelho — « arregaçado »; sendo elles pretos — « cannos pretos »; com uma mancha pequena, branca, na testa — « estrello »; estendendo-se a mancha até ás ventas — « frente aberta »; com a parte inferior da cara toda branca — « bebe em branco ». As frazes com que o mattuto determina pela côr as virtudes e defeitos do animal têm um tom de proverbio. « Cavallo castanho escuro pisa no molle e no duro ». « Pedrez é bom de carga e de sélla; quem o tiver nem venda nem empreste ». « Cardão rodado é o bicho [1] p'ra sélla ». « Mellado de crinas brancas

---

[1] Bom.

topa». «Preto é ruim, mas quando dá p'ra bom é bom mesmo». «Quem monta em bebe em branco não póde dizer quando chega nem quando sáe». Á egua commumente chamam «bêsta» ou então — «biscaia», «brivana», «tigéla». Ao garanhão chamam «cavallo de lote»; ao castrado — «quartáu»; ao mal castrado — «roncôlho».

*
* *

Do mesmo modo que os cães, os cavallos têm alcunhas interessantes e originaes, que exprimem a sua força, robustez, velocidade, emfim as suas virtudes por exemplo: «Exhalação», «Pensamento», quando velozes; «Castanhinho», «Batata», pela côr do pello.

Uma vez viajei em um cavallo bonito, elegante e muito resistente. Perguntei ao dono como se chamava. Respondeu-me:

— «Pincel», seu moço; elle é bemfeitinho que nem um pincel.

Um pincel fôra a mais bella cousa que aquelle mattuto vira, ou lhe agradára então ao ouvido o som daquellas duas sylabas...

*
* *

Nenhum animal é tão afamado como o cavallo arabe, nenhum mais vivo e esperto do que o trota-

dor russo de Orloff, mais educado do que o parelheiro puro-sangue, mais imponente do que o garanhão platino: porém na humildade de seu aspecto tristonho o magro cavallo do sertão árido do Norte tem o primeiro logar na lucta terrivel e silenciosa contra a sêde e a fôme, no varejar na carreira, noite ou dia, os mattagáes eriçados de espinhos, armados de estrepes, pisando os seixos lisos, que rolam tinindo até a profundeza das grotas, a galopar á beira das escarpas; — o que jámais fez valente corcel de cossaco em vasta e rasgada steppa da Ukrania, *pingo* de gáucho altaneiro nos pampas desabrigados do Sul...

III

O gado pequeno e rijo do sertão descende, modificado pelo meio, do forte gado luzitano do Alemtejo e de algum das Canarias, com pequenos contingentes de sangue de outras raças, posteriormente introduzidos.

É paciente, resignado e tem a resistencia do cavallo e do cão. Diariamente, ao tempo da sêcca, anda leguas para comer e beber; dahi a dureza da sua carne. Faz pelo exercicio musculos de uma rigidez de aço. Não gosta das pastagens descampadas. Prefere os fechados e as abas de serra, aos prados e ás varzeas.

Geralmente é «liso», de uma côr só, sem manchas; a côr mais commum é o amarello—«liso-amarello», ou mais escuro—«liso-vermelho». O todo esbranquiçado é «liso-alvação»; o branco—«fubá»; o preto—«fusco»; o cheio de manchas «bargado»; o pintado—«cirigado»; o cinzento sujo—«azul» ou «azulão».

Tendo os chifres abertos é «espaço»; um chi-

fre tôrto — « carombó »; curvos para baixo — « combuco »; muito curvos para dentro quasi tocando-se, — « redondo ». Si o feitio dos cornos da rez é estrambotico, descommum, chamam-n'a « hespanhola ». Os chifres chamam-se « armação »; o rabo — « sedenho », « tapity », « bassoura » e « saia ».

Quando nasce, é bezerro, ao romperem os chifres — garrote; depois, si fôr castrado: boiote, boi de anno, boi; si o não fôr: novilhote, novilho, touro. Castrado já novilho, é « chamurro »; criado á solta, sem jámais ter vindo ao curral, bravio, selvagem — « barbatão ». Gordo, está com o « cabello fino » ou « de alcatra coberta »; magro está « escavacado ». Cheio de manhas é « amocambado », « mocambeiro », « estradeiro »; bravio — « arisco »; gostando de espiar a casa da fazenda, de rondar indolente pelo pateo — « reboleiro ». Quasi sempre chamam ao touro « novilho » e « marroá »; quando velho — « marroá de cupim ». Tendo sido engeitado pela vacca em pequeno — «caroára ».

Um vaqueiro topa outro, conta-lhe que viu uma rez desconhecida:

— « Uma novilha bonita, bargada, sem fôgo [1], sem signal [2], parecendo ter sido caroára ».

---

[1] Sem a marca feita a ferro quente.

[2] Sem a marca feita com córtes nas orêlhas.

*

* *

Em Junho, após a férra do gado novo, o vaqueiro tira as «sortes», bezerros que lhe cabem em pagamento da pastoreação: um por quatro. Nessa occasião tambem se pagam os dizimos — reminiscencias dos tempos coloniaes.

*

* *

«Falar por cima do gado» — é falar a respeito, ácerca do gado. Ha toda uma giria especial neste assumpto. Conversa, por exemplo, um vaqueiro, contando que levou com outros um boiada á feira e quasi não fez negocio:

—«O gado tava que nem cavaco de aroeira [1]; os boiotes cirigados tavam attentados de varêja [2]. Iam umas macacas no meio. No descambar da serrota do Catolé, já na varjota do Formiga, se afuleimaram [3] com uns bois reboleiros, cheios de mocambos [4], que espirraram, entraram no brêdo [5].

---

1 Magro.
2 Perseguidos pelas varejeiras.
3 Brigaram.
4 Velhacadas.
5 Entraram no matto.

Deu um trabaião p'ra pegar. Demos nums inxuis de rama[1], sahimos mordidos. Tivemos de parar que já era hora de almoço bravo[2]. Uns tantos bichos ficaram, por mais infúcas[3] que fizemos p'ra segurar elles. Foi um sabão![4] Chegamos na feira com o gado afobado[5], de vasio fundo como em tempo de sêcca. E ninguem queria comprar; offereciam bobage.»

---

[1] Maribondos.
[2] Almoço fóra de horas, atrazado.
[3] Tentativas.
[4] Azar.
[5] Cançado.

IV

A Africa e a Argentina têm gafanhôtos, a Australia — coêlhos; o Ceará tem as avoantes. A avoante ou pomba de bando, como este ultimo nome indica, é um pombo selvagem, pardacento, de pequeno tamanho, de arribação, estadeiando aqui e alli, emigrando sempre, andando á matróca numa alígera bohemia que apparece em bandos numerosos e depois some-se. Deixa os ovos a chocarem ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim.

Surge em bandos incontaveis de milhares de milhares, escurecendo o sol como grandes nuvens sussurantes, feitas do bater de muitas azas, que se abatem sobre o sertão prejudicando as plantações.

O logar em que pousa um desses bandos chama-se um pombal. Trinta, quarenta mil pombas descem numa varjóta, perto de uma pôça, onde estanquem a sêde, para darem começo á postura. O chão fica coberto de uma alcatifa pardacenta, rumorosa, sempre agitada, com um incessante reboliço de azas, que batem, e bicos que escarvam e trituram,

arrúlam e gemem. As arvores adjacentes cobrem-se de pombas, toucando-se assim de fôlhas pardas, movediças, arrulantes, vivas... E dessas arvores para o chão, do chão para as arvores, para o céu, para a luz, para toda parte, constante e incessantemente, partem, voltam, vôam, vão, tornam, pousam, avoêjam. É um contínuo vai-vem, um contínuo mover-se. As do chão luctam entre si, disputando espaço para se aninharem, empurrando-se, beliscando-se, esmagando-se, num sussurrar, num chiar, num farfalhar, num ruge-ruge... Comem vorazmente tudo que alcançam; e á beira da poça de agua, para beber, ainda é maior a lucta e maior a confusão. Ha pombas nas arvores, descansando, nos ares a voar rumorosamente, pelo chão em reboliço e atropêllo, nos capinzaes, nas pedras e nas moitas...

O chão por baixo dellas vai ficando branco de ovos em immensa quantidade, esquecidos entre talos de gramineas devoradas, occultos entre seixos, cahidos a êsmo por toda a parte. Delles se apanhariam cargas e mais cargas. A gente, ao passar, esmaga-os ás centenas. E as inquietas avoantes parece que ficam durante a postura sem o sentimento do mêdo; movem-se, vôam, empurram-se, mas não se amedrontam nem se espantam com gente, calháu ou tiro.

Accorrem pressurosos ao pombal cães, gatos bravios, lagartos, rapôsas, guaxinins, cassacos [1], ga-

---

1 Gambás.

viões, punarés [1], cobras; todos os esfaimados, todos os salteadores e todos os gastronomos. Começa a destruição: pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos chupados, engolidos, espatifados. E ellas nem procuram fugir; entregam-se aos carrascos alheiadas do perigo...

Quando o bando levanta o vôo denso, fica o chão liso, limpo, espanado de hervas e sementes, todo escarvado, escarafunhado, as arvores quasi pelladas—como se já se andasse em sêcca brava. O bico terrivel da praga tudo ceifou. Aqui e alli um montão de pennas ensanguentadas vai se espalhando ao vento, a revolutear...

*

* *

O pombal se estabelece nas terras de um fazendeiro. Elle já sabe que perde o pasto e a sementeira naquelle terreno, mas descontará o prejuizo com as avoantes que matar. Todo o poviléu do Norte come-as com gosto, quer frêscas, quer salgadas e sêccas ao sól. Quando ellas invadem o sertão, os mercados das povoações se abarrotam de «pombas-sêccas», como as chamam, vendidas por vil preço.

Matam-nas a tiro, a pedra e a páu. Até os me-

---

[1] Ratos do matto.

ninos as caçam com béstas e bodoques. Mais commumente, porquanto a polvora custa dinheiro, usam de armadilhas para as apanhar. A mais interessante e mais usada é o fôjo. O sertanêjo procura uma poça de agua onde ellas costumam beber. Cerca-a toda de galhos espinhosos, de modo a impedil-as de pousar, deixando sómente, para que bebam, um pequeno espaço. Nessa abertura aflúem em atropêllo milhares de pombas. Ahi o mattuto cava um fôsso longitudinal, onde se deita, cobrinbrindo-se todo com alta e basta camada de ramos fôlhudos. E com as mãos vai pegando pelos pescoços ás que se curvam para beber. Torce-os. Puxa-as palpitantes e mette-as no urú. Passa alli, pacientemente, o dia inteiro na humidade, com frio; mas á tarde tem morto mil, mil e quinhentas, duas mil avoantes.

O HOMEM

I

TYPOS DESAPPARECIDOS (PASSADORES DE GADO)

II

TYPOS ANORMÁES (CANGACEIROS E CURANDEIROS)

III

TYPOS NORMÁES (SERTANEJOS, FAZENDEIROS E VAQUEIROS)

I

Na sua marcha progressiva do littoral para o centro do Brazil, a pouco e pouco vai a civilização eliminando os typos tradicionaes e apagando ou deturpando os velhos costumes. Raro, tambem, é o vestigio que fica dessas cousas pelo quasi desprezo em que temos as tradições oraes do povo e pelo descaso que, em geral, tem o brazileiro por tudo isso. Assim, não será descabido perpetuar os velhos typos tradicionáes que o tempo vai matando. Muitos delles surgem no sertão em virtude de um movimento de rebeldia e, findo este, desapparecem. Foram assim os «balaios», camponios rebellados numa quasi jacqueria; os «calangros», sequazes de familias que se degladiaram; os «quebra-kilos», mattutos revoltados num impeto de rotina teimosa e desarrazoada contra o systema decimal de pesos e medidas; e o «jagunço». De certo tempo a esta parte generalisou-se o nome de «jagunço» como synonymo de sertanejo do Norte. Nada mais improprio. Jámais o sertanejo do Norte

se alcunhou assim. «Jagunço» era o habitante de Canudos, o fanatico defensor do Conselheiro e quando muito poderia ser o mattuto bahiano; foi uma denominação de certo grupo, porém não um termo geral.

Um desses typos mais originaes foi, no sertão do Ceará, o «passador de gado». O progresso matou-o.

Quando ainda a Estrada de Ferro de Baturité não ligava o centro daquelle Estado á capital, todas as transacções commerciaes do alto sertão se escoavam pelo Recife e outras cidades de Pernambuco, feitas as communicações pelas batidas estradas de rodagem, em costas de animáes. O gado era conduzido á classica e concorrida feira de Pedras de Fôgo, em Pernambuco. O criador cearense enviava suas boiadas á feira pernambucana; vendia-as, e com o producto comprava fazendas e objectos de facil venda no sertão. Muitos fazendeiros levavam em pessôa os seus bois; outros — o que era mais corrente — tinham homens especialmente encarregados desse árduo serviço. Estes homens, affeitos áquella vida meio-selvagem, gozavam da illimitada confiança de seus patrões; eram honestissimos, fortes, decididos e valentes. Chamava-os o povo «passadôres de gado».

Hoje em dia, a Estrada de Ferro modificou as communicações. Não se enviam mais boiadas a Pedras de Fôgo. Desappareceu a razão de ser do passador de gado: elle apagou-se.

Foi um typo celebre. Vive na memoria do povo,

que lhe narra os feitos com profunda admiração por sua coragem calma e reflectida, por suas traças nos transes apertados.

Por causa desse movimento commercial através de vastas zonas mal povoadas e peor policiadas, os salteadores infestavam aquellas paragens, raramente atacando as boiadas, esperando que o passador tornasse com fazendas e dinheiro ou então cobrando um pesado tributo de passagem. Muito chefe de quadrilha era um fazendeiro rico, exercendo a rapinagem na estrada real á semelhança de antigos barões mediévos, aprisionadores de bufarinheiros genovezes, traficantes judeus e cobradores de impostos do erario real. Era perigoso o transito naquellas zonas. Precisavam-se astucia e coragem. Dahi o valôr dos passadôres.

*

*   *

Um delles deixou fama imperecivel. Nascêra na villa de S. Francisco da Uruburetama; chamavam-n'o por isso Chico de S. Francisco. Era um mestiço escuro, da venta de repolêgo [1], sadío e forte, calmo e desempenado. Affectava uma grande modestia no falar arrastado; e quando contavam em sua presença alguma façanha sua, quedava silen-

---

[1] Arrebitada.

cioso num grande acanhamento. Eternamente se queixava de envelhecido, fraco e mofino. Andava sempre «encourado»: perneiras, chapéu, gibão; e, quebrando a monotonia parda das roupas de couro, o largo guarda-peito de pelle de gato, mosqueada de negro e amarello. Do cinto sempre lhe pendia a «parnahyba», a longa e afiada «faca de arrasto»; e seu eterno companheiro era um bacamarte «bôcca de sino», especie de trabuco catalão muito usado nessa epoca, sempre carregado de palanquêtas [1] de chumbo.

Uma feita, o Chico levava a Pernambuco grande boiada de rico fazendeiro. Ajudavam-n'o cinco ou seis tangerinos [2], gente fraca e sem valôr. De distancia em distancia, pelo caminho, havia currães, feitos adrede para o ligeiro acampar dos passadôres. Perto dum, morava o maior ladrão solarengo daquellas cercanias, terror daquelles ermos, — a quem se era obrigado a pagar um certo tributo em gado ou dinheiro, para passar incolume. O cúpido ratoneiro possuia quatro fazendas com engenhos de assucar, «Diamante», «Brilhante», «Estrella» e «Oriente», e uma malta villanaz de acostados tão perversos como elle.

O Chico não fez caso do mêdo dos companheiros; em chegando ao curral, fechou a boiada e arranchou. Fez-se uma grande fogueira. Prepa-

---

1 Balas de chumbo muito compridas e finas.

2 Tangedôres de gado.

rou-se a comida. O dia findou; e, como sóe ser nessas lattitudes, quasi sem crepusculo, bruscamente, a noite cahiu escura e negra. Começaram logo a cantar os caborés no matto e a adejar bacuráus esquivos. Ao longe uivavam raposas. Nas folhagens negras luziam olhos amarellos de curiangos. Vinham para a sua ronda sinistra, todos os animáes da tréva.

O passador acabára de comer, accendêra o cachimbo e dependurára a tipoia [1] sob uns páus brancos fôlhudos. Sentou-se e descansou o trabuco nos joelhos. A fogueira crepitava; as altas chammas torciam-se, ennovelavam-se. Os tangerinos, sentados ou de cócoras, circulavam o fôgo, palrando.

Passou-se algum tempo. De repente riscaram cavallos á distancia. Tiniram armas e espóras. Depois estalaram gravetos e chiaram fôlhas sêccas ao pisar de tacões rudes. Os tangerinos ficaram lividos, a tremer. Deviam ser os ladrões. O Chico manteve-se imperturbavel, na mesma posição. Emfim surgiram da sombra, com reflexos vermelhos e tremulos á luz da fogueira, cinco rostos brutaes, carregados, apavoradores. A chamma palpitante faiscou em boccais polidos de garrunchas e bacamartes. E o chefe adiantou-se aos do bando sinistro, enchendo o claro recinto do rancho com o porte

---

1 Rêde.

membrudo, vestido de couro como elles, guarda-peito sarapintado de pelle de onça, abotoado ao pescoço com fêchos de prata. Deu um «bôa noite» sacudido e rispido, de estremecer. Respondêram-lhe a tremelicar. Só o passador não demonstrou a menor turbação e perguntou com uma grande calma, aborrecido como quem descansa e não quer ser incommodado:

—«O que deseja?»

—«Quanto quer, você, por aquella novilha bargada e espaça, que está lá dentro do curral?»

Nesse tempo o gado era muito barato. O Chico adivinhou a mal disfarçada intenção do bandido; replicou com dureza:

—«Vinte mil reis.»

—«Quer quinze?»

—«Não. Por menos de vinte nem a meu pai, se fôsse vivo.»

—«Pois só dou quinze, ouviu! berrou o «cangaceiro».

Vagaroso, calmo como se conversasse á sombra hospitaleira do seu alpendre, o mestiço tornou, resolutamente:

—«Não vendo!»

—«Bem. Dou os vinte—fiado. Venha buscar o dinheiro na volta.»

Imperceptivelmente o Chico foi-se endireitando na rêde.

—«Fiado, livre-me Deus! Póde ir embora que não fazemos negocio.»

O salteador sentiu subir-lhe a colera á face num fluxo ardente de sangue, como se lhe queimassem o rosto as labarêdas da fogueira. Elle, o terror daquelles ermos, não se via temido, nem de joêlhos lhe offertava um réles boiadeiro o tributo devido á sua rapinagem. Relanceou o olhar em torno. Tiritavam os tangerinos em medrosa espectativa. O Chico era o unico homem. Franziu a catadura numa brusca contracção dos supercilios cerdosos e explodiu num escachoar de improperios, desafôros, tôrvos palavrões. Depois, esguichou na linguagem pretenciosamente estapafurdia do salteador sertanejo, distillando a basofia capadoçal do cangaceiro:

— «Cabra! Não sabes com quem estás falando! Eu sou o celebre João Ferrabraz, senhor de quatro fazendas. Mando-te açoitar pelos meus capangas. Depois asso-te no fôrno de «Brilhante», imprenso-te em «Diamante», deito-te nas caldeiras de «Estrella» e passo-te pelas moendas do «Oriente»!...»

Poz-se de pé o Chico e interrompeu num berro, aperrando a arma:

— «E eu sou o Chico Francisco de S. Francisco, passador de gado do Ceará, filho de todos os diabos! Dou-te um espirro do meu bôcca de sino que te faço vêr estrellas ao meio dia e dar uma cambalhóta de três dias no ar!»

Afastou-se de um salto... Soou uma detonação. E o bandido cahiu com a cabeça espedaçada. Se-

quazes e tangerinos fugiram pela selva em fóra, uns medrosos dos outros.

*

* *

De outra vez ia um rapaz do Cariry a Pernambuco levar grande quantia em dinheiro. Procurou um arrieiro de confiança, homem valente e honrado. Indicaram-lhe o Chico. O rapaz contratou com elle a viagem, embora seus vehementes protestos de fraqueza e falta de coragem. Mas as referencias eram muito bôas e mesmo na occasião não se encontrava outro. Lá se foram, rompendo os vastos sertões ao macio passo dos cavallos. Viajaram dois dias sem novidade. Na noite do segundo dia atravessavam uma zona quasi deserta, sem casas e sem palhoças. Armaram os fiangos [1] ao pé de uma fogueira, sob a ramaria das arvores. Dentro em pouco o moço cochilava preguiçosamente; o Chico cachimbava, sentado na sua costumeira posição. Traziam duas malas com roupas e viveres; numa estava o dinheiro empacotado, escondido a um canto. Haviam-n'as posto no chão, a curta distancia. Os cavallos comiam, peiados, alli por perto. Ouvia-se o tilintar dos chocalhos.

Da sombra densa, imprevista e rapidamente,

1 Rêdes.

surgiram dois cangaceiros, vestidos de couro, armas apontadas.

O pobre rapaz lançou um olhar supplicante ao Chico. Este, em voz alta, desavergonhadamente, respondeu-lhe:

— «Não lhe disse que era mofino? Para que se fiou em mim? Arranje-se!» E voltando-se para os dois, que adivinhavam nelle um cumplice:

— «A mala que tem o dinheiro é aquella de couro mais escuro. A chave está no bolso esquerdo da calça desse moço. E o dinheiro num cantinho da mala, do lado direito. Digo tudo; só quero que me deixem em paz.»

O moço, algido de espanto, não fez o menor gesto, não proferiu uma só palavra. Ficou abatido, derreado. Era aquelle, então, o afamado passador do Cariry, homem de honra, typo de lealdade e exemplo de valentia?

Um dos salteadores tirou-lhe as chaves; e os dois, soffregos, avidos, curvaram-se a rebuscar a mala, ganianciosamente... Com a maior fleugma, o Chico levou a arma á cara. Fez pontaria: e varou os dois, de lado a lado, com certeiro tiro. Depois, ao moço ainda mais surprezo, disse rindo:

— «Não lhe contei que era mofino. Está ahi!»

E eram assim os desapparecidos passadôres de gado.

II

O cangaceiro do Norte é selvatico e feróz, soffrendo de um descalabro nervoso — producto da ancestralidade e do cruzamento ethnographico. Cangaceiro é o homem que vive « debaixo do cangaço ». O cangaço não é sómente, na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro ; é, tambem, o seu modo de vida nomade, desregrado e sanguinario. O termo cangaceiro se extende a todas as modalidades do criminoso nos sertões : é o salteador, o sequaz de atrabiliario e cruel dono de fazenda, de ignorante e perverso chefête politico ; um criminoso perseguido pela Justiça, muitas vezes victima da exacerbação de odios politicos, que vive pelos mattos ás occultas, exercendo vinganças, commettendo desatinos, matando inimigos descuidosos nas largas estradas solitarias ; ou ainda os criminosos degenerados, tarádos pelo atavismo, com nevroses de todas as especies.

Quando esses typos ficam celebres por sangrentas façanhas, os cantos rusticos dos menestreis do

sertão perpetuam-n'os. As velhas contam seus feitos ás pallidas crianças trémulas, anediando-lhes os cabellos, aconselhando-lhes a bondade, indicando-lhes o caminho da virtude com aquelles exemplos.

O typo mais interessante do cangaceiro é o possuido pelo desejo da chacina, do sangue a jorrar em borbotões, submissamente crente em superstições e bruxêdos, com nevroses mysticas que o fazem rezar por alma da pessôa que acaba de assassinar, foragido, esquivo, ás vezes possuido da quixotesca fantazia de proteger os fracos, de fazer triumphar a Justiça, de endireitar erros, de sanar faltas, valente e esforçado em luctas, féro e impiedoso para o inimigo, deixando cahir o punhal da mão a um riso de criança, largando o bacamarte aperrado a uma supplica desesperada de mulher em lagrimas; mixto inexplicavel de psychopathias sanguinarias, de cavalheirêsca generosidade e de amor ao castigo dos que opprimem os fracos, dos que abusam da força e da astucia, dos que roubam pecunia ou honra.

Anda um desses bandidos romanticos por uma ribeira. Chega-lhe noticia de que um individuo, por astucia ou força, deshonrou pobre e ingenua moça, sem irmãos ou pai que a desaffrontem, recusando-se vilmente a reparar o mal. Dá-lhe caça, alcança-o; e, si recusa a reparação, criva-o de balas, espeta-o na faca e deixa insepulto o cadaver como lição aos seductores atrevidos. Ha todo um interessantissimo estado de alma nessas manifestações. O

cangaceiro sente a attracção do perigo, ama a vida de eterno rebellado, gosta de vagar á noite pelas varzeas immensas, acurvado sobre o cavallo vagaroso, perquirindo com os olhos vivos a sombra densa e quieta dos mattos, o ouvido attento, velando, differenciando o longinquo ramalhar de frondes ao vento do ruido gottejante de remoto fio de agua, o pisar do gado a quebrar gravetos do cauteloso andar de esculca matreiro.

O cangaceiro dessa especie é incapaz de roubar e jámais consente que os seus acostados roubem. Tem em grande conta a sua honra e não ha mais susceptivel pundonor que o seu. E' um nevrosado que se superiorisa, synthetisando sómente dos ancestráes as manias deambulatorias e o desejo da lucta. Mata. Na lucta tem qualquer coisa de leonino e de ardente, como se armazenasse nas veias todo o calor terrivel da soalheira do sertão. Fóra do combate, o olhar murcha, obliqua-se desconfiado, não fita, nunca insiste, o rosto abranda-se; e da fereza anterior só ficam traços apagados, — leves commissuras de escarneo franzindo os labios grossos.

Basta muitas vezes uma acção bôa para que se apague da lenda ensanguentada de um desses homens negras e hediondas façanhas. O povo é grato e admira expontaneo as nobres acções.

Os processos da justiça do cangaceiro são summarios e extremos. Não ha meio termo: recompensa, a vida; castigo, a morte. A's vezes ha a

tortura. Um chefe de cangaceiros paira por uma região. Todos os foragidos, todos os criminosos procuram-n'o para se alistarem no seu bando. Parece elle, então, um daquelles funccionarios carthaginezes enviados ao tempo das guerras punicas, para alliciar mercenarios pelos portos dos paizes semi-barbaros. E todos os desesperados, todos os famintos e todos os criminosos corriam a se abrigar sob as insignias da grande republica. O cangaceiro vai recebendo-os e indagando-lhes da vida. Fugindo o individuo á perseguição por crime de morte, entra p'ra o bando; por attentado ao pudor ou á bolsa, é immediatamente fuzilado.

*

*   *

Mas ao lado desses, infelizmente em maior quantidade, ha os profundamente infames e infinitamente miseraveis, degenerados completos, nevropathas ignobeis, tendo a audacia de todas as torpezas e a inclinação para todos os crimes, almas de lama que nunca esboçaram um gesto de compaixão e nunca possuiram o menor sentimento de homem; perversos, covardes, crivados de todas as táras, atupidos de todas as psychopathias, raramente brancos, sempre mestiços de infimo cruzamento, brachycephalicos, prognathas, asymetricos, malformados, faces horrendas, simiescas com contracções de orango e um abrir de mandibulas, desme-

surado, bestial, os olhos baixos num alquebramento de tigre farto ou fuzilando torvos, sob as palpebras grossas, de revéz. Ao rirem-se, os dentes alvos, serrados em pontas, luzem no hiato negro da bocarra como presas de féra, ou sujos, estriados de fumo, viscosos, lembram dentes de um bicho que vivesse afocinhando o lodo. As perturbações nervosas tumultúam e tempesteiam nesses cerebros, incentivando o crime. São verdadeiros monstros: ás vezes epilepticos, de facies envilecidos, craneos deformados, accumulando heranças tôrvas, systematisando as mais vis táras hereditarias. Os seus nomes enchem de horror as populações pacificas, apavoram. Cada um delles é um rosario de torturas, sevicias, barbaridades dahomeanas, scenas repugnantes de sensualismo abjecto, — estigma das mais baixas e depravadas inclinações.

*

*   *

Toda a zona meridional do Ceará, enterrando-se como uma cunha entre os Estados do Piauhy, Parahyba, Rio Grande e Pernambuco, a zona do Cariry, elevando-se do plaino raso do sertão e extendendo-se vastamente num chapadão batido, plano, fertil, sem o flagello da sêcca, de vegetação luxuriante e pastagens magnificas, calçado aqui e alli de fôlhêlos endurecidos, de grandes lages calcareas, pontilhado de cidades ricas com vida propria,—en-

trepostos de commercio com mais longinquos sertões, sem a menor via de communicação e o menor policiamento, com uma herança historica de velhas tradições revolucionarias, de pronunciamentos e banditismos, guardada nos usos sociaes, é a zona do cangaço, o quartel general, o ninho, o refugio dos cangaceiros. Lá campeia o crime á solta, sem peias e sem repressões; lá se albergam os foragidos do sertão inteiro nos bandos numerosos de filhos do crime, que os chefes politicos municiam e sustentam para as suas luctas intestinas, sabendo de ante-mão que o *patriotico* governo do Estado dará ao chefe vencedor honras e propinas. Ha bandos de quinhentos, seiscentos e mais... O chefe em torno de quem se alinham esses bandoleiros fica o potentado da região, manda espaldeirar, chicotear, torturar, matar os seus desaffectos; sáe a campo em arremettidas bruscas a saqueiar povoações, expulsando os habitantes, incendiando o casario tôsco, violentando as mulheres, cevando todos os seus instinctos de inaudita ferocidade.

Não se limita a zona do cangaço á grande chapada do Cariry, do Araripe. Inflecte para o Rio Grande até S. Miguel e Páu dos Ferros; alonga-se pela Parahyba até Souza, Cajazeiras, Piancó e Pombal; alastra-se por Pernambuco, por Alagôas, Sergibe; e, marginando o S. Francisco e o Vasa-Barris, cerceia o norte da Bahia. E' tudo isto o feudo da cangaceiragem. Lá vivem, atravessando as fronteiras dos Estados a esquivarem-se das me-

drosas perseguições policiaes, auxiliando-se mutuamente com informações, homizío e ajuda nas luctas, vagando de cidade em cidade, rapinando e matando.

Tudo isto relembra vagamente guerras mediévas de barões feudaes com incendios de burgos pobres e assédios de castellos roqueiros, ou recorda a Albania com seus beys sempre em lucta, curvado o povo ao peso brutal das exacções á mão armada.

Mal feito e parco é este resumo dos factos principaes do banditismo nos sertões do Norte, porquanto assumpto para um livro inteiro é de sobra o que lá pratica tal gente, agindo sob as determinantes psychologicas da bastardia ethnographica e dos instinctos degenerativos.

*

* *

A existencia dos cangaceiros por essa zona em tão grande quantidade não implica o seu desapparecimento de outras partes. Elles existem, embora fragmentados, dispersos, sem cohesão e sem a força derivativa da união e do mutuo esforço, apparecendo em localidades diversas em fraco numero, como raridade, temerariamente.

*
* *

O cangaceiro, geralmente veste de couro: perneiras estreitas, justas na perna, com uma ponta abotoando no bico longo da chinella; guarda-peito de couro de gato selvagem, de mourisco ou de onça, sarapintado de negro em fundo de amarello berrante, com fechos de prata ao pescoço; largo gibão pespontado de branco; chapeu de couro, untado e esfregado a nata de leite, posto de lado sobre a orêlha, o barbicacho vincando o queixo, com borlas brancas, de fio. Outr'ora, usava bacamarte ou clavinote; hoje a moderna industria deu-lhe o *riffle* Winchester, de repetição, mas não lhe poude tirar a parnahyba, a longa «faca de arrasto», meia recurva, forjada no Crato, enterçada de prata. Ás vezes usam uma garruncha.

*
* *

A vida selvagem do cangaço attrae os cerebros predispostos ao crime, encanta-os, prende-os, fascina-os, leva-os aos mais altos commettimentos, ás mais audazes façanhas. Muita vez numa roda de mattutos, a descansar, um chefe de bandoleiros conta os seus crimes com expressões torturantes, pavoneando-se: — de como sumiu a faca toda no peito

de um alferes de policia em recontro sangrento, ou escapou a pata de cavallo, saltando sebes e vallados, com balas zunindo-lhe aos ouvidos, após ter deixado no junco de uma varzea, inteiriçados, os cadaveres dos companheiros mortos na refrega. De repente, um dos presentes, a face incendida, estuando de enthusiasmo, ergue-se, estende a mão ao cangaceiro e offerece-se para *trabalhar* com elle. Firma o contracto, indissoluvelmente, o aperto de mão. E o individuo, deixando com desamor a mulher rorejada de lagrimas, os filhos famintos, vai vaguear com os bandos sinistros, enchendo de horror a placida vida do sertão. É que accumulava psychopathias hereditarias e aquella conversa, entrando-lhe n'alma, foi a determinante subita que acordou os instinctos latentes.

*

*   *

O cangaceiro é sagaz, precatado e cauteloso, de uma pertinácia a toda a prova, orgulhoso de seus feitos e extremamente traiçoeiro. A traição, a surpreza, a subitaneidade dos ataques, formam o fundo do seu caracter. Esmagar a força mais fraca, esquivar-se á mais forte, deixál-a cansar em perseguições fatigantes, não se deixar surprehender nunca, saltear sempre de improviso, não ser esperado, não se annunciar, apparecer bruscamente, desapparecer ainda mais depressa, fugir do dia, deslizar pela noite

calada: — eis a sua escola. É de ardilezas e resguardos; escaramuça com os mais fortes e só combate destemeroso com o mais fraco e com o que o iguála.

A gente humilde dos sertões admira medrosa aquella vida, acolhe o cangaceiro nas suas aperturas e sobresaltos; e quando sympathisa com elle protege-o, alimenta-o, soccorre-o e esconde-o. Quasi sempre o cangaceiro tem um patrono, — um ricaço do sertão, seu parente ou compadre, a cuja sombra se acouta nas épocas de penuria, quando lhe anda a saude desbaratada, abandona-o a chusma de acostados e elle quebrado de forças e hesitante de animo foge ás perseguições ferózes na asthenia ultima dos degenerados.

*
* *

O Viriato foi dos cangaceiros mais celebres, mais rasteiros e mais tortuosos do Cariry. Era um miseravel, estabanado nos actos, com uma infinidade de predisposições reductiveis ao roubo, ao estupro e ao assassinato. Inventava torturas para as suas victimas. Castrava homens, amarrados como bódes a mourões de porteiras; depois, friamente, sangrava-os ao pescoço. Esperava os freteiros nos caminhos que buscavam o Crato, surgindo da floresta, de sopetão, sem dar tempo aos comboieiros de aperrarem as garrunchas. Quando estava de bom humor, em acabando de roubar mandava embora as victimas; quando não, matava-as alli. Gostava

mais de matar ás facadas do que de fuzilar; dizia que era mais barato.

Manhã de inverno toda dourada de sol, com trinados de passaros nas moitas e uma brisa dôce vergando os juncos altos! Pela chapada do Araripe, levantando o pó da larga estrada, trotava um comboio de mulas e cavallos com cargas. Voltava de Pesqueira, onde fôra levar rapaduras; e os caixotes vazios batiam com um som ôco na madeira das cangalhas. [1] Lá uma ou outra carga de malas de couro alvadio, cheias de fazenda, pesava no costado luzidio de mula faceira, de pescoço erecto e orelhas têsas. Não tiniam os chocalhos, o que era de estranhar, porque é luxo sertanejo andarem os comboios ao argentino som das sinetas, sómente se as entupindo á noite, ao entrar em lugarejos, por via de posturas municipaes protectoras do pesado somno da gente do Norte. O freteiro, mestiço escaveirado e alto, a cavallo, gibão de couro deitado sobre o hombro, meio curvado para a lua da sella, fumava cachimbo. A pé, garrunchas e facas no cinto, os tropeiros tocavam os animaes, estralejando os longos chicotes de rêlho, calças arregaçadas com respingos de lama, o guarda-peito de couro branco de poeira. Ao abeirar-se uma bêsta da orla do matto, arriscando quebrar nos troncos e galhos caixotes ou malas, berravam os tangedôres com mais fortes

---

[1] Sellótes de madeira onde se penduram as cargas.

*

estalos de rêlho: — «Burro! Desencosta!» E endireitando o busto, com a mão alta no ar, o freteiro gritava lá de traz, duro e forte: — «Desencosta! Burro!...»

Numa curva do caminho, de subito, o comboio estacou. Os homens, firmes, deixavam pender as mãos num desalento. Surgira do mattagal o Viriato á frente da quadrilha sinistra. Vinte bacamartes visavam os comboieiros. Berrou uma ordem: — «Ninguem se mexa!» Mais rigidos os vultos ficaram.

Fez um aceno a uns cabras e mandou dar busca nas malas. Depois chamou o freteiro que se approximou cabisbaixo, chapéu na mão.

— «O que é que Você traz?»

— «O que Vossa Senhoria tá vendo: fazendas, miúdezas, uns presentes...»

— «Não quero saber dessas porcarias! Traz dinheiro?»

— «Trago, aqui no bolso, uns oitenta mil reis...»

— «Deixe vêr!»

O pobre homem entregou-os. Guardou na algibeira e, ouvindo dos cabras que nas malas não havia dinheiro, ordenou busca mais completa. Accendeu um cigarro grosso, de palha, apeou-se e esperou. Os cangaceiros procuraram nos suadouros das sellas e nos fórros das cangalhas, nas roupas dos homens e nas peças de fazenda. Alguns nickeis, umas moedas pequenas de cobre foi tudo o que encontraram. Não tinham dinheiro. Podiam ir. Os comboieiros

afivelaram as cilhas, endireitaram as cargas e tocaram o comboio.

De cócoras, o Viriato riscava o chão com a ponta da faca, pensativo. Ao mover-se o comboio, deu um salto e bradou: — « Pára! » Approximou-se e inquiriu do freteiro, casquinando, por que os chocalhos iam entupidos, e commentou que não era noite, nem entrada de villa. Os comboieiros empallidecêram. O freteiro ficou branco, rilhando os dentes num afôgo. E o Viriato deu a ordem: — « Desentupam, meninos, os chocalhos! » Cumpriram-na. Os chocalhos estavam entupidos com sedulas. Então elle alçou o bacamarte e deu ao gatilho. Reboou um estampido. O freteiro levou as mãos á cabeça e cahio de lado, ensanguentando os arreios, o chão e o cavallo que bufou, encabritando-se, espantado. Depois, o corpo rolou molle de uma ribanceira, num rebolo, e cahio num carcavão, machucando-o, espantando borboletas poisadas. O Viriato passou um rapido olhar no grupo timido de tangedôres, fez um gesto e, quebrando a ramaria do carrascal verde, com o bando, sumio-se matto a dentro, em douda arremettida. E o tropear tumultuario dos cavallos apagou-se ao longe...

*

* *

O mais feroz cangaceiro do sertão foi o Rio Preto, negro abjecto e cruel, atarracado e asyme-

trico, de insaciavel sensualidade, que vivia a violentar mulheres, de surpreza, nos caminhos, ou cercando-lhes as casas, quando andavam os maridos campeando o gado. Uma feita, recusando-se uma pobre môcinha a satisfazer-lhe os desejos, amarrou-lhe braços e pernas, e toda a horda soez e vil cevou no pobre corpo os instinctos infames. Depois entupiu-lhe bôcca, nariz e ouvidos com areia soccada, deixando-a ainda palpitante a padecer morte horrivel. Alguns dias mais tarde, os parentes da victima acharam o corpo. Estava disforme, túmido, empastado de sangue, estriado de liquidos viscosos, com arrocheadas manchas e lentas filas de formigas pretas. Os urubús tinham começado a bicál-o.

Correu pelo sertão inteiro um fremito de indignação e começaram os cochichos de revolta contra o negro feróz. Mas ao *rincho de jumento*, grito que imitava perfeitamente e com o qual reunia a matúla, os sertanejos tremiam de pavor e as mulheres, vergando os joelhos, anciadas, imploravam soccorro ao céu. O negro tinha pacto com o diabo. Era, de resto, «curado» de bala e de faca. No seu couro os punhaes entortariam as pontas e as balas passariam de raspão. Tinha feitiço. Ninguem podia com elle. E acreditavam que o demonio nelle se encarnava quando andava a cantar desafios com invencivel jogralice, derrotando os mais celebres cantadores do sertão.

Uma tarde, numa venda, commentando o caso da moçoila, Chico Leite, rico criador da Parahyba

berrou alto — que com mulher de sua familia o negro não tirava palluxio. [1] E mais tarde, ao voltar para casa, certeiro tiro prostrou-o no barro duro da vereda a escabujar nas vascas da agonia. Nessa mesma noite, Rio Preto cercava-lhe a casa, onde só estava a mulher, porque os dois filhos, dois rapazotes, andavam na villa, e a violentava. Passaram-se mezes. Por uma tarde frêsca e suave de inverno, o bando do Rio Preto, vindo do Rio Grande do Norte, cortava pelo espinhaço das serras, descia as abas penhascosas dos contrafortes alcantilados e apeava, já com estrellas no céu, numa fazendóla insulada no vasto plaino do sertão da Parahyba.

Noite alta, o cangaceiro acordou, e de chinellas, em ceroulas, chegou ao alpendre, encostando-se na parede a satisfazer uma necessidade. De umas moitas defronte, onde dormiam pórcos, sahiram grunhidos de suinos despertos e estremunhados. Estalavam fôlhas sêccas. Si se pudesse, apezar do escuro, lobrigar algo sob a ramaria densa do carcavão, ver-se-iam dois rapazes, cosidos com o sólo, armas apontadas, com fiapos de algodão nas miras para serem vistas na escuridão, acommodando-se melhor, rastejando, o que acordava os pórcos. Novo estalar de fôlhas, novos grunhidos estremunhados.

---

1 Não faltava ao respeito. Não fazia desafôro.

O Rio Preto correu o olhar em torno, inquiriu a treva; depois fitou o céu e rosnou:

—«O setestrello tá alto. Já vai madrugando. Porco a esta hora não grita. E' coisa que ha naquella moita.»

Pensou um instante e rio:—«Serão aquelles meninos do Leite?» Ergueu o braço e falou alto, com desprezo:—«Vão p'ra casa, meninos!»

Na moita estalaram fecharias. Dois relampagos clarearam os vultos negros das cousas. O echo respondeu lá ao longe, na serra, o ruido das detonações. E o Rio Preto que já procurava a aldraba da porta, tacteando, cahio de costas com duas balas no peito bronco. Ouviu-se o estampido de uma carreira e depois um arrancar de cavallos varando o matto. O bando do Rio Preto, hesitante, sem poder explicar a aggressão, temendo o cerco de uma força, barricava as portas. O cadaver do negro avultava no alpendre. Ia para amanhecer; cocoricavam os gallos.

*

* *

Da mesma fêlpa que esses dois, igualando-os na fereza d'alma e nos processos infames, surgem centenas de nevrosados: José Dantas, Virgolino, Amorim, Jesuino Brilhante, e no alto da escala, enchendo todo o Norte com a sua fama sangrenta, o Antonio Silvino.

Os cangaceiros luctam entre elles por causa de

rivalidades, sendo a lucta mais commum a do tenente revoltado contra o chefe, por querer ser tão afamado e celebre quanto elle. E' uma verdadeira emulação do crime. E as luctas são medonhas: tiros, golpes terriveis de faca em arremettidas e arrancos dos ginetes tontos, esfiapando roupas duras de couro, descargas cerradas de clavinas atroando as catingas, berros de victoria, insultos á maneira de hostes mediévas, gritos de desespero, torvelinhar de cavalleiros com homens que cahem e batem rijamente no sólo, e corceis que se empinam, nitrindo, as ventas palpitantes...

Os cangaceiros tomam o nome do chefe da récua: os Brilhantes, os Viriatos, etc.

*

* *

Ha o cangaceiro insulado, só, sem bando, sem acostados, matando, praticando desatinos crueis sem malta de sequazes, apparecendo subitamente nas veredas das selvas, rasgadas as roupas nos espinhos, bacamarte ao hombro, gesto asthenico, olhar vago, idiotado, como um ente sinistro e sobrenatural, habitante sombrio das devezas, que defende inexoravel e impiedoso o approximar de fantastico rincão ás gentes aventureiras. São verdadeiros dementes, degenerados completos. Em Pernambuco houve um, o Cabelleira, cuja grande paixão era matar creanças, mandando-as subir em

arvores, de onde as derrubava a tiros. Dizia gostar de vêr a quéda... Esta inclinação para matar creanças desta maneira encontra-se na maioria dos criminosos do sertão: não é typica, é um caracteristico quasi geral. Recorda ás almas doentes dos psychopathas o almejado tombar da caça ferida de galho em galho, aos boléus... O povo celebrizou-o numa cantiga de rythmo moroso, para ninar creanças, morbida, tristonha, arrastada, em que se diz ás mães que fechem as portas que o

« Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem. »

No Ceará encarnou essa modalidade do crime o Cundurú, que preso e degredado em Fernando de Noronha, de lá fugio numa tôsca jangada, abordando ás praias brancas do Acaracú, o que inspirou uma bella pagina ao conhecido escriptor cearense Rodolpho Theophilo. Tinha o mesmo traço caracteristico do Cabelleira — mandava as creanças treparem ás arvores para matál-as; d'outras vezes obrigava-as a se banharem em lagôas e caçava-as como se fôssem patos. Era a paixão cynegetica desperta na demencia do cerebro, manifestando-se exteriormente pela selvagem alegria de matar. Cada morte que o Cundurú fazia, religiosamente marcava com uma cruz, entalhada á ponta de faca na coronha do bacamarte. Estive uma vez num museu

de Fortaleza com elle na mão: um «bôcca de sino», pesado, curto e forte, com a coronha envernizada de preto toda cheia de cruzes...

*

* *

O sertanejo entende a justiça a seu modo. Acha que castigar o individuo que o injuriou foi praticar acto meritorio e não passivel de pena. Dahi recusar-se a obedecer á lei e preferir romper com a sociedade, viver de arribada no cangaço a deixar-se prender pelos soldados de policia. Ademais o sertanejo tem profundo odio ao soldado dos corpos de policia. Chama-os «matta-cachorros». E tem razão. A soldadesca desses corpos é composta da mais baixa e vil escoria das populações, covarde e boçal; vive pelo sertão a fazer desordens nas feiras e a praticar toda a sorte de infamias, desde o roubo ao estupro.

Um sertanejo honesto e pundonoroso commette um crime por espirito de vingança. No seu rustico modo de pensar acha que praticou um acto bom, que a lei não o deve punir, que esse castigo é uma perseguição, uma injustiça insupportavel aos seus brios, que, sujeitar-se a ella, é ser vil e ser covarde. Acouta-se em sua fazenda, fortifica-a, abre setteiras nos adóbes, levanta barricadas nas pesadas portas de umburana. Rodeia-se de sequazes e torna-se cangaceiro. Jámais será o cangaceiro rou-

bador; matará sómente os inimigos, os soldados, ou aquelles que achar que mal procedem e merecem punição. Foi assim que nasceu o Jesuino Brilhante e assim foi que surgio o celebre José Antonio do Fechado, continuando após o primeiro crime uma longa série delles, consequencias uns dos outros.

Durante largos annos, a policia deu caça ao José Antonio e jámais o poude filar. Cercava-o na fazenda entrincheirada do Fechado. Tiroteava-o. As setteiras illuminavam-se de clarões rapidos. Cahiam soldados a granel. E pontaria certeira ia derrubando, uns após outros, os commandantes da tropa, até que ella, desnortéada, enfraquecida, abatido o moral, abandonava a tentativa. Dizia o povo que elle tinha na fazenda tantos acostados que «cada estaca da cerca era um homem armado.»

Uma feita, um official superior do corpo de policia do Ceará, moço e ardente, resolveu acabar com o José Antonio. Mandou sua força, numerosa e aguerrida, acampar num povoado proximo, e, discretamente, á paisana, foi de tarde explorar a cavallo os arredores da fazenda celebre. Encontrou na estrada um homem de meia idade, musculoso e agil, montado em um bello alazão, physionomia sympathica, voz suave e lhana, maneiroso e affavel. Travaram palestra, e o moço, disfarçadamente, foi procurando colher informes sobre o José Antonio.

O desconhecido contou-lhe da fortaleza da casa, da valentia dos acostados, das bôas acções do José Antonio e das razões que lhe assistiam para não

se submetter ás ordens do governo; disse-lhe do modo que praticára o primeiro crime — justa desforra a grande injuria, da sua generosidade e sentimentos humanos. Assim conversando, confiados já um no outro, deram com uma encruzilhada e despediram-se: cada qual tinha que seguir um rumo. Então, o official entrou de declinar, com offerecimentos cortezes, seu nome e qualidade. O outro sorrio, tirou o chapéu, apertou-lhe a mão e disse: — «A minha casa é alli adiante, no desembocar do caminho. Estamos lá ás ordens. E' a fazenda do Fechado e eu sou o José Antonio.» Cortejou e partio. O moço quedou mudo de espanto; voltou á villa e recolheu com a força á capital. Nunca mais perseguio o José Antonio.

Conheci um filho delle, valente como as armas, leal e honesto, que um dia, sendo freteiro de um comboio de viveres, em companhia de um filho de doze annos de idade, na varzea estorricada das Umburanas, defendeu a tiro e a faca as suas cargas do attaque de uma duzia de salteadôres famintos, quando comburia o sertão a secca terrivel de 1888. E sahio vencedor.

Mal empregadas tanta coragem e tanta valentia na prática constante de selvagens crimes!

*

* *

Ha familias de cangaceiros. A herança do crime perpetua-se de geração em geração; e essa gente

vive nas suas fazendas sempre cercada de bandoleiros, aureolada pela fama dos feitos. Têm grande influencia na sua zona, intervindo em todas as questões, quer politicas, quer particulares, tudo podendo e ousando tudo. Assim são por exemplo os Barrosos do Curú e os Paulos do Trapiá.

Ás vezes essas familias degladiam-se por questões de terras, recusas de casamentos entre ellas, insultos a um de seus membros em samba animado ou novena alegre, quando a cachaça esquenta as cabeças; por uma cerca derrubada por alheio gado, pancadas dadas em boi ladrão no pular de cercados de roça. Essas familias meio selvagens têm um rude e susceptivel pundonor; qualquer cousa as injuria.

Matar não é crime hediondo no sertão; é cousa commum. Crime lá é o crime contra a honra e não o crime contra a vida. Assim estabelecem as usanças e querem as condições climatericas e ethnographicas. Havendo occasião, todos matam, mas nem todos roubam. O ladrão é raro; o assassino é commum. Hoje em dia, já o sertanejo se vai modificando com o que lhe ensinam as povoações. Quanto mais proximos de villas ou cidades, mais propensos á velhacada são os mattutos. Quanto mais insulados nas brenhas, menos rapaces. Isto prova que Cesar tinha razão, no «De Bello Gallico», em dizer que, dos gaulezes, os mais fortes eram os Belgas por viverem longe das cidades e de

tudo quanto effemina os animos,—*ad effeminandos animos pertinent.*

Matar para roubar é mais raro do que matar por vingança ou matar por matar. As proprias estatisticas da criminalidade affirmam a grande desproporção entre os crimes contra a vida e os crimes contra a propriedade.

Das familias que acima falei fôram os meus avoengos, os Cunhas Pereira, do Boqueirão, na Ribeira do Jaguaribe, uma das mais conhecidas. Eram bruscos, valentes e generosos. Mantinham acostados e eram nobres, restos dispersos de fidalgos aventureiros que, com Duarte de Menezes, vieram para a Parahyba e se internaram pelo valle do Jaguaribe, ramificando-se em familias diversas, primeiramente vivendo á gandaia, depois amanhando terras e pastoreando gados já em começos de riqueza, em bôas fazendas.

O chefe ostensivo dessa gente, em principios do seculo passado, era o valente José Leão da Cunha Pereira, que foi commandante de uma força auxiliar do exercito legal de Labatut contra a Republica do Equador, e, no combate encarniçado de Santa Rosa, perseguindo os fugitivos, matou o chefe da rebeldia, Tristão Gonçalves, atirando-lhe o corpo aos bichos do matto e trazendo, na ponta da espada, espetado, para mostrar ao general, um dêdo do heróe republicano.

O fim de José Leão e sua raça é uma pagina typica das antigas luctas sertanejas. Um moço pa-

rente delle, da familia Pataca, casou com uma velha rica, sua parenta proxima, contra a vontade de José Leão e por tacita e bem paga dispensa do bispo de Pernambuco. Durante uma viagem, o moço hospedou-se numa fazenda, e foi dormir com os companheiros em commodas rêdes, no alpendre. De manhã, estava morto, frio, inteiriçado. Não lhe manchava a camisa um pingo de sangue. Procuraram a causa do fallecimento. Fôra uma longa e fina agulha de coser saccos de estôpa que alguem, deslisando pela treva, rastejando ao approximar-se da rêde, cravára-lhe silenciosa e habilmente no peito cheio de pêllos. Um dos companheiros lembrou-se de ter ouvido um gemido fraco e longo. E foi só.

A familia Pataca jurou vingál-o na pessôa de José Leão, logo indigitado como responsavel pelo mysterioso crime.

Por dia de sol ardente, flammejante, chispando faúlhas dos granitos, fazendo rebrilhar os longos e desfrequentados caminhos de silica branca, uma matúla de bandidos, chefiada pelos Patacas, surprehendeu a fazenda de José Leão. Na casa estavam elle, a mulher, os filhos pequenos, dois filhos homens e um acostado. Elle armou-se e escondeu-se, acúado como um tigre na furna, num canto escuro da cavallariça, entre montes de capim e palha de milho; os tres correram a um quarto, especie de sala d'armas e paiol de munição. Era todo de altas paredes até o telhado e só tinha uma porta, que,

atarantada, aos gritos, toda pavor e agonia, com os filhos pequenos enrodilhados ás saias, a mulher do José Leão fechou por fóra, atirando a êsmo a chave, para salvar da sanha da récua assassina que chegava os entes queridos. E os bandidos entraram pela casa em furente investida. Os que tentavam transpôr os humbraes da cavallariça cahiam mortos: lá do canto, olhos em fogo, arma aperrada, o José Leão espreitava: — cada tiro era uma quéda.

Os assaltantes tentaram desesperados esforços para arrombar a porta, emquanto os de dentro pediam em altos berros que abrissem, que desejavam morrer fóra, ao ar livre, luctando. Nada conseguindo os bandidos, fôram ao chefe dos Cunhas; matál-o-iam e seriam satisfeitos. Pegaram a mulher e fazendo della escudo ás balas do José Leão, entraram na cavallariça. Saltaram de faca dez ou doze sobre elle. A lucta foi medonha, terrivel. Mas succumbindo ao numero, cahio o valente crivado de facadas.

Então um dos sequazes teve uma idéa sinistra: incendiar a casa e torrar os tres *cães* enfurnados no quarto. Rejubilando, aos berros, a sucia desmanchou as cercas dos curráes, arrastou madeiros, empilhou-os ás portas e lançou-lhes fôgo. Montaram depois todos a cavallo, deram gritos de victoria e de vingança, e em brusca arrancada partiram a galope, varando os carrascaes. A casa ficou a arder com altas labarêdas rubras, crepitando o madeiramento sêcco, as velhas vigas de aroeira, os caibros de mo-

roró. Depois o fôgo chegou ao meio do edificio. Ouviram-se gritos, berros horrorosos de mêdo louco, frenetico, de desespero terrivel. E em torno á casa, toda terror e apavoramento, cabellos soltos, a mulher rondava com os olhos esbogalhados e gritos soturnos, roucos, os filhos pequenos, chorando enrodilhados ás saias. As chammas lamberam o tecto do quarto das armas; dentro chovêram fagulhas e brazas; os barris de polvora estouraram. Foi um estrondo pavoroso que reboou ao longe, echoando nos alcantis, espantando os gados nas pastagens quietas e os garanhões nas varzeas caladas; e logo as paredes ruiram, os restos de telhado abatêram, esvoaçaram mais fagulhas e mais brazas; e cahiram ao longe, em arremeço potente, tições e tijolos, fragmentos de toda sorte...

Foi esta a vingança dos Patacas. E assim são ainda as vinganças sertanejas, pois, durante annos, luctaram no sertão Montes e Feitosas e não ha muito tempo, um chefe politico, a vingar-se doutro, saqueou a cidade de Aurora e incendiou-a. E ella lá ficou, durante dias, na vastidão immensa dos sertões resequidos a queimar, a queimar, as labarêdas ameaçando os céus em turbilhões, clareando os jorros de fumarada densa, palhetando as micas miúdas espalhadas na rugosa e dura face dos grandes pedregáes de granito cinzento...

*

* *

O criminoso evadido, fugido da cadeia antes do cumprimento da pena, escondido em desertos rincões, acobertado pela protecção de um chefe politico ou de um ricaço, é mais uma variedade do typo geral — o cangaceiro. Conheci um, o Joaquim Maciel, cuja vida basta a determinar sentimentos e modos de proceder de tal gente. Era um mestiço claro, alto e forte, mais sanguinario e feroz, quando bebedo, quasi cortez e calmo, quando bom.

Fôra condemnado a trinta annos de prisão por ter morto, numa estrada deserta, uma pobre mulher que se recusára a satisfazer-lhe os desejos, pegando-a pelos cabellos e quebrando-lhe a espinha com o duro joêlho. Fugio um dia da cadeia e homiziou-se no sertão. Um fazendeiro, querendo protegêl-o, fêl-o guarda de um roçado de maniçoba, onde astuciosos ladrões furtavam borracha. O primeiro individuo que o Maciel topou no deshonesto mistér matou com uma só pancada do cavador de ferro. O protector dispensou-o. Levantou uma casinha e foi viver pastoreando uma pequena entrega de gado.

O chefe politico de uma villa proxima começou a utilizar-se de seus serviços. Mandou-o dar uma surra no delegado de uma povoação do municipio, seu desaffecto antigo. O Maciel encontrou o homem

na estrada e, defrontando-o, mandou-o brutalmente apear-se:

« Apeie-se, seu delegado, para levar uma surra!»

O pobre homem, apavorado, branco de mêdo, os braços tremulos numa supplica que os lividos labios mal balbuciavam, apeou-se: e o bandido deu-lhe de chicote até cansar o braço. Depois mandou-o embora. Nada lhe aconteceu.

Muita vez cruzei nas estradas limpas das varzeas com o criminoso feroz pela frêsca da tarde, quando o aracaty rumorejava nas frondes dos carnahubáes e nas sombras que se adensavam sob as moitas gemiam as juritys com saudades do dia. Meio bambo, curvado sobre o pescoço do cavallo, vagaroso o Maciel passava, passeando em tôrno o olhar hesitante, perturbado, e arrastando a voz rouca num — bôa tarde — preguiçoso... E lentamente cahia em tôrno a tarde socegada.

*

* *

Outra variedade do typo cangaceiro é o cabra valentão, famanaz, « desmancha sambas », « acaba novenas », « fecha bodegas », jogador de cacête, faquista, desordeiro. O maior prazer de um individuo dessa laia é armar um rôlo dentro de uma venda e, na confusão, metter o páu nas garrafas, espadanando vinhos e aguardente, derrubando tudo, obrigando o dono a fechar as portas. Outros, no meio das anima-

das dansas de um samba, por disputa mesquinha, atiram uma paulada á lamparina de kerozene e *baixam* o cacête a torto e a direito, no escuro, entre mil gritos, gemidos, uivos, brados, imprecações, vultos que se esgueiram com mêdo. Quasi sempre levam as mãos ao ventre com um urro: mão invisivel cravou-lhe nas visceras a faca pontuda em golpe certeiro, muita vez rosnando com motejo cruel: — « Guarda ahi que já volto! » Sahindo vencedôres, pavonêam-se ao outro dia que « na festa de Fulano o mestre-sala foi o quirin. » Quirin é o cacête meio curto, feito de uma vergontea de duro e fortissimo jucá, assada, de canella de veado, cheia de estrias, de negra maçaranduba ou coração de negro.

Houve uma familia de cabras dessa especie na serra de Baturité—os Meruócas. Uma feita armaram uma emboscada a um destacamento de soldados de policia, attrahindo-os para o matto, longe da villa, com a habilidade de Arminio quando encurralou nos meandros da escura floresta de Teutberg as heroicas legiões de Varro. A lucta foi medonha. Os cabras jogavam cacête com terrivel destreza. E os soldados foram cahindo um a um. Cada um que tombava era homem morto: um braço nervudo abaixava-se e sumia-lhe a faca no peito. Os soldados tinham, havia dias, dado uma grande surra num pobre velho; a vingança era completa. Cahiram todos os que não puderam fugir. De pé, só, valentemente, o sargento, um moço branco, quasi imberbe, esgrimia com um troço de sabre, defendendo-

se da malta raivosa. Por fim, abateu pesadamente. Um mestiço de olhar torvo, face sinistramente picada de bexigas, ergueu o braço. A faca rebrilhou aos raios do sol. Mas o chefe dos Meruócas interpoz-se: — « Não mate o homem, que elle brigou como um valente! » E a voz emocionada, mostrava a sua grande admiração por aquella louca coragem.

Ha destas generosidades quasi inconscientes e ha cobardias quasi inexplicaveis.

O Antonio da Jacyntha, um desses valentões, entrára uma tarde em pobre povoado sertanejo e andara a quebrar vendas mesquinhas, a arrombar portas de miseras casas. Depois sentára-se a blasonar e a soltar torpes desafôros, desafiando Deus e o mundo, no meio da rua. Chegava do campo um vaqueiro, homem pacifico e bom: indignou-se da fanfarronada do desordeiro. Dirigio-se a elle, arrancou da faca e desafiou-o a bater-se. O Antonio da Jacintha, enfiou, recusou-se e abalou covardemente do povoado.

*

* *

Os cangaceiros são presumidos e orgulhosos, e julgam os mais cobardes crimes actos de valentia. Alguns usam para se distinguir, uma trunfa, um cacho, umas farripas encaracoladas pendidas sobre a testa. O povo chama-os « cacheados ».

Em tempos idos houve no Ceará um governador arbitrario e energico, o celebre Montaury. O governador gostava de olhar a rua de manhã, da janella do palacio. Passando-lhe pela porta um desses cabras com cacho, gritava á guarda que o prendesse e cortasse com o sabre a trunfa espaventosa. Hoje em dia o cangaceiro ainda deixa crescer o topete encaracolado, attributo tradicional de valentia como o eram as longas cabelleiras dos velhos reis merovingios.

*

* *

Ao lêr-se o « Noventa e três » de Hugo nota-se uma certa analogia entre os appelidos dos camponios revoltados da Vendéa e as alcunhas dos cangaceiros. E' que ambos vão buscar esses nomes nas cousas rudes do campo, nos animaes bravios, nas madeiras, para exprimirem qualidades humanas physicas ou moraes. O mesmo fez sempre todo o povo primitivo. No livro do grande escriptor vemos: Dansa-na-sombra, Gouge-o-verdelhão, Canto-no-hinverno. Temos no Norte: Orêlha-de-sóla, Cobra-verde-do-ôco-do-mundo, Caninana, Pajehú, Chico Diabo, Peixe, Zé Piranha, Vicente Canella, Caetano Fubaca, Péba, Come fôgo.

De resto, appelidar-se foi sempre attributo dos guerreiros barbaros, e a cangaceiragem não é mais do que um bruxolear do espirito bellicoso, manifes-

tando-se em gente muito baixa pelo cruzamento e pelas táras.

*
* *

O bandido, o salteador, o degenerado tôrvo de faculdades deprimidas, o chefe politico vingativo e máu, o criminoso romantico, mixto de generosidade e selvageria, crueldade e nobreza, o chefe de familia pundonorosa, susceptivel, barbara, o foragido, todos são «cangaceiros», todos têm a mesma paixão pela lucta, a mesma inclinação para essa vida incerta, vagabunda, com o perigo de uma emboscada em cada moita, de uma cilada em cada risonha hospedagem: o mesmo espirito ardiloso e premunido, a mesma selvatiqueza de sentimentos, identicos instinctos de tigre, inclinações iguaes, quasi iguaes psychopathias, tamanha ferocidade. Ha seculos existe o cangaceiro e muito tempo ainda ha de existir. E depois de desapparecido para felicidade dos sertões, a memoria do povo, cheia de horror, narrará nos seus cantos singelos os seus feitos arripiantes e os seus crimes horriveis. Não ha cangaceiro morto que não tenha o seu A. B. C., longa cantiga em que cada verso começa por uma lêtra do alphabeto: ha o A. B. C. do Jesuino Brilhante, o do Antonio Silvino, etc. Sempre, na tradição, se diz que o bandido tinha *pauta* com o diabo, que andava com breves

livradôres de bala, ao pescoço, com caborges [1] contra facadas, porque o povo não póde crêr que, sómente por sua arteirice e manha, possa um homem escapar a perseguições e emboscadas, a combates sangrentos, corpo a corpo. E' preciso que algo de sobrenatural explique esses factos. Ademais a alma da gente singela do sertão se embala na crença de que—quem nesta vida não paga, na outra ha de pagar os maleficios commettidos; é-lhe necessario crêr que Deus castigará os que a attribularam, já que tão falha sempre se mostra a fraca justiça humana.

Conta João Brigido, escritor cearense, que estando doente um famigerado coronel, Agostinho do Icó, criminoso crudelissimo, dizia um sujeito querer morrer no mesmo dia que elle, porque os diabos tinham tanto de que se occupar com o coronel que o deixariam em paz.

*

* *

Narrei simplesmente alguns factos sobre este assumpto. O leitor intelligente por elles julgará da moral dos cangaceiros. Não procurei aprofundarme na sua psychologia, porque só um estudo sério e profundo poderá indicar com firmeza as táras e

---

1 Feitiço.

psychopathias desses broncos cerebros de degenerados — que já o são todos elles quasi, na raça pelo cruzamento, na moral pelo atavismo, pelas influencias externas e pela hereditariedade. Não podem ser senão nevroses o amor á vida do cangaço e á lucta com golpes certeiros, com o sangue quente, rubro, fumegante, jorrando aos gorgolões...

Não ha povo mais cheio de crendices, mais propenso a acreditar em bruxêdos, do que o sertanêjo. Crê em todas as feitiçarias por mais ignobeis e estupidas que sejam, misturando na sua pratica crenças africanas, indigenas e européas, estas adquiridas por hereditariedade, aquellas pelo contacto das raças. As reminiscencias das bruxarias africanas e indigenas formam a base de todas as feitiçarias onde as européas apparecem apagadamente, com o seu cunho religioso velado pelo fetichismo das duas raças inferiores. Um typo interessante synthetisa toda essa inclinação e toda essa ignorancia: — é o curandeiro.

No sertão, cada ribeira, cada região, cada povoado, tem o seu curandeiro — medico e nigromante ao mesmo tempo. E' quasi sempre um negro idoso, sebento, embrutecido, ou um mestiço esquálido, sujo, com tics nervosos no rosto, aspecto concentrado de quem vive recolhido na profundeza dos seus pensamentos, gestos vagos de assombro, sempre resmoendo entre dentes frases inintelligiveis. Muitos, os mais afamados especialmente, têm attitudes impressionadôras, voz imperiosa, gestos im-

perativos, modos fortes de commando. Vivem em palhoças retiradas, esquecidas em esquivos tópos de comoros, expostas á chuva rija da invernada que as alaga e ao vento frio da noite que brinca, estralejando, nas palhas resequidas do tapume. Ha curandeiros especialistas para isto e para aquillo.

Em casa vão consultál-o para tudo: para curar bicheiras dos gados e doenças dos homens; para encontrar objectos perdidos ou adivinhar auctores de furtos mysteriosos; para salvar pessôas mordidas de cobra, levantar espinhélas cahidas, fazer passar dôres atrozes de dentes, achar lugares bons para cavar cacimbas e «curar» ou «fechar» corpos ás facadas, ás balas, á agua e ás presas afiadas das serpentes.

Quando o curandeiro passa na estrada, vagarosamente, atravessando têso e esguio o largo terreiro dos casáes, immerso na indifferença de profundo scismar, dizem as velhas com espanto que vai cochichando com o diabo.

Ensina remedios e rezas fórtes para escapar a perseguições, abrir fechaduras teimosas e curar inguas inflammadas. Essas orações são interessantissimas: umas decorrem das crenças catholicas deturpadas pelo povo; outras objectivam-se com um cunho fetichista. Para curar inguas inchadas ha duas orações: Toca-se com o pé em cada pedra da trempe de um fogão, dizendo de cada vez: «três, duas, uma, ingua nenhuma!» Ou então: Sáe-se á noite fóra de casa, colloca-se a mão direita

sobre a parte inflammada, fita-se uma estrella qualquer e diz-se três vezes: «minha estrella donzélla, esta ingua diz que morráis vós e cresça ella, eu digo que cresçais vós e morra ella!» E logo a ingua ficará curada ou «cortada» como dizem.

Affirmam os sertanejos que o curandeiro cura todas as doenças por meio de benziduras e outras orações da mesma especie, que um gesto seu rechaça os maleficios; não será necessario dizer que só resiste ás molestias a férrea constituição daquella gente, e elle se faz raras curas é inconscientemente, pelo effeito da suggestão moral do seu aspecto e dos seus modos. Porque certamente ninguem poderá acreditar que cuspindo o feiticeiro na bôcca de um animal mordido de cobra este escape ao veneno, e cobra que de novo o pique se estire morta immediatamente, ou cousas analogas. Suas orações são de uma ingenuidade pueril. Quando uma pessôa luxa um pé, quebra um braço, torce uma junta ou corta uma veia, pega de um novello de linha, cose-o e recose-o com uma agulha, benzendo a parte ferida três vezes e fitando no enfermo os escuros olhos penetrantes:

—«Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias,
E cordoveias,
Tudo isso eu coso
Com o louvor
De S. Fructuoso!»

Benze o ozagre molhando nagua um raminho de arruda, passando-o em cruz sobre a parte doente e nella cuspindo depois:

— «Eu te benzo com a cruz, com a luz
E com o sangue de Jesus.
Ozagre, fògo selvagem, foge daqui
Que eu estou com nojo de ti!»

Quando uma criança anda adoentada e a mãe affirma que lhe botaram quebranto ou máu olhado, o curandeiro benze-a com um ramo de vassourinha, segurando-a pelos pés á porta da casa e pingando-lhe azeite dôce á cabeça.

As hemorrhagias são tambem benzidas pelos charlatães com uma reza complicada que elles chamam tomar o «sangue da palavra».

Algumas orações têm um pronunciadissimo cunho fetichista: por exemplo, a oração com que se atira um dente pôdre no telhado da casa:

— «Mourão! Mourão!
Toma meu dente pôdre
E manda meu dente são!»

Ou para curar dôr de dente escrevendo na areia e apagando em seguida cada frase:

— « São Nicodemos, sarai este dente!
Nicodemos sarai este dente!
Sarai este dente!
Sarai este dente!
Este dente!
Dente! »

*
* *

Um individuo é mordido de cobra. Corre um parente ou amigo á casa do curandeiro levando o chapéu do enfermo. E com aquelle objecto na mão, voltado para o lugar em que está o doente, o feiticeiro reza em voz baixa. Juram que escapa. A's vezes o curandeiro vem até a casa do mordido. Vai entrando pelo quarto e ordenando imperiosamente que elle se levante e marche, que já está bom e nada mais deve sentir. O sujeito levanta-se ás vezes por effeito da suggestão moral, sendo preciso notar que quasi sempre um arranhão de espinho ou de garrancho pontudo é tomado pelo sertanejo como dentada de ophidio venenoso...

Atacando a bicheira uma rez, o dono indica ao curandeiro o logar onde ella pasta. Elle para alli se volta e benze-a. Garantem os sertanejos que os bichos cahem todos.

Uma vez, num rubro agonizar de cálido dia de Junho, fui com um vaqueiro por curiosidade á casa de um desses hierophantes pedir-lhe que benzesse uma rez doente de bicheira que não podéra ser pegada

até aquelle dia. O vaqueiro indicou-lhe o pasto. Elle ergueu-se do banco onde preguiçava á porta da choça, ouviu-nos, coçou a carapinha esguedelhada, adiantou-se pelo terreiro, e do rebordo de uma ribanceira, olhos fitos vagamente no espaço, destacando-se muito negro na dourada luz do poente, deixou cahir dos labios com vagar soturno, palavra por palavra, toda esta oração: — «Mal que comeis a Deus não louvais e nessa bicheira não has de comer mais. Has de ir cahindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, de dois em dois, de um em um, e nessa bicheira não ha de ficar um! Ha de ficar limpa, salva e sã como ficaram limpas, salvas e sãs as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo!» Riscou no ar com dois dedos hirtos, demoradamente, uma cruz. Deu-nos bôa noite e solemnemente remergulhou na tóca.

Era a mais completa mistura da crença catholica ás abusões sertanejas.

*

* *

Na sala immunda e lôbrega de uma cabana de curandeiro andam pelos cantos, atirados a êsmo, ossinhos de pagãos, sapos sêccos com a bôcca cosida, bichos do matto mumificados ao sol, insectos a se esfarinharem de velhos, combucas cheias de ingre-

dientes, bolões de cêra negra de abêlha, bolorentos, incrustados de pedaços de bolacha. Pendem das paredes, de paus bicudos, cordões com bentinhos, grandes rosarios de contas selvagens, madeixas lisas ou maçarocas encarapinhadas, saquiteis de sementes, feixinhos de raizes com que fabríca indecentes e travosas beberagens[1] que vende ás garrafas. Reina alli um cheiro nauseante e mau. Em certas noites, quando o vento varre o sertão e os cães uivam nos pateos das fazendas, á luz fumosa das candeias de kerozene ou de azeite de carrapato,[2] benzem os individuos que querem ficar «curados» ou «fechados», que desejam que nos seus corpos não entrem balas, nem facas afiadas rompam sua pelle. Os assistentes mudamente sentados em esteiras guardam uma posição contricta. O que vai ser «curado», após ter ingerido uma porção de amarga bebida cuja fabricação é segredo do charlatão, estira-se nú, ao comprido, ladeado de velas accezas, no barro sóccado do sólo, porque é preciso «expôr a pelle toda». E o curandeiro começa a cantar uma melopéa plangente, onde vibra de quando a quando com um som metallico uma africana syllaba nasal, tocando maracá e dansando sinistras e lentas reminiscencias choreographicas das velhas danças dos indios... Quando o individuo sáe dalli está com o

---

1 Chamam-lhe os mattutos — garrafadas.

2 Mamona.

corpo «fechado»: pensa que não ha bala que o mate, nem faca que o possa ferir, que póde entrar em todas as luctas, arrostar os maiores perigos, romper destacamentos policiaes, sem que nada lhe aconteça. Por isso não ha cangaceiro que não seja «curado»...

*

* *

O curandeiro faz «cousa-feita»; isto é, bota feitiço em alguem mediante pagamento. Enterra alguns fios de cabello de uma moça numa casa de cupim por mandado de outra que a detesta. Dizem que ella murcha, fana-se, vai emmagrecendo aos poucos, lentamente fenecendo... e morre. Cose a areia do rasto de um individuo ou um pouco de seu sangue na bôcca de um cururú; atira o batrachio numa lagôa: garantem que o individuo morrerá. Faz remedios com hervas do matto para produzir a loucura, a surdez, a cegueira.

Fabríca tambem beberagens uteis — para deixar a embriaguez e o fumo; outras com util intenção e máu resultado, para curar as doenças.

As doenças no sertão têm nomes interessantes. A congestão é chamada de um modo especial: ar do vento, Ave Maria! A grippe é — catharrão amalinado. A erysipélla, esipra. Ha a espinhéla cahida, as

maleitas, [1] o vento encausado, a molestia magra [2] e as — *febres*.

*

* *

As cobras desempenham importante papel na vida do curandeiro. As pélles e os dentes enfeitam-lhe o antro. Algumas que cria andam com elle pelas feiras, enrolando-se-lhe aos braços e pernas, mordendo-o sem que mostre fazer caso. Quasi sempre lhes arrancam as presas. O chocalho da cascavel, fechado num saquitel e pendurado ao pescoço, livra de dôres de ouvidos. E a sua banha serve para fricções em partes inflammadas ou rheumaticas.

O sertanejo canta até sobre o assumpto a seguinte quadra:

— « Eu compro as banhas da cobra,
De fumo dou quarta e meia
P'ra fomentar uma perna
Que me dóe na lua cheia. »

Os matutos emprestam á lua uma grande influencia. Ella acorda as dôres rheumaticas e faz peiorarem os doentes, traz a chuva e o caruncho nas

---

1 Sezões.
2 Tisica.

madeiras cortadas. As cizuras e feridas antigas dóem sempre que a lua é nova ou cheia.

As afomentações ou fricções são muito usadas, como tambem os banhos de fumaça para as doenças das mulheres; porém os remedios preferidos para todos os males são os cozimentos ou *chás* das plantas do sertão: cidreira, fedegoso, mangerioba, torém, jucá, malva, mastruço.

*

* *

Mas na feitiçaria o maior papel está reservado ás rézas fortes, ás orações poderosas. Por ellas se consegue tudo: o cangaceiro perseguido vira-se em curto e atochado tronco á margem do caminho ou em uma mão de pilão encostada á parede de fumarenta cozinha; a chuva cahindo em bátegas não molha um comboio de farinha tangido por quem as saiba rezar; os roçados não incrúam ou vice-versa; os presos fogem pelas grades fechadas das prisões, passando invisiveis á face dos guardas. E não ha curandeiro que não saiba e não cite com religioso temor as orações de S. Leão, do Conde, de S. Martinho e da Emparedada. Ha outras orações acompanhadas de certos actos, como enterrar um pagão de pernas para o ar afim de suster imminente tempestade; botar Santo Antonio de cabeça para baixo ou prometter-lhe uns « dez reis »

para achar objectos perdidos, e com o mesmo fim prometter três gritos a S. Guino; tudo ainda reminiscencias dos velhos cultos, das velhas crenças e das velhas religiões de toda a humanidade...

*

* *

Dizem as lendas que as fadas, quando pisavam numa cruz, perdiam seu poder e seu prestigio. No sertão acredita-se que o curandeiro perde sua força, se fôr açoitado com um galho de pinhão. O pinhão, fraco e quebradiço arbusto, foi escolhido pelos feiticeiros como exorcismador talvez mesmo em razão de sua fraqueza, não lhes convindo que um vegetal de fortes e rijos galhos tivesse tão grande virtude. Porque si ha curandeiros aparvalhados e idiotas, convencidos profundamente do valôr dos bruxêdos, a maioria é de hypocritas e mystificadôres.

*

* *

Na quadra angustiosa da sêcca, quando o sertanejo procura agua cavando a terra, o curandeiro vai acurvado, de olhar apathico, batendo com um cacête pelo chão. Pára, olha em tôrno para os sertanejos magros que o séguem e assegura que, si cavarem naquelle logar, encontrarão agua.

Pobre terra resequida, e pobre gente soffredôra e heroica que se agarra ás mais tenues esperanças nessa eterna lucta pela agua, quando só quebra o silencio profundo e tumular do sertão combusto, de dia — o bater do alvião na rocha dura; de noite — o gemido doloroso dos gados famintos! Pobre gente que espera a salvação de um gesto de embrutecido mestiço, que se diz sabedor do segredo dos milagres e affirma o que não póde adivinhar!

III

«A Alma da terra passa para o homem», disse Victor Hugo. A alma do sertão modelou a alma do sertanêjo. Sóbrio como todo o animal dos paizes agrestes, rude como as rechãs despidas que o cercam, como os penhascos pontudos que rasgam o sólo duro, perfilando-se entre o matto resequido, é hospitaleiro como todo o homem primitivo e rotineiro por educação e por hereditariedade. Geralmente bom e honrado, o eterno combate com o meio envolvente desenvolve-lhe a intelligencia e a coragem que já lhe legára a raça, o cruzamento ancestral.

Nas luctas, quando bandido ou rebelde, esquiva-se e negaceia, é impalpavel, é quasi invisivel; apparece, some-se, ataca bruscamente, desapparece ainda mais depressa: tem um quê do seu clima, do seu céu, da sua atmosphera, onde as nuvens de chuva passam borrifando neblinas e apagam-se além do horizonte mais ligeiras do que surgiram, como por encanto. Porém se se apresenta uma

occasião em que não póde fugir, lucta com um ardôr e com um enthusiasmo — como se lhe aquecesse o sangue a canicula da sêcca.

A sua simpleza no modo bambo de encostar-se, nas suas eternas posições de descanso, no seu modo de trajar é quasi sombria. Veste de couro pardo avermelhado ou de algodões azulados, cinzentos-sujos, raiados de escuro, sempre de côres indecisas, tristes, feias, como a vaga côr do chão que a estiagem calcina. Gosta nos dias de gala de uma mancha de côr berrante na roupa usual: um laço de fita encarnada no chapéo, uma ampla gravata côr-de-rosa vivo.

E' triste de aspecto e de modos. Pouco ri. Parece recolher em si toda a grande tristeza que anda á face da terra infeliz. A voz arrastada, dôce e queixosa, tem um descanso e um vagar de lamento. Os seus cantos são melopéas nostalgicas, de rythmo vagaroso que demora no ar. Lá um ou outro bahiano repinicado lembra um laço escarlate na côr-escura dos trajes pela sua disparidade com todas as outras manifestações musicáes. Nas suas trovas gementes de longas syllabas fináes ha o arrulho triste da jurity, o gemido distante dos gados preguicentos, todos os ruidos ciciantes das mattas solitarias e a suavidade dos crepusculos dôces e tristes do inverno, nem amarellos e vermêlhos como os da sêcca, mas cinzentos — côr da melancolia.

O seu olhar escuro poisa no chão, erra pelo céu buscando signáes de chuva, ou fito, immovel,

vago, distrahido da vida, alheiado das cousas, perde-se pelo espaço. Nessas occasiões andam-lhe n'alma esperanças sem fórma, vontades sem nome, anceios sem fim: um vago, inexplicavel desejo de vêr novas terras, prados verdes alongando-se ao sol, altas montanhas fechando os horizontes, grandes rios rolando suas aguas, onde a alma não cuide com faminta soffreguidão no dia de amanhã, onde a natureza jámais negue os seus dons. E' a extranha vontade de emigrar que fermenta n'alma de todo sertanêjo e que á brusca determinante de uma calamidade ou de um desgosto o impelle a deixar a terra do berço.

E' uma idéa que nasce indecisa, infórme. Pouco e pouco, pelas narrações dos que já emigraram, pela fadiga de luctar sem proveito num meio hostil, delineia-se, corporiza-se, avulta. Então elle emigra; elle que jamais conhecêra outra cousa que não a sua ribeira pobre, sem um gesto de espanto, sem um vislumbre de mêdo, lança-se ao desconhecido.

*

* *

Na maioria o sertanejo resulta do cruzamento do indio com o portuguez. Alguns tráem no gosto pela vida nomade e nas feições as já diminutas parcellas do sangue irrequieto dos ciganos que o governo

da Metropole mandou que povoassem o valle do Jaguaribe. Outros, alourados, fórtes, de olhos azúes, lembram os hollandezes. Quem viaja pelo sertão encontra a miúdo, brincando na porta dos casáes, criancinhas louras, de inquietos olhos côr de saphyra. Essas crianças tornam-se homens queimados, escuros. O sol fana-lhes a côr delicada da meninice, escurece-lhes mais os olhos e dá um tom de cobre velho ou de latão sujo ao cabello louro, que endurece e enrosca com um reflexo metallico.

O typo commum é o do mestiço acabôclado, de pequena estatura, metro e meio, cabello escuro e liso, fronte larga, olhar intelligente, cabeça achatada em cima e no occipital—verdadeiro caracteristico do cearense.

Os mestiços do negro com o indio—cabras, e do negro com o portuguez—mulatos, com todas as suas gradações—existem em menor proporção. O negro é quasi raro. Isto porque a escravidão nas Provincias do Norte encravadas entre as grandes zonas agricolas e outróra productôras de Pernambuco e Maranhão não teve a intensidade que nellas adquiriu, nem durou tanto tempo quanto no Sul. O Ceará foi a primeira Provincia que libertou seus escravos, tendo-os já, de resto, em pequena quantidade. E os seus fazendeiros medrosos do abolicionismo vendêram os que puderam para o Sul, mais o enchendo assim de elementos africanos.

*
* *

Raramente se encontra um sertanejo gordo. São magros, angulosos, todos musculos e nervos. Movem-se e trabalham com vagar e lentidão, porém com uma tenacidade espantosa. Emquanto um homem fórte derruba uma arvore com seis ou oito machadadas e pelo proprio esforço, ao derrubar a segunda, está cançado ; o cearense derruba-a pausadamente, sem dar um golpe mais forte do que outro e passará trabalhando o dia inteiro sem fadiga. A lucta contra a sêcca inexoravel é que lhe dá essa terrivel e reflectida tenacidade.

Tem uma calma e uma serenidade admiraveis. Não o perturba a maior desgraça, não o apavora a maior catastrophe. Tem para todas as agruras, para todas as infelicidades, para todos os venenosos espinhos da vida, um sorriso calmo, instinctivo, que é mais um esgar do que um sorriso, que é quasi sinistro por ser verdadeiro — signal do immenso vigor da raça do Norte que o grande Euclydes da Cunha chamou — « rocha viva de nossa nacionalidade ». Lucta contra o fôgo das queimadas imprevistas, como pela agua e pela salvação do gado, serenamente.

Um dia o fôgo que destruia as ricas pastagens de uma grande fazenda, já aceirado e quasi a extinguir-se, communicou-se a uma cêrca que se enfiava pelo matto a dentro e ia queimando-a vagarosamen-

te. Um trabalhador que por alli passava correu á fazenda. Os vaqueiros e o fazendeiro, ainda sujos e encarvoados da lucta travada com o fôgo, descansavam na frêsca sombra do alpendre. O trabalhador descansou um pouco e passeando o olhar por todos aquelles calmos rostos que esperavam uma nova qualquer por vêl-o chegar na carreira, contou da cêrca que ia queimando, da necessidade ingente de acudir, porque as ramadas da catinga já estralejavam. Não houve o menor atropello. Todos levantaram-se, pegaram das enxadas, dos machados e das foices, desceram vagarosos a lombada do outeiro onde se erguia a casa, e lá em baixo, já na planicie, choutearam rindo pela vereda. O fazendeiro ficára. Dirigiu-se asperamente ao trabalhador, limpando com as costas da mão a face encardida.

—« Por que você não derrubou a cêrca homem? »

O outro explicou que não pudéra por não conduzir sequer uma faca.

—« Então, falou o fazendeiro desfranzindo o rosto, já esquecido do fôgo que lhe devorava as pastagens, você devia se ter esfregado nos tições até apagál-os. »

E o camponio humilde, sem afogueamento, riu:

—« Seu capitão, eu não tenho corpo d'agua, não senhor! »

Esta scena que em qualquer parte seria uma scena de atropello e de confusão, alli foi de calma e de socego.

*
* *

E' tão grande a sua resignação que já descamba para o fatalismo. Mostra a mais impassivel indifferença pelas infelicidades. O arabe tem para todas as desgraças uma frase immutavel—« Estava escripto ! » O sertanejo tem a sua tambem — « Ha de ser o que Deus quizer ! »

Nunca se queixa. Jamais se lamenta. Narra todas as vicissitudes de uma sêcca, contando do que os outros soffrêram sem falar de si.

Quando lhe aconselham que não emigre para o Amazonas por causa do clima doentio, das infames condições de vida, sorri dolorosamente e rosna : — « Tanto se morre aqui como lá ! » Diz-se-lhe que espere. Responde que « os paus de fazer espéra [1] a sêcca já matou. »

Não cura os gados doentes de uma peste qualquer, não os isola, não réga suas plantações quando a chuva falta. Se a variola ou qualquer outra epidemia grassa pela ribeira, entra sem mêdo o humbral dos pestosos, trata-os, cuida delles sem temor. « Ha de ser o que Deus quizer. »

Morrendo de fome, recusa a comida que lhe of-

---

[1] Fazem-se esperas para tocaiar a caça, ao pé das arvores, com ramadas verdes.

ferecem em casa de cerimonia. Prefere tudo a pensarem que é gauderio, que vem arado, [1] que em sua casa o paiol está vazio e os estomagos mais vazios ainda.

*
* *

Simples, modesto, quasi sem ambições, olha com desprezo e sem curiosidade para tudo o que se não relacione directamente com o seu meio. Fala-se-lhe das maravilhas da cidade e das bellezas do mar, franze o beiço, repuxando-o aos cantos, e pergunta incredulo e indolente: — « E é?»

Essa indifferença e essa falta de curiosidade são reminiscencias do caracter indio. O indio por orgulho não demonstrava espanto ou desejo de saber, embora no intimo estúassem sentimentos contrarios. Assim é o mattuto. Não quer que o julguem tôlo, nem que pensem que se admira de qualquer coisa.

Ademais é rotineiro e não gosta de innovações. Quando um ou outro sáe da rotina secular que conserva, logo augura mal do seu proceder:

— « Quer abarcar o mundo com as pernas que nem vaqueiro o vazio do cavallo. »

Planta e colhe de tal modo, porque era assim que seu pai colhia; cria assim, porque desta ma-

---

1 Esfaimado.

neira seu avô criava. Despreza instrumentos de lavoura, desdenha armas de repetição. Durante seculos a physionomia da sociedade sertaneja não se tem modificado numa só linha em nenhuma de suas actividades, quer moraes, quer physicas, quer psychicas. O sertanejo é inalteravel no seu modo de vestir, de falar, de plantar, de criar, de viver.

Aconselhei a um mattuto que regasse seu roçado durante uma estiagem que andava a torrar as plantações. Puzesse a trabalhar toda a sua familia. Si não pudesse regar todo, regasse a metade, um terço, um quarto, um quinto, salvasse ao menos cereal bastante á nova sementeira. Mirou-me de alto a baixo com profundo desdem, achando-me exquisito e pretencioso por querer ensinar o officio a quem delle era profissional. Depois rosnou-me por cima do hombro tocando com os dedos na aba do chapeu:

—«Quem é que póde ir contra os castigos que Deus Nosso Senhor manda!»

*

* *

E' muito observador e tira deducções assombrosas das menores coisas; mas só applica essa acuidade de espirito ao que directamente o interessa, á pecuaria, á lavoura, á caça e á pesca. Do mais não cuida.

Infelizmente notava que um vaqueiro velho, meu conhecido, toda a vez que picava fumo para o cachimbo, ou picava de mais, sobrando no acto de encher, ou de menos, faltando. Perguntei-lhe desde quando fumava. Disse-me que havia quarenta annos.

— « É por que você ainda não cuidou de calcular a quantidade de fumo que precisa para encher seu cachimbo? »

— « Ora, seu moço, presto lá attenção a isso! »

No emtanto era um observador de primeira ordem quanto a outras coisas. Pelo comprimento do cachôrro[1] da espora de um vaqueiro que lhe apparecesse sabia se elle era de sertão descampado, cheio de agrestes, de limpos, de taboleiros, de carrascaes, de grandes pastagens verdes alcatifando as varzeas, se de ribeira inçada de grandes mattas e de catingas profundas. Com effeito, num sertão descampado o vaqueiro póde andar com grandes esporas, mas numa ribeira cheia de mattas não o póde.

Uma manhã, estava sentado á porta quando chegou um vaqueiro perguntando noticias de um animal sumido. Antes que elle dissesse que casta de bicho procurava, o velho indagou:

— « Será uma bêsta torta do olho direito, castanha escura, de saia comprida? »

---

1 Haste que liga a roseta ao pé.

O outro respondeu affirmativamente. Ergueu-se, deu as indicações do logar onde ella pastava.

Então perguntei-lhe si tinha visto a bêsta. Disse-me que não, porém andando a cavallo muito cedo, de madrugada, pelas varzeas, vira rastos de um animal de fóra. Sabia que era uma egua, porque não pizára na urina, que era cega do olho direito, porque a pastagem da vereda só estava comida do lado esquerdo, que tinha o rabo comprido, porque deixára fios agarrados ás tiriricas rasteiras, e esses fios eram castanhos-escuros...



A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza quando recusa seu auxilio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gotta d'agua, recusa tudo. Mas, quando dá, dá de mais, dá com fartura, com abundancia. Dahi os dois aspectos do caracter do homem do sertão: a tenacidade na lucta, quando o meio o hostiliza e procura esmagál-o; o descuido, a indolencia e a imprevidencia de quem repousa de longa lucta, nos tempos bons. A sêcca calcina a terra, resécca os matagáes, torra as capoeiras decotadas, vai amaciando as pastagens até pulverisál-as: o sertanejo lucta stoicamente. O inverno alegra o sertão farto: elle preguiça e modorra.

*
* *

E' quasi sempre honestissimo.

Hospedei-me em casa de um pobre velho que andava a morrer de fome e que, no entanto, altivamente recusava gratificações e repellia gorgêtas dos que pernoitavam em sua casa, velha fazenda arruinada, perdida ao meio de longo caminho, insulada num êrmo. Fôra rico e empobrecêra com as sêccas. Andava arrimado a um bastão, já pendido para o sólo que o haveria de receber em breve prazo.

A um canto do copiar cinco ou seis carabinas de caça, de carregar pela bocca, lazarinas e clavinótes, rebrilhavam polidas e limpas. Examinei-as e offereci vinte mil reis por uma dellas, impensadamente.

O velho olhou-me de frente e disse-me que a não podia vender, porque nenhuma daquellas armas eram suas. Em 1888 uns retirantes lh'as haviam dado para guardar. Tinham ido para o Amazonas, e nunca mais soubera noticias delles. Ellas alli estavam esperando. Não eram suas; não podia vender. Limpava-as de quando a quando e esperava que os filhos continuassem a guardál-as depois delle morto.

Eu retirei a offerta, confuso e admirado.

No emtanto, o verbo *rapio* é conjugado no sertão em todos os tempos e modos, porque o sertanejo quando dá para ladrão é de uma arteirice e

manha terriveis. Ninguem o supplanta. Parece que a sua intelligencia se duplica. Felizmente é uma pequena minoria a dos deshonestos.

Furta cavallos e bois, marca-os de novo, recorta signaes de orelhas, com uma habilidade de cigano velho. Ás vezes muitos se misturam aos bandos vagabundos de zingaros que vivem á gandaia pelas varzeas, aprende a sua lingua, veste como elles, transforma-se.

Esfóla um bóde, cortando a pelle pelos lados, de modo a tirar dois couros, um da barriga, outro das costas. Mistura-os aos fardos e vende-os aos exportadores de pelles de cabra.

Enche de areia e pedras as bolas de borracha de maniçoba e de grãos de chumbo os papos das gallinhas para parecerem gôrdas. Furta de todos os modos, na criação de gados, nos roçados, nas desmanchas de mandioca.

No emtanto o menor numero de crimes no sertão é o de crimes contra a propriedade; o maior o de crimes contra a vida. E assim mesmo é quasi sempre a fome que os impelle á conjugação do verbo tão condemnado pelo austero Padre Vieira.

Os crimes contra a honra e o pundonor são tambem raros. O sertanêjo professa grande respeito pelas mulheres. O adulterio e o defloramento são punidos com a morte, barbaramente, á faca. A moralidade dos costumes é immensa. Ha homens de vinte e muitos annos que nunca tiveram relações com mulheres.

*

A mulher do sertão cuida da casa, faz o queijo, ajuda na colheita e no plantio dos roçados. Não se mette em conversas de homens, quasi não apparece ás visitas. Pouco fala; não ri alto. E' recatada e de um immenso acanhamento.

O sertanêjo quando ama, ama ardentemente; todos os seus desejos fermentam, toda a sua concupiscencia recalcada, posta a jejum durante largos annos, borbulha; e a sua alma trepída aos estúos ardorosos daquella immensa força passional. Dahi a fereza, a monstruosidade do seu ciume, a face horrenda das suas vinganças por coisas de amor. O seu riso de satisfação ante o individuo que lhe offendeu a honra e que trambôlha e baqueia esfuracado pela sua faca é satanicamente sinistro. Ademais na sua alma inculta e despolida predominam os sentimentos primitivos, rudes e informes, alguns maus: o ciume e a vingança; outros bons: a caridade e o amôr.

*

* *

Sua religião é affeiçoada ao seu modo, uma especie de fanatismo catholico-fetichico, em que se misturam os residuos dos cultos inferiores do africano e do indio ao que a ignorancia dos padres garabulha erroneamente dos pulpitos e ao que rézam catecismos mal redigidos. A prova disto está nas suas orações entremeiadas de expressões verdadei-

ramente fetichistas, na sua crença em milagres de individuos tidos como santos ou em estado de graça, e em certas passagens da vida de Christo e dos santos, de que os Evangelhos nunca cogitaram.

Acreditam por exemplo que S. João não sabe o dia em que nasceu e que, quando o souber, o mundo se acabará em fogo...

«S. João teve alegria
E depois teve pezar
Por não saber o seu dia
Para o poder festejar.»

Collabora na leitura dos bemditos e das orações. Ha bemditos que se cantam no sertão feitos exclusivamente pelo sertanêjo, outros deturpados, com offertorios interessantes:

— « Offereço este bemdito
Ao Senhor daquella cruz,
P'ra nos livrar do inferno,
Para sempre, Amen, Jesus! »

As orações são muito interessantes sobre o ponto de vista da mistura das crendices de raças inferiores ao culto catholico do nortista. Cito a «oração da noite», rezada em todo o sertão e já muito antiga:

— « Padre Nosso pequenino!
Me guiai no bom caminho,
Santo Antonio é meu padrinho
Nossa Senhora é minha madrinha.

Sete livros a rezar,
Sete anjos a cantar,
Quer de dia, quer de noite,
Emquanto eu não me deitar.»

A prova mais cabal do modo inferior por que se apresenta o espirito religioso no sertão é a facilidade com que um individuo reune em torno de si, fazendo milagres de charlatão, milhares de homens dedicados devotamente á sua causa, como foi em Canudos com o Antonio Conselheiro, como o é no Joazeiro com o Padre Cicero.

O sertanejo tira o chapéu e diz com segurança: —«P'ra o anno choverá muito. O Padre Cicero disse!» E ninguem no sertão inteiro duvída que uma tal Maria do Joazeiro, devóta da egreja do Padre Cicero, tomava a hostia e depois vomitava-a manchada com o sangue de Jesus... Um camponio conta uma historia inverosimil de «quando Nosso Sinhô andou no mundo», ou affirma que aquelle que mangar de um frade torna-se incontinente um cachorro pellado. Pergunta-se-lhe quem lhe contou aquillo. —«Foi minha avó que ouviu nas missões de frei Seraphim»...

Tem grande fé na sua devoção, mas uma fé fanatica, inculta, supersticiosa. A's vezes, em meio de lucta terrivel contra o fôgo das queimadas imprevistas, larga o machado e cae de joêlhos, rezando, olhos no céu, como aquelles vendeanos de Hugo, que se ajoelhavam diante de uma cruz, sob o vergasto da metralha...

*

* *

Aos usos da sua ribeira chama « estatutos ». Perguntei a um vaqueiro por que todos os sertanejos ao andarem pelos caminhos, fôssem largos ou estreitos, iam um atraz do outro, e jamais havia eu visto dois ou três de frente. Respondeu-me singelamente que aquillo era do « estatuto da ribeira ».

Conhecem-se os vaqueiros das principaes zonas creadoras pelo modo de « quebrar » as abas do chapéu e de pôl-o á cabeça. Diz por exemplo um fazendeiro: — «Appareceu-me aqui um vaqueiro de fóra, procurando uma vacca. Trazia o chapéu quebrado no estatuto do Caxitoré. »

*

* *

A ignorancia do sertanejo é a mais completa possivel. Raros sabem lêr e desses os mais « letrados » ou « sabidos » só têm lido na sua vida umas brochuras e uns livros que se espalharam pelo sertão no tempo colonial e até hoje são lidos e commentados : « Historia de Carlos Magno e dos doze Pares de França, seguida das aventuras de Bernardo del Carpio », « Historia da Princeza Magalona », da « Princeza Theodora », da « Imperatriz Porcínia », do «Menino da Matta e de seu cão Piloto»; e como

manual para se saberem phases da lua, remedios, etc., o «Lunario Perpetuo».

Não ha mattuto que não diga historias de Ferabraz e Oliveiros, de gigantes e encantamentos, e que não cante:

— «Eram doze cavalleiros
Da donzella Theodora,
Cada cavallo uma sella,
Cada sella uma senhora»...

*
* *

Fala mal. Pronuncía arrastadamente as palavras, engolindo os *rr* e *ss* e transformando o *l* em *u*, quasi cantando, demorando longamente a voz nas syllabas fortes. Mas de quando a quando rebrilha no meio das suas frases tôscas uma expressão antiquissima, hespanholada, ou uma palavra classica, como que perdida na algaravia má á maneira de verde cópa de joazeiro em meio da selva garranchenta e preta: «entonces»; «para todas las bandas»; está doente, «acamado»; canta um «acalanto».

Gosta das onomatopéas: chama «baco-baco» ao tropél do cavallo; «tin-rin-tin-tin», ás fechaduras pêrras. Tem expressões originaes e interessantissimas: «rôsca da venta»; «entrar no brêdo» (met-

ter-se no matto); «quebrar as unhas no caminho» (acontecer qualquer coisa); «no brando» (calmamente); «fachiar» (lascar); «temperar a vióla»; «gosto» (gorgêta); «caco» (mente, intelligencia); «pisando-se no lombo» (vexado); «chover em geral» (chover no sertão todo).

Fazem lindas expressões para denominar os mezes, conforme os seus caracteristicos: «Fins d'agua», «Mez da férra», «Mez da mutuca». Corrompem a maior parte das palavras: «sabença»; «pariceiro»; «inbilitar» (habilitar); «lua criz» (eclypse); «filosustria» (physionomia). De outras vezes não só corrompem a palavra como deturpam o sentido: «affuleimação» (briga, questão); «amerca» (cidade grande); «fonção» (festa, pagodeira).

Os nomes proprios não escapam ás corruptelas: «Cularo», «Reimundo», «Bastião», «Maceno», (Damasceno), «Lotero» (Eleuterio), «Dezidéro». Outros são substituidos por um diminutivo ou uma alcunha especial: «Xixico», «Leléco».

Ha objectos que têm uma grande copia de synonimos. Chicote, por exemplo: «franҫa», «bacalháu», «chiquerador», «peia-boi». Cachaça «brasileira», «mandureba», «sinhanninha», «branca», «giribita».

O mattuto cria palavras, abandona outras, guarda umas tradicionalmente através os seculos. Ainda hoje chama, como o fazia ha dois séculos, Fortaleza — «villa do Forte» ou «Forte» sómente.

*

* *

O sertanejo é exagerado ao contar suas façanhas cynegeticas ou de equitação. Muitos são mentirosos. Gostam de contar pêtas e têm uma habilidade immensa em se safar das entaladellas, quando se descobrem as inverdades dos seus relatos. Contam entre o povo uma anedocta sobre este assumpto que pinta exactamente o modo do mattuto mentir e se livrar das contradicções e dos pontos fracos.

Era no inverno. Os roçados de milho alouravam ao sol. O sertanejo modorrava na tipoia á sombra da alpendrada. O cão dormia junto á porta. A um canto, a mulher trocava bilros na almofada de rendas, em silencio. E de um gancho, presa pela bandoleira, pendia a longa lazarina de caça. Chegou um compadre do mattuto, sentou-se num tamborête e começou a conversar. Depois perguntou se a espingarda alcançava longe, se era de bôa pontaria. E o dono da casa, gabando a arma, foi logo desfiando uma historia de caça:

—« Ora, é famosa! Outro dia lá naquelle alto — e indicou um morro pellado distante uns quinhentos metros — andava um veado. Apontei a lazarina velha, dei fôgo, o bicho emborcou! »

O outro esgazeou os olhos de espanto e indagou com incredulidade:

—« E onde pegou a bala? »

— « Qual bala, homem de Deus! Foi chumbo. Pegou um carôço junto da orelha, entrando no miôlo, e outro no pé. »

— « Que é isso, compadre? Conte a historia direito. Você tá mangando com a gente. Como é que pegou só dois caróços de chumbo, um na orêlha, outro no pé, numa distancia tão grande? »

O mentiroso atrapalhou-se, gaguejou, tossiu... Então a mulher, levantando-se da almofada e sacudindo calmamente a saia dos fiapos de linha, veiu em auxilio do marido:

— «Oh, Manéu, tu não te alembras, homem, que quando tu atirou no bicho elle tava coçando a orêlha com o pé! Credo, meu Deus, que homem pru mode se esquecer das cousas que se passou! Nunca vi! »

*

* *

Ao sertanejo pobre abrem-se duas carreiras: ou é vaqueiro de um fazendeiro qualquer ou aggregado, isto é, morador nas terras do fazendeiro, trabalhando como jornaleiro seu, podendo ser expulso da noite para o dia. Sendo aggregado ou morador arrastará vida miseravel, sem casa, sem terra, sem gado, plantando na terra alheia, sempre dependente.

Ao vaqueiro abre-se outra perspectiva. Guardará a fazenda, tirará sortes, poderá fazer um dia sua independencia. Ademais, vestirá roupa de couro,

correrá nas vaqueijadas fazendo proezas, terá nome como pegador de gado, ou como capador de animáes, ou ainda como curador de feridas e bicheiras.

Mas rico ou pobre, vaqueiro, aggregado ou fazendeiro, é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido á Natureza impiedosa e muda, que com uma lagrima de chuva lhe dá abundancia e com um constante sorriso azul do céu mata-o de fome, de sêde, de miseria!...



A ARTE

I

A FAZENDA (ARCHITECTURA)

II

OS FERROS (DESENHO)

III

AS CORES

IV

OS DIVERTIMENTOS (MUSICA E DANSA)

V

A POESIA

I

Todas as casas sertanejas são humildes, quer sejam de palha só ou de palha e adóbe como a dos pobres, quer sejam de taipa e têlha como a dos abastados. São baixas, rebocadas rudemente, rodeadas de alpendres, parêdes caiadas e núas. Ao lado arrima-se-lhes o amplo telheiro da casa de farinha, atravancado de aviamentos; rompem mais adiante as cercas fortes dos curráes.

São sempre edificadas numa elevação de terreno, batidas do vento e do sol, com um amplo e limpo terreiro na frente, atraz um quintalêjo cercado, um retalho de terra, onde se erguem canteiros rudes.

A sua construcção é segura e forte. Não se usam casas de tijolo, nem se fazem casarões. São de tamanho regular com quatro abas de telhado, portas pesadas de umburana, rijos sabiás madeirando as parêdes, unidos por finas ripas de mororó seguras de lios arrochados, e o adóbe é o rebôco atirado alli por cima ás bofetadas, tôscamente.

As parêdes e as forquilhas dos alpendres são

cobertas de prégos e de ganchos onde o mattuto arma rêdes para dormir e descansar, pendura arreios e todos os apetrêchos necessarios aos cavallos e ao gado. As portas são cobertas de marcas de gado feitas a fôgo e a carvão, umas por cima das outras, affectando a fórma complicada de arabescos entrançados. Só se fecham á noite, passam o dia escancaradas; o vento anda pela casa toda.

O lugar mais importante é a sala ou o copiar. Das parêdes pendem objectos de toda a sorte, cabrestos, peias, chicotes, cordas, arreios, saccos de sementes, chapéus de palha e couro, armas brancas e de fogo, tudo sujo com as dejecções das môscas; pelo meio, no barro soccado do chão, erram bancos e môchos de sola cheios de prégos de metal; aos cantos, entre páus, surgem canos de espingardas, cabos de enxadas e de alviões; alinham-se encostadas ás paredes, malas, bahús de pregaria e caçambas de carregar queijo, e num canto o póte dagua eleva-se enganchado numa forquilha de três galhos. A's vezes no fundo da quadra ergue-se o altar da familia. E' uma banquinha coberta de velho panno azul todo pingado de cêra, com um oratorio de caixilhos envernizados cheio de imagens de santos, rodeado de velhas palmas douradas e castiçaes de madeira com vélas de carnahúba. Nelle se fazem novenas, rezam-se terços todas as noites, e nos annos de abundancia, quando é possivel ao fazendeiro pagar um padre, celebra-se a missa de Natal. Não ha fôrro de especie alguma, e lá em cima junto

ás telhas e as grossas carnahúbas que sustentam a coberta os morcegos penduram-se aos pares.

Os quartos são nús, sómente as rêdes pendem flacidamente dos armadôres e os bahús perlongam as parêdes. Só o do paiol é atupido e cheio. Num cavallête escancham-se séllas e cangalhas; grandes surrões de um couro inteiro de boi, curtido e liso, costurados de modo a manter a fórma animal, cheios de farinha, reluzem aos cantos; de cordas esticadas pendem linguiças e tripas sêccas, e sobre um alto giráu de solidas estivas perfilam-se pilhas de grandes rapaduras e de queijos. Ha prateleiras com latas de creolina, ganchos de onde cahem saccos remendados.

A cosinha accumula as funcções de queijaria. Junto ás trempes toscas ou aos grandes fogões de alvenaria, rente ás prateleiras pejadas de louça grossa, encostada á parede de tacaniça, a gasta prensa de fazer queijo repousa numa alluvião de môscas que a cobrem, sussurrando.

O lume do fogão crepita avermelhado e alegre; pela larga porta aberta vê-se o matto verdejando ao sol, e o cheiro frêsco das veigas entra misturando-se ao cheiro azêdo do queijo imprensado e ao appetitoso das comidas. A caliça das paredes lasca-se ennegrecida, suja de fuligem, com pingentes de pucumá.[1]

---

1 Teias de aranha sujas.

*

* *

As casas dos pobres, dos miseraveis aggregados são de palha de carnahúba, açoitadas do vento, vergastadas da chuva. Mas quer numas, quer noutras, quer nas pobres ou nas ricas, reina o mesmo aceio e a mesma limpeza; o chão é bem varrido, bem espanado, e fóra o terreiro cheio de seixos branquicentos faisca ao sol, limpo de capins.

Pobres e humildes casas do sertão agreste, de alvos oitões que sorriem ao sol, sois o refugio hospitaleiro dos viajantes fatigados, e jamais alguem avistou a vossa alva fachada entre o matto denso que duvidasse da hospitalidade e da franqueza! Sois toscas e humildes como tudo o que produz a sub-raça ignorante e infeliz do Norte; mas guardais na pobreza do vosso aspecto, na singeleza de vossa construcção a physionomia bem nacional dessa gente simples em cujas veias não corre sangue estrangeiro e consubstancia o verdadeiro typo ethnico da nacionalidade brazileira! A architectura mostra o gráu de adiantamento dum povo: sois simples como o povo que vos constróe, accórdes com a sua ignorancia; ridentes e hospitaleiras como sua propria alma o é...

II

A primeira manifestação do desenho nos tempos primitivos foi o risco do buril cercando o bocal dos primeiros vasos toscos de argilla. Depois, nasceu outro risco parallelo ao primeiro. Ligaram os dois, então, por perpendiculares ou obliquas equidistantes; era uma necessidade visual da retina, cansada pela monotonia: e dahi nasceu a grêga. Estava dado o primeiro passo do desenho rudimentar de ornamentação.

Não falarei das cercaduras e arabescos pintados ou entalhados pelo sertanejo nos seus rudes vasos de barro, porque esse desenho nada tem de original, limitando-se á copia de velhos ornamentos da ceramica indigena e ás gregas primitivas e simples, curvas ou rectas. Tambem não descreverei os desenhos dos papelões de rendas, na maioria provindos das velhas rendeiras portuguezas, mantidos pelo espirito conservador da gente do sertão atravéz os seculos, tal qual eram na origem, sem a mais leve alteração nas proporções e no risco. E

*

simplesmente me limitarei á descripção do desenho mais original e mais digno de estudo, já pelas suas denominações interessantes, já pela importancia que assume na vida dos sertões: é o desenho das marcas de gado, dos ferros, assim chamadas porque são impressas no couro do animal com um carimbo de ferro aquecido ao fogo.

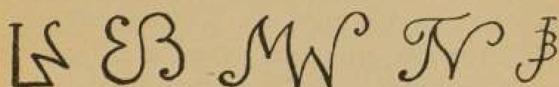
O primeiro dono de um animal ferra-o na côxa; os que o vão comprando ou adquirindo de qualquer sorte, vão-n'o ferrando para cima. O ultimo ferro é o que regula. Numa côxa vai o ferro da fazenda; na outra, o da freguezia.

Os mattutos têm um conhecimento profundo dessas marcas de gado. São ellas o assumpto predilecto de suas palestras; e, emquanto conversam, desenham-n'as no chão com um graveto ou com a ponta fina da parnahyba afiada. Distinguem-n'as ao longe. Jamais se enganam. Conhecem os ferros da ribeira toda de cór e salteado. E, quando apparece um animal de marca desconhecida, logo a riscam na porta da casa ou nos troncos insulados das varzeas para roteiro aos que procuram gados sumidos de fazendas distantes.

Além do carimbo de ferro batido, com cabo de ôsso ou de cascabulho de milho, ha uma especie de buril — o giz. Com esse buril encandecido os mais habeis ferradôres do sertão desenham na alcatra da rez, embora ella se mova ou escoucinhe, sem um erro, a marca da fazenda. E' difficil; mas ha sertanejo que alardeia só marcar com o giz, que é, no

emtanto, mais proprio para concertar os ferros que falharam, queimando sómente aqui e alli. E por mais velho que seja o boi, o olhar experiente do sertanejo conhece si foi ferrado com a marca, si com o giz.

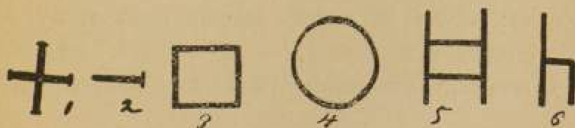
As marcas constam quasi sempre de lêttras appostas ou combinadas; raramente empregam um desenho qualquer, mas cada enfeitesinho e cada traço particular tem um nome especial e interessante.



Uma especie de *r* minusculo de imprensa é uma fulô (flôr). Um *B* com uma fulô em riba. Um traço que liga dois desenhos chama-se um puchête. Um *M* e um puchete com um *c* na ponta.



Ha cruz (1), martello (2), quadro (3), róda (4), escada (5) e enxada (6):



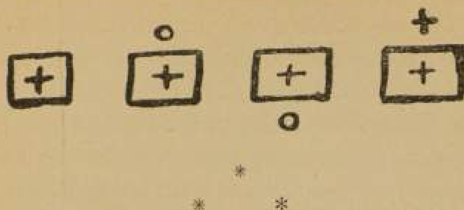
O *Y* chama-se *i* e o lozango «*i* fechado». Ás freguezias geralmente se distinguem por lêtras; raras têm um signal ou uma lêtra desusada, como Quixadá, cuja marca é um *Q* antigo, manuscripto, que a ignorancia sertaneja chama dois.

Um fazendeiro tendo muitos filhos, vai presenteando cada um com cabeças de gado nos annos de bom inverno e marca cada rez com o seu ferro, pondo uma pequena differença para cada filho; outros põem um algarismo. Crescidos, os filhos mantêm o ferro paterno com aquella differença — um martello, uma fulô, etc. A's vezes a differença é diminuta e os vaqueiros custam a deslindar qual o gado de Fulano e qual o de Cicrano.

Quando uma marca é muito grande, queimando muito a côxa do animal, diz o sertanejo que é «ferro de muito fôgo». Si um ferro é exotico, exquisito e desconhecido dos vaqueiros, elles não se conformam. Falam, rosnam, reclamam eternamente; acham-n'o feio, desageitado, defeituoso. Um fazendeiro cearense, tendo viajado muito quando moço e adquirido uma certa instrucção, escolheu como ferro de sua fazenda um escudo com uma banda transversal. Os vaqueiros da redondeza não sabem da origem e da significação do emblema; por isso detestam-n'o. Fallando delle, franzem o beiço com desdem: «Não sei aonde aquelle homem foi inventar aquillo!»

Possuindo um criador diversas fazendas, para

cada uma, do mesmo modo que faz para os filhos, põe uma differença na marca primitiva.

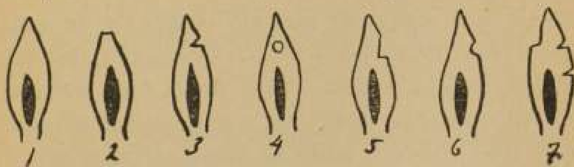


*

* *

Além das marcas a fôgo, dos ferros, existem os signáes cortados á faca na orêlha dos bovinos, das miunças e dos jumentos, para maior segurança. Os cavallos são isentos desse afeiamento. A' combinação de uns poucos desses signáes chama-se o «signal da fazenda» (7) e o acto de fazêl-os, barbaramente, á faca, «assignalar». Marcar a fôgo é «ferrar»; e a «férra» é sempre em Junho — fins dagua.

Si a orêlha é espontada, denomina-se ponta de lança (1); si truncada, troncha ou ponta troncha (2). Uma entalhadura em angulo agudo é o canzil (3); em angulo recto, o canto de porta (5); redonda, no centro da orêlha, o buraco de bala (4), e leve, em semi-circulo, no bordo, móssa (6).



Com esses signáes fazem milhares de combinações; raramente se encontra uma repetida.

*
* *

A tarefa de escolher um férro ou um signal é difficil. Reunem-se os mais experimentados vaqueiros, discutem, desenham no chão propostas de marcas, comparam com outras, apagam, traçam novamente. Passam horas a fio nisso, até acharem um ferro ainda não usado, um signal nunca visto. Tal marca parece a de Fulano, tal a de Cicrano; uma tem muito fôgo, queima muito; outra é feia, «sem graça». Chocam-se opiniões, acaloram-se teimas. E por fim berram em côro:

—«Essa sim! Essa tá bôa! Não tem taxa!»

O ferro é de grande utilidade para se saberem noticias dos animáes tresmalhados; e o primeiro trabalho de um vaqueiro ao «pedir um campo» em fazenda extranha, isto é pedir auxilio e licença para procurar a rez sumida, é apeiar-se e riscar no chão o respectivo ferro, dizendo a lêtra da freguezia e o signal da fazenda. Logo os da casa se acocóram em torno do tosco desenho e dão-lhe as indicações que pódem. Alem disso, todo o vaqueiro ao encontrar-se com um companheiro diz-lhe do que sábe sobre o gado da ribeira, religiosamente,

contando-lhe dos animáes doentes, das rezes amocambadas e dos bichos de fóra que porventura andem no pasto.

Si o encontro é por noite escura, na impossibilidade de riscar o ferro no barro da verêda e de o dizer por ser difficil a explicação verbal, péga um na mão do outro e vagarosamente desenha com o dêdo, na palma calosa, o ferro da rez. Quasi nunca repete o intelligente estratagema. A marca da freguezia e o signal da fazenda diz em voz alta:

— «O *T* da Têlha. Três canzis na orêlha esquerda; ponta de lança na outra.»

Ou então:

— «O *A* do Quixeramobim; não vi o signal.»

Despedem-se e trotam estrada em fóra a cantarolar no silencio da noite quadras alegres do sertão:

«De Salomão a sciencia
Eu trago toda de cór:
Pai e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor!»

«O ovo tem duas gemmas,
Uma branca, outra amarella:
A pinta que o gallo tem
O pinto nasce com ella!»

O aracaty sussurra nos carnahubáes das varzeas. Sobre os bréjos onde coaxam os sapos, bri-

lham, pestanejando, os pyrilampos. No arqueado negro do céu bocejam as estrellas. Tinem, distantes, chocalhos de animáes pastando nas capoeiras. E na noite dôce e macia perde-se saudosamente o cantarolar indolente do vaqueiro...

III

O sertanejo como todo o povo inculto, não tem um perfeito conhecimento das còres. O meio em que vive dá-lhe um quasi daltonismo. Empyricamente elle distingue o verde que quasi sempre confunde com o azul; o amarello que é para elle a côr amarella encardida peculiar ao gado bovino do Norte, na sua generalidade; o branco que, geralmente, chama alvo; o vermêlho que tanto é a chita encarnada berrante como a côr do barro, da onça sussuarana, da rapôsa e do cão, emfim tanto o vermêlho propriamente dito como muitas tonalidades do amarello; e o azul que é analogamente ao glauco dos povos antigos uma meia tinta indecisa, um cinzento triste, sujo, côr de asphalto e côr de poeira. As vaccas no Norte têm muitas vezes o pello dessa côr. O sertanejo denomina-as «azulonas». Assim, quem pouco conhecer os usos do sertão ficará espantado ao ouvir um vaqueiro dizer da alpendrada da fazenda que pelo terreiro vai passando uma vacca azul. Logo correrá a espiar curioso o phenomeno; e dará com os olhos numa rez acinzentada

que retouça as gramineas tenras á densa sombra duma grande arvore, de quando em quando erguendo a cabeça com fios de baba a escorrerem dos cantos da bôcca, mugindo com saudades do bezerrinho distante.

*

* *

Ás vezes a côr sertaneja é estrictamente local. Tem uma certa denominação num certo objecto. Mudou de logar, muda de nome: o boi é amarello, mas o cachorro da mesma côr é vermêlho.

Todas as gradações e combinações de côres escapam por completo ao mattuto. Alguns, mais cultos ou mais atilados, fazem excepção á regra geral.

O sertanejo conhece o preto, mas emprega tambem essa denominação para exprimir ausencia de verdura e de alegria. O sólo do sertão despido de fôlhiços e relva ao tempo da sêcca está «preto». Preto é o arvoredo desnudo, a serrota escalvada e núa. Preto tambem é agglomeração: preto de môscas, preto de gente.

*

* *

Para melhor mostrar o imperfeito conhecimento das côres pelo mattuto, narrarei um facto interessante:

No paiol de uma fazenda onde estive algum tempo

havia uma porção de mantas de variegadas côres. Um dia, mandando o cargueiro, um meninote, sellar-me o cavallo, disse-lhe que puzesse uma manta azul de bordos brancos, a mais bonita que havia no paiol. Elle poz uma acinzentada e quando reclamei, assegurou-me com as maiores juras que aquella é que era a azul e que eu é que não conhecia as côres...

*

* *

O sertanejo absolutamente não tem o sentimento da perspectiva. Para elle, todas as figuras de um quadro estão no mesmo plano. E ás vezes pergunta admirado ao olhar dois vultos em planos differentes por que «aquelle homem é maior que aquelle outro?» Não sabe comprehender uma gravura; gosta muito, mas não n'a entende por mais que procure. Um braço estendido, passando por diante de um vulto de plano mais afastado, fál-o atrapalhar-se e indagar si o braço é da figura proxima, si da mais distante.

Uma vez, mostrando um jornal caricato a uns vaqueiros, elles se entreolharam e apontando-me uma bojuda figura de John Bull com o collete laivado pelas listas da bandeira, perguntaram-me «si o barrigudo estava com as tripas de fóra». Vendo no mesmo jornal uma moça debruçada á janella lastimaram terem-n'a cortado pelo meio!

Si uma figura só apresenta uma perna ou um braço, logo inquirem anciosamente pelo resto e en-

costam tanto o rosto ao papel que o maculam com o bafo...

*
*   *

Um rico fazendeiro do alto sertão mandou pintar as salas da casa onde morava — luxo nunca visto por aquellas paragens. Quando os pintores trabalhavam, os vaqueiros entravam na sala, olhavam pasmados num retrahimento as flôres e os ornatos, mascavam uma fêlpa de tabaco ou enrolavam um cigarro grosseiro e rosnavam que «estava ficando bonita, toda subdorada». «Subdorada» era o adjectivo que lhes exprimia a grande admiração. Não sei onde o foram encontrar. No sertão ha dessas expressões; nascem ninguem sabe como; vivem eternamente ou desapparecem um dia sem tambem se saber como.

Muitas vezes voltavam com outros, em bando. Trocavam impressões com os olhos espantados e por vezes murmuravam:

— «Esses moços têm artes! Só mação! São levados do capêta! [1] É vê uma egreja!»

Para elles o maçon ajudado pelo capêta é capaz de tudo e o que conhecem de mais bello e luxuoso é a egreja. Nunca viram cousa melhor na grande pobreza do sertão.

---

1 Diabo.

Quando se lhes dá uma figura qualquer, prégam-n'a amorosamente á porta do copiar ou na tampa do bahú; mas como não a comprehendem prégam-n'a quasi sempre de lado ou de cabeça para baixo. Arranjam pelas lojas dos povoados figuras de toda a sorte, rotulos polychromicos de peças de fazenda com disticos em inglez e o numero das jardas em typo miúdo, velhos bilhetes de loteria, gravuras de antigas revistas. Prégam tudo isso em desordem, atabalhoadamente, por parêdes e portas.

Para mostrar quanto é rudimentar o seu sentimento de arte e grande a sua ignorancia, basta o seguinte facto:

O dono de uma fazenda era monarchista ferrenho e pendurára um retrato de D. Pedro II, com a longa barba patriarchal alvejando num caixilho de cedro envernizado, na sala da casa, junto ao oratorio pobre, terminando uma longa fila de lithographias de santos. Na casa era de uso antigo fazerem trezenas e novenas. Terminadas ellas, os mattutos osculavam o panno franjado do oratorio, as lithographias illustres dos santos e o retrato do velho Imperador. Sabiam lá quem era. Tinha a cara barbada, era santo. Beijavam-n'o... De resto, muitos, embora o soubessem, beijal-o-hiam, porque ainda nos sertões adustos o habitante num gesto de secular respeito servil de camponez ao falar-lhe no nome ergue da cabeça o chapéu de couro — como o faziam os mujicks da Moscovia ouvindo o nome santo de Alexandre I.

IV

Os divertimentos do sertão, exceptuando-se os sambas, festas de anniversarios e casamentos, têm sempre um pretexto religioso. As suas mais concorridas festas se realizam nas grandes datas da Egreja. Mas, quer numas ou noutras, é nellas que o mattuto manifesta os seus sentimentos musicáes e choreographicos.

A musica do sertão é languida e dolente, quasi sem variações, tendo a tristeza das melopéas africanas e a rusticidade dos instrumentos indigenas. Nos sambas tocam-se quadrilhas, valsas, polkas e schottisches, mas o gemer triste das viólas e o arfar fanhoso dos accordéons dão-lhes um som arrastado e nostalgico de batúque negro. Algumas dansas européas, deturpadas, corrompidas, tornam-se irreconheciveis sob a grossa capa de barbaras modificações.

A musica e a dansa revestem-se do mesmo caracteristico que toda e qualquer manifestação artistica —a mistura das inclinações e das heranças de três raças.

O sertanejo herdou o batúque das senzalas, importou o bahiano ou baião, o côco e o bagaço das provincias limitrophes, dansa o xerém e sapateia no miudinho. As dansas são todas selvagens e rudes, sapateadas e embigadas, passos curtos, saltitantes, acompanhando o rythmo indolente da musica, ás vezes com contorsões sensuáes, mas sempre com um tom híeratico e quasi lugubre de todo o povo que accumula grande herança fetichista.

Outr'óra o unico instrumento musical usado no sertão era a vióla de seis cordas metallicas; hoje o accordéon quasi que a fez desapparecer. Alguns sertanejos tocam violão, outros, rusticas flautas de taboca, porém os unicos instrumentos communs, populares, são aquelles.

*

* *

Quasi todos os divertimentos do povo sertanejo realizam-se na festa de Natal, nos dias que decorrem entre 24 de Dezembro e 6 de Janeiro. O mais tradicional de todos e o mais compativel com a indole da população e com a feição do meio é o «Boi», o «Boi Suruby».

E' uma farça, onde se apresentam muitos personagens, que cantam, acompanhados de um côro e de uma orchestra composta de uma viola, de um accordéon, de um tambor e de um pandeiro.

Apparecem dois trabalhadôres de fazenda, Ma-

theus e Gregorio, vestidos de algodão grosso, chapéus de couro, armados com varas de ferrão e bexigas de boi cheias de vento, para poderem dar pancadas inoffensivas. Canta o côro, rompem os instrumentos num baião repenicado e elles dois dansam, aboiando alto como quem tange boiadas: «Ei-lá! Ei-lá! Ei-lá-lá-lá-lá!» Depois vem o Capitão montado numa burrinha de pau com uma boneca de panno — a Zabelinha — na garupa, ladeado de dois molecótes enfronhados em blusas vermelhas e azúes — Arrelequinho [1] e Galante, seguido de uma menina, de chapéu e cajado — a Pastorinha. E os personagens vão apparecendo aos poucos: Mané-Gostoso, um sujeito immundo, meio feiticeiro, com um grande urú cheio de hervas; o Valentão, de bacamarte e terçado; o Vaqueiro, encourado, num cavallo de páu; depois um grande boi feito de um canastro de cipós coberto de panno pintalgado, que um individuo acurvado para o chão traz ás costas, piruetando, dansando e marrando a torto e a direito, neste ou naquelle individuo, ao mando do Vaqueiro.

«Meu boi laranjo! Meu boi bonito! grita elle. Dá-lhe de ponta! Dá no Matheus!» E o côro lugubremente responde: «Eh! bumba! Eh! bumba!»

Cada personagem que surge dansa em frente ao côro, que canta versos adequados a elle:

---

1 Corruptéla de Arlequim.

—«Mané, Gostoso
Perna de páu,
Elle dansa, elle toca
No seu birimbáu!»

—«Vaqueiro, chapéu de couro,
Barbicado de cordão,
Quantas carreiras deu hoje,
Quantos bois botou no chão?»

E de quando a quando demora no ar um estribilho saudoso:

—«Ai! ai! meus canarios verdes,
Ai! ai! meus curiós,
Ai! ai! quem de mim tem pena,
Ai! ai! quem de mim tem dó... ó... ó...
Ai! da rôlinha, coitadinha,
Na matta cantando só!...»

Ou então:

—«Todo o rio caudaloso
Vai fazêr barra no mar
Ai! ai! ai! meu coração
Para que me vem falar!
Ai! ai! ai! Sinhasinha,
Sapato de vidro,
Quem dansa a mazurka
Diverte commigo!»

Todos os personagens ao surgirem e ao desapparecêrem são surrados pelos dois acostados do

Capitão, com as grandes bexigas cheias de vento, ao som duma cantilena sinistra que termina assim:

— « Bate, negro!
Ai! que gosto!
Na cacunda
Do camello! »

Uma negra encapetada e valente a Catita derruba ás pauladas o boi no meio do terreiro. Então se manifesta a verve sarcastica do nortista. O boi está doente; vão chamar um padre para confessál-o. Vem um reverendo alegre, de batina preta, seguido de um magro sacristão, cantando aos saltos e guinadas:

— « Ramaiête de fulô
Isto é lá p'ra sacristão.
Quem tiver moça bonita
E' p'ra o padre capellão... »

Depois vem um medico supinamente ridiculo, que receita uma «ajúda» para o boi. Os dois acostados correm por entre os assistentes á cata dos meninos que, logo que o boi cáe, sáem ás carreiras, sabendo que serão pegados «para servir de ajúda».

Mas logo que o boi, curado e são, recomeça a dansar, novamente a Catita volta, e mata-o desta vez com furibundas cacetadas. Desce a tristeza á face de todos; e a Pastorinha lamuría roufenhos e esganiçados queixumes que o Capitão responde:

— « O meu boi morreu,
Que será de mim ? »

— « Manda buscar outro, ó maninha !
Lá no Piauhy ! »

O Matheus e o Gregorio pegam um Fazendeiro da visinhança e, emquanto o Capitão chora o seu boi, mettem-lhe bordoadas, obrigando-o a pagar a rez morta na extrema de sua terra, cantando alto, com uma voz forte que domina o barulho das pancadas :

— « Você paga ou não paga ?

— Não já disse que pago !
Pago o boi, pago o Vaqueiro
Pago ao Matheus
E ao seu companheiro ! »

De repente invadem o terreiro três ou quatro soldados e um fiscal de boné agaloado, todos de mangas arregaçadas, cacêtes em punho, prendem os acostados, açoitam o Capitão, espantam um molecóte fantasiado de urubú que já se achegava ao boi, retiram a *carniça* e obrigam todos a varrer aquelle lugar. Fingindo espanar o chão cantam elles :

— « Seu fiscal não me prenda que eu barro ! »

E o fiscal, dando pancadas a torto e a direito, berra :

— « Quem manda sou eu ! »
Barre a rua, negro, barre a rua ! »

Ainda apparecem depois tecedeiras da Bahia, cantando em torno ao tear :

— « Da Bahia me mandaram,
Oh, tear de aroeira !
Olha a negra Catharina
No voltar da lançadeira ! »

Indios emplumados, brandindo longos arcos, seguidos de caipóras que assobiam, cantarolam soturnamente :

— « Ê, ê, ê, girimanha !
Somos cabôclos
Da ilha Romanha. »

Andam emas artificiaes, grandes paneiros com um fino pescoço de páu, nas costas de meninos, beliscando aqui e alli, saudadas pelo côro :

— « Olha o passo da ema,
Peneiro ê !
Lá do meu sertão,
Peneiro ê ?
Todo o passaro avôa
Só a ema não ! »

Passeia a sua alta figura branca uma especie de espantalho de dois metros de altura, o Zé do Abysmo, Privilegio ou Caga-p'ra-ti, dando saltinhos hor-

rendos, procurando pegar com os longos braços o rosto das moças e dos meninos.

Por fim reunem-se todos os figurantes, fazem uma grande roda e o côro vai chamando cada um de per si:

— « Bravos da Burrinha,
Oh, Loló!
Bravos do passo della,
Iscarió!

E todos respondem alto:

— « Bravos de quem dansou,
Oh, Loló!
Bravos da Roda-Grande,
Iscarió! »

O boi é o divertimento mais tradicional e mais antigo do sertão. Soffre modificações, ás vezes bem profundas, de localidade para localidade. Mas no fundo é sempre o mesmo divertimento sertanêjo, ridicularizando certos typos e costumes, enfeixando reminiscencias dos velhos cultos dos animáes, dos dialectos africanos, das crenças catholicas no burrinho e no boi que S. José trazia quando no estabulo humilde da estrada de Belem Christo nasceu.

Outr'ora o sertão tinha pelo Natal uma dansa completamente indigena que já desappareceu — a dansa dos Pagés, cuja ultima representação com

suas scenas de combates e caças teve lugar no Icó, mais ou menos em 1837.[1]

*
* *

No Natal ha tambem as Pastorinhas, a Dansa de S. Gonçalo, divertimentos de fastidiosa musica e tôscos versos á semelhança do «Boi», menos interessantes, porém, legados pelo colono, quasi sem modificações do contacto das outras duas raças.

Em todos esses divertimentos, em todas as dansas, nas cóplas que as acompanham e na sua musica, ha uma morbidez, um vagar, uma nostalgia, uma repetição constante de movimentos e sons, que bem pintam a funda tristeza da alma rude da gente do Norte, gente que parece ter infiltrado no seu imo toda a grande desolação das sêccas, das lhanuras crestadas que o vento varre, escarnando; gente que parece retratar na alma a feição morbida, uniforme e doentia do meio physico que a cérca, que a molda e esculpe assim tão triste, tão dôce, tão humilde e tão heroica!...

---

[1] J. Brigido — *O Ceará.*

*

* *

S. Antonio, S. João e S. Pedro são outros tantos pretextos de festas. Nessas noites as fogueiras clareiam o sertão. Fagulham nos pateos das fazendas, crepitam no terreiro das choças, avermelham as ruas dos povoados, clareiam as varzeas desertas, tremem ao longe nas faldas das serras. O céu negro arqueia-se todo estrellado; a terra escura estende-se pontilhada de fogueiras, que vão diminuindo para o horizonte e já muito distantes brilham fracamente, mortiças como lampadas remotas. «E' a festa das superstições... O milho verde, assado nas fogueiras, a cantiga, as adivinhações presagiosas do futuro... eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia noite, o diabo apparecerá precedido de ventanias e pavôres; feliz de quem lhe apertar a mão, estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, cantador, tocador de vióla, jogador... A arruda florescerá naquella noite de agouros: estendei um panno bem alvejante debaixo della, que o Anjo das Trevas não tardará em vir colher as sementes: si conseguirdes segurar a mão cabelluda de Satan, a fortuna vos sorrirá. O alho plantado naquella noite medra, enraiza horas depois. A clara de ovo derramada

dentro de um copo d'agua revelará se tereis de viajar por longes terras. »[1]

É a noite em que se põem moedas de cobre — dez reis — dentro do borralho da fogueira, para dál-os aos pobres no outro dia; o nome do pobre a quem se dér a esmola será o do noivo da pessôa que fez a adivinhação; dos « baptisados de tição », de passar descalço nas brazas, dos compadres de fogueira, ou de S. João; de todas as crendices fetichistas que o tempo e o africano misturaram á religião catholica; das dansas vindas de Portugal, bailados ingenuos e infantís — a Ciranda-Cirandinha, Senhora D. Clara, acompanhadas de cantos, mais genuinamente nacionaes, respirando o perfume das relvas, traduzindo as cousas do sertão, como a Rôlinha:

— « A rôlinha dôce, dôce,
Cahiu no laço, embaraçou-se... »

Os cabôclos dansam nos sambas, sapateando, o xerém, uma especie de schottisch, cantando ao baterem com os pés no chão:

— « Arrepiada, deixa-te disso,
Peguei na mão, peguei no pé,
Tirei-te um bicho! »

— « Sou periquito, sou jandaia,
Maracanã da beira da praia! »

---

[1] Rodrigues de Carvalho — *Cancioneiro do Norte.*

*

* *

Nessas noites a physionomia do sertanejo se expande em descuidosa alegria, andam o mocororó, o vinho, a cachaça, enthusiasmando-o, o aluá enche os grandes pótes de barro, as dansas prolongam-se até de manhã; mas depois, no decorrer de todo o anno, entre S. João e Natal, só os sambas de onde em onde alegram uma casa, as novenas, em que se cantam tôscas quadras religiosas e deturpadas ladainhas, reunem um certo numero de pessôas; no mais reina a tristeza, os olhos prescutam o céu na dôce esperança da chuva benefica ou se abaixam desalentados, emquanto que nas almas anda já se delineando o desejo immenso de emigrar, de fugir...

V

A poesia é a mais completa manifestação artistica do sertão; apparece sob dois aspectos: o repentista e o tradicional. O repentista consta dos desafios, das «louvações», das glósas e das quadras sôltas, lyricas, elegiacas e amorosas, improvisadas pelos cantadôres ao som das viólas, no terreiro das casas, por noites de folgares e sambas. O tradicional enfeixa todas as lendas e historias em verso que narram casos notaveis acontecidos na ribeira, perpetuam a fama dum criminoso celebre, ou satyrisam um individuo qualquer.

O desafio entre dois cantadôres é a mais interessante manifestação da poesia repentista; póde ser cantado em duas toadas: a natural com qualquer rima e qualquer numero de versos num acompanhamento pausado e tristonho; a ligeira rimando sempre em *á* (á ou ar que têm a mesma prosodia no sertão), ás vezes obrigatoria a um só verso, acompanhada em rythmo apressado e alegre.

Um cantador desafia outro, senta-se a um banco

e dedilha a vióla. O outro acosta-se. Param as dansas. Todos prestam attenção. Elles escolhem a toada, traçam a perna, lançam fóra o cigarro. Gemem os instrumentos num repenicado festivo e um atira para o ar a voz mascula na toada da ligeira:

—«Eu Mané do Oio d'Agua
Cantadô do Ceará,
Nesta ribeira afamado
Do salitre ao Camará,
Com seu Chico da Pamonha
Na ligeira vou cantá!»

O *á* final demora, vibrando longamente no ar. Responde o companheiro:

—«Ei! d-a dá
Quanto mais você se avexa
Mais descanso ocê me dá:
Sou milho de tamboeira
Sou duro de debulhá!»

E começam a bravatear no mesmo tom até que um cêda terreno e se declare vencido:

—«Sou estrepe de Jurema,
Sou espinho de Juá
Sou rabo de tejuassú,
Lingua de tamanduá!»

—«Dou um grito na subida,
Dou outro no descambá:
Sou onça sussuarana,
Sou gato maracajá!»

*
* *

A outra toada é mais usual e tem melhores versos. Nas estrophes rimam sempre alternadamente os versos impares; os pares não rimam. Quando os cantadôres são habeis, respondem quasi sempre começando com o ultimo verso — a deixa do companheiro. Isto, de resto é muito antigo na poesia portugueza e os antigos chamavam leixa-pren, deixa e pega. A marcha de um desafio bem feito é a seguinte: começa o cantadôr a dizer de onde veio, para onde vae, qual sua historia, o que veio fazer:

— «Eu tava em campina raza
Me chegou um portadô,
Um filho dum coronéu.
Era esse moço inspetô.
— Bem-te-vi, vim te chamá;
O meu pai foi quem mandou.
— Moço tou ás suas ordes!
Seguimo logo caminho.
Eu commigo ia pensando:
Que será do passarinho?
Fumo chegando na casa;
Ouvi palavras e vozes:
Era um preto moreno
Dando lapadas ferozes. [1]

---

1 Cantando versos terriveis.

Aqui eu fui apeando.
Botaram a ceia: ceei.
Me deram uma vióla;
Fui aos bordões afinei.
Ao cabo de tudo isso
Metti os dêdos, toquei!»

—«Eu fui a uma novena
Lá na fazenda Floresta
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.
Eu fui e lhe arrespondi
Que lá não podia ir,
Que andava na terra alheia
E não tinha o que vestir.
Mandou-me maca de roupa,
Cavallo para eu ir,
Dinheiro para a viagem
E negro p'ra me servir.»

Ás vezes começam sómente declarando o nome, os appellidos de guerra, alardeando façanhas de que são capazes:

—«Poeta dez vezes mil
Uma vez um tão sómente,
Duas vezes dois me dissera,
Três vezes três quem tu era,
Quatro vezes quatro sciente,
Cinco vezes cinco liquente,
Seis vezes seis do Brazil,
Sete vezes sete subtil,
Oito vezes oito na fama,
Nove vezes nove me chama
Poeta dez vezes mil!»

—«Com respeito a cantoria
Mané Joaquim do Muquém
Faz gallinha pizar milho
E pinto cessar xerem
Mas nas unhas cá do Néco
Nunca se arrumou bem...»

—«Sou Romano da Mãe d'Agua
Mato com porva [1] soturna;
Para vencer inleição
Não mêtto chapa na urna:
Salto da ponta da pedra
E tomo a bôcca da furna!»

—«Sou Gerome do Junqueiro
Da fala branda e macia,
Piso no chão de vagar
Que a fôlha sêcca não chia.»

—«Sou Ignacio da Catingueira,
Aparador de catombos;
Dou três tapas, são tres quédas,
Dou três tiros, são três rombos.
Negro velho cachaceiro,
Bêbo, mas não dou um tombo.»

As bravatas assumem proporções fantasticas que descambam para o ridiculo, e elles cantam-n'as imperturbavelmente, cheios de orgulho, arrotando uma grande impafia, emquanto em tôrno a assistencia boquiaberta freme de enthusiasmo e applaude os versos mais fortes:

---

1 Polvora.

—« Eu entrei de mar a dentro,
Fui brigar com os inguilez:
Bebi chumbo derretido,
Lancei bala sete mez! »

—« Ave Maria! meu Deus!
Quando eu me arreliá,
Faço aleijado correr,
Quem não tem ôlho enxergá! »

—« No alicerce tem pedra,
Na parede tem tijôlo.
Si eu mando a mão, vejo a queda;
Si mando o pé, vejo o rôlo.
Na ponta da lingua trago
Noventa mil desafôro! »

—« Sou pió que o tigre macho:
Quando urro em riba da serra,
Estremece o lageiro em baixo,
Caçadô que anda caçando
Fica tonto e perde o facho! »

—« Si tu bulires commigo,
Bolistes com uma piranha:
Fêcho o dente no cangóte
Abro fistra nas entranhas! »

—« No lugar aonde eu canto
Todos tiram o chapéu:
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrella no céu! »

—« Quando eu estou no meu destino,
Sou cabra de genio crú:
Engulo braza de fôgo,
Faço vez de cururú! »

— «O cabra que pega commigo
E' porque não considéra:
Deixo elle pedindo esmola
Em petição de miséra,
Que onde eu lhe pôr a mão
Nunca mais elle encabella:
Dá-lhe o môfo, dá-lhe o rengo,
Dá-lhe o mal e dá-lhe o péla!»

Das basofias passam a desafios simples e num crescendo terrivel aos maiores desafôros, derreando o corpo, a voz forte, vibrando no ar com estridôr. Ás vezes se desculpam do acaloramento mesmo em verso; mas outras se atracam, jógam pauladas ou arrancam das bainhas as facas de ponta, num impeto indomavel de raiva incontida, chispando fogo os dilatados olhos laivados de sangue:

— «Você diz que sabe muito,
Borboléta sabe mais:
Vira de pernas p'ra o ar
Cousa que você não faz.»

— «Quem quizer cantar commigo
Sente na ponta do banco,
Que eu conheço gado brabo,
De noite, só pelo arranco.»

— «Quando eu sahi de casa,
O meu pai me encommendou
Que, si achasse um cabra bom,
Batesse-lhe os corredô. [1]

---

1 Osso da canella do boi que batem para tirar o tutano.

*

Como elle me pedio
Sem isto eu lá não vou.»

—«Quando eu sahi de casa,
Minha mãe me encommendou:
Meu filho você não apanhe
Que seu pai nunca apanhou.»

—«Eu não canto desafio
Nem que me paguem a vintem,
Que eu não quero andar pegado
Na abertura de ninguem!»

—«Eu não canto desafio
Nem que me paguem a tostão,
Por causa de desafio
Botei dois cabras no chão!»

—«Em riba daquella serra
Tem um sino sem badálo
E uma arróba de capim
P'r'ócê comê, seu cavallo!»

—«Em riba daquella serra
Tem um sino ferrugento:
Si eu hei de comê capim,
Coma você que é jumento!»

—«Eu não vou na sua casa
P'ra você não ir na minha:
Tens a bôcca muito grande,
Acabas minha farinha!»

—«Eu já fui na sua casa
E bem sei onde ella é,
A fartura que eu vi lá
Foi pulga e bicho de pé!»

—«Cantadô como você
Eu queria apanhá muito,
P'ra mandá p'ra o cemiterio
P'ra fazê quarto aos defunto,
P'ra mandar para o inferno,
P'ra o cão fazê adjuncto!»

—«Cantadô como você
Eu queria apanhá mais
P'ra mandá para o inferno
De mimo p'ra Satanaz,
Que você junto com elle
Quero vê o que é que faz!»

—«Cantadô como você
Assim cheio desse luxo
Eu ponho o pé na barriga
E arranco o pirão do buxo!»

—«Em riba daquella serra
Tem um pé de papaconha:
Tire uma fôlha, esfregue o rosto,
Descarado, sem vergonha!»

—«Quando eu vim da minha terra
Que passei no Quixelô,
Tirei um par de alpragatas
Do couro do teu avô.
Inda sobrou um reiinho,
Fiz um bom chiqueradô
Para açoitar tua mãe
No caminho do bebedô.
Era um chicote tão bom
Que nem o fôgo queimou...»

—« Quando eu vim da minha terra
Que passei na Bananeira,
Vi tua mãe com um chocalho,
Coberta de varejeira.
Sacudi-lhe a sélla em cima.
Oh! que bêsta corredeira! »

Si os dois adversarios são de raças differentes —um negro e um cabôclo, etc.,—em torno dessa differença giram as quadras satyricas. Cada um exalta a sua raça e deprime a do rival:

—« Chique-Chique é páu de espinho
Umburana é páu de abeia:
Gravata de boi é canga,
Palitó de negro é peia. »

—« P'ra fumar fumo da terra
P'ra mascar só maginguim
Mais vale um negro que é bom
Do que dez brancos ruins. »

—« O negro não vai ao céu
Nem que seja resadô:
O negro catinga muito
Persegue Nosso Sinhô. »

—« Tenho visto muito negro
No altar dizendo missa,
E cabôclo ao mais que chega
E' a official de justiça... »

A parte mais interessante dos desafios é a das perguntas enigmaticas para vencer o adversario,

algumas de uma perfeição admiravel e de uma grande belleza poetica, com magnificas respostas ao pé da lêtra:

— « O sinhô é tão sabido
Me destrinxe esta conta:
Vinte e cinco guardanapos
Dois vintens em cada ponta. »

— « Amigo, destrinxarei
Como bem me parecer:
Doze patacas e meia
Quatro mil reis vem a ser. »

— « O que é que os olhos vê
Que as mãos não pódem pegá?
De pressinha me responda,
Ligeiro, sem imaginá. »

— « Você, Maria Thebana,
Com isto não me embaraça:
Pois é o sol e é a lua,
Estrella, fogo e fumaça. »

— « Sinhô Mané Riachão,
Torno outra vez preguntá:
Quatrocentos bois correndo,
Quantos rastos deixará?
Tire a conta, dê-me a prova,
Depressa, para sommá. »

— « Bebendo numa bebida,
Comendo tudo num pasto,
Dormindo numa malhada,
São mil e seiscentos rasto.
Somme a conta, tire a prova,
Que deste ponto não fasto. »

— « Vou-lhe fazê uma pregunta
P'ra você me respondê :
Vinte e cinco pares de gatos
Quantas unhas podem tê ? »

— « Entrei num raio do sól,
Sahi num raio da *lunha :* [1]
Vinte e cinco pares de gatos
Tem com certeza mil unha. »

— « E' verdade, Bem-te-vi
Que teu cantá tem talento,
Mas é si tu me disseres
O que se criou com o vento. »

— « Foi um bicho muito feio
Tem um grande rabaião,
Serra do rabo á cabeça,
Se chama camaleão,
Móra no ôco dos páu,
Toma fresco no sertão. »

— « Meu velho, você responda
Uma pergunta tão bêsta :
Quem tem as mãos na barriga
E o fato [2] tem na cabeça ! »

— « Esse bicho mora n'agua
Bem em cima do torrão,
Engancha-se na tarrafa,
Dá um grande trabaião,
Tem esporão na cabeça
E se chama camarão. »

---

1 Lúa.
2 Intestinos — apparelho digestivo.

— « Meu velho Madapolão
Inda te vou perguntá :
O que é que ha no mundo
Que anda em terra e no má,
Tudo come e nada bebe,
Tem mêdo de se afogá ? »

Não respondendo o adversario, Bem-te-vi terminou lindamente o desafio :

— « E' um bicho muito quente
Que Deus no mundo deixou,
Tudo come e nada bebe,
Cahio n'agua se apagou... »

Não ha mais bella definição do fôgo : « Tudo come e nada bebe, cahio n'agua se apagou ». E' o mais lindo final de desafio que eu conheço ; e o desafio completo do cantador Bem-te-vi com o Madapolão o mais perfeito especimen que guarda a memoria do povo.

Muitas vezes o cantador não póde responder á pergunta do adversario. Então illude-a habilmente :

— « Vou-lhe fazer uma pergunta,
Seu cabeça de urupema :
Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema. »

— « Quantos ovos põe a ema ?
A ema nunca põe só :
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neta e põe a avó. »

— « Cantadô que tá cantando
Acho bom de me dizê
Em riba daquelle morro
Quantos capins póde tê ! »

— « Si a sêcca não matou
E si o gado não comeu,
Em riba daquelle morro
Tem os capins que nasceu... »

— « Vou lhe fazer uma pergunta,
Pergunta bem singulá:
Quero que você me diga
Quantos peixes tem no má. »

— « Os peixes que tem no má
Eu cubro com meu chapéu:
Quero que você me diga
Quantos anjos tem no céu. »

— « Os anjos que tem no céu
Eu cubro com meu lençol:
Quero que você me diga
Quantos raios tem o sol. »

— « Os raios que tem o sol
Eu tapo com minha mão:
Quero que você me diga
Quantos dentes tem o cão. »

— « Os dentes que tem o cão
É uma continha pouca:
São trezentos no queixal
Quatrocentos no céu da bôcca. »

*
* *

A tradição oral do povo guarda o nome dos mais celebres cantadôres do sertão, dos que mais o emocionaram, e cita-os nas festas, relembrando disputas passadas, desafios terriveis em tempos idos, pelos sambas ruidosos, ao som dolente e choroso das viólas poéticas.

Não ha sertanejo que não conheça os desafios celebres de Bem-te-vi e Madapolão, do cégo Chico de Salles com o Néco Martins, do Romano da Mãe d'Agua com o Ignacio da Catingueira e outros muitos.

Pela memoria do povo desfilam ainda os nomes gloriosos dos velhos cantadôres — Manoel Riachão, Roberto de Belém, Manoel das Cabeceiras, Chico Damião, José Antonio da Cauã, Zé Maria, Mané Joaquim do Muquém, Manoel do Patichulin, Zé Cajá do Bananal, Pedro Simeão, Bilino das Frexeiras, Herculano do Messias, e entre estes as cantadôras afamadas — Maria Thebana, Salvina e a negra Chica Barrozo ou, pelo costume do sertanejo dar flexão aos cognomes, Chica Barróza, que usava deste immutavel estribilho:

— « A negra Chica Barróza
É faceira e é dengoza! »

Os appellidos dos cantadôres são sempre fóra do commum e seguidos pelo nome do lugar onde nascêram ou onde moram.

Quando um cantador se celebrisa e torna-se conhecidissimo por todo o sertão, os mattutos não acreditando que sómente o seu engenho supere todas as difficuldades do desafio e sómente o seu talento o impeça de ser vencido, inventam que tem pacto com o diabo e muitas vezes, máximé se é negro, dizem que é o diabo em pessoa. É vezo sertanejo dar esta explicação á celebridade de qualquer individuo. O cangaceiro Rio-Preto, que tambem era cantador, uma vez travou um desafio com Manoel da Bernarda, numa fazenda dos Inhamuns. E o adversario não o podendo vencer, já falto de recursos, berrou para a dona da casa que o Rio Preto tinha os pés de pato, que era o demonio:

— « Senhora dona da casa,
Abra a porta e accenda a luz:
Estamos com o cão em casa,
Rezemos o crédo em cruz! »

Diz a lenda que o negro deu um estouro e desappareceu numa nuvem de fumo, espalhando horrivel fedôr de enxôfre...

Manoel das Cabeceiras tambem assegurava ter cantado com a diabo em figura de moléque, que descrendo de vencêl-o, gritou alto para todos ouvirem:

— « Sou um cabra arranca tôco,
Se afastem todos d'ahi
Para não vêrem o papôco. »[1]

*
*   *

Nos sambas, antes de começarem os desafios, fazem-se as « louvações ». É costume antigo de todo o cantador louvar as pessoas, escolhendo as mais gradas, os donos da casa. Os que são « louvados » dão-lhes sempre uma gorgeta e os namorados pagam para tirarem versos ás suas predilectas. Ha cantadores que vivem unicamente do que lhes rende a arte; e tal qual um rapsodo grêgo, coroado de myrtos, cantando pelas pôvoas os feitos da guerra de Illion, elles cantam pelas fazendas as dôces modinhas e as poesias tradicionaes do sertão :

— « Senhora dona da casa,
Saia fóra do copiar
Que os cantadô da ribeira
Querem todos lhe louvá. »

— « O capitão delegado
É um moço de valô,
É bonito e é letrado,
Sabe mais do que um doutô. »

Quando antipathisam com um typo qualquer,

---

1 Estouro.

achincalham-n'o, levam-n'o em troça entre os applausos da assistencia:

— « Sai-te d'ahi, pinto chôco,
Vai-te banhá na maré,
Outros milhó do que tu
Apanham de pontapé. »

— « Em riba daquella serra
Tem um pé de pacotê,
Debaixo tem um cachorro
Desovando p'ra você. »

Uma vez estando um engenheiro muito feio, que andava em serviços de estrada de ferro pelo sertão, assistindo com outros a uma festa, um dos cantadores atirou-lhe esta quadra, depois de ter louvado ou « intimado » [1] com todos os presentes:

— « Ó seu doutô Nascimento,
Carinha que Deus pintou,
Mètta a mão nas algibeiras
E pague quem lhe cantou! »

*

* *

No lyrismo repentista do sertão, nas quadras, nas glozas e nas decimas que os cantadores impro-

---

1 Pilheriado. Intimar tambem significa insultar, provocar.

vizam, declarando paixões ardentes, exaltando o amor e a coragem, cheias de dôce poesia e rustica singeleza, ha muita coisa por demais interessante e inspirada que refulge viva no meio do verso tôsco como um fio de sol por entre uma escura fronde. Um livro seria pouco para este unico assumpto. Ha quadras, sextilhas, decimas, etc., de um lyrismo natural, ingenuo, inimitavel e de grande imaginação:

— « Quem disser que amôr não dóe
Desconhece amôr, então :
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se dóe ou não. »

— « Plantei amôr no meu peito
Pensando que não pegasse,
Tanto pegou que nasceu,
Tanto nasceu que ainda nasce. »

— « Queria achar quem dissesse
Onde o pezar mais augmenta :
Si no peito de quem fica,
Si n'alma de quem se ausenta. »

— « Eu vi teu rasto na areia
E puz-me a considerar :
Grande mimo tem teu corpo
Si teu rasto faz chorar ! »

— « Eu passei na tua porta
E bati na fechadura :
Eu falei, tu não falaste,
Coração de pedra dura. »

— « Quando o mundo se acabar
Que não tiver mais ninguem,
Vae em minha sepultura
Que ainda te quero bem. »

Outras envolvem comparações singelissimas, ingenuas e delicadas :

— « O beiço do meu amôr
Nem alfinim, nem cidrão,
Nem dôce de marmellada,
Nem batata, nem queijada,
Nem a maior perfeição,
Nem cheiro da melhor flôr,
Nem o mais fino sabôr
Do que da Europa vem
Não tem o gosto que tem
O beiço do meu amor. »

Algumas deixam entrever uma leve ironia ou uma maldade subtil:

— « Menina, teu pae é pobre,
Tua mãe carrega lenha ;
Menina, casa commigo,
Que eu sou mulato gamenha. »

— « Ai! menina, pede a Deus,
Que eu peço a S. Vicente,
Que Deus nos junte, a nós dois,
Numa casinha sem gente. »

— « Da minha casa p'ra tua
Já foi estrada real.
Mas agora é matta-virgem
Coberta de cipoal. »

— « Esta noite andei de ronda
Como rato na parede,
Procurei, mas não achei
O punho da tua rêde... »

Quando o cantador canta, acanhadas e confusas, as moças singelas do sertão baixam as pestanas sedosas, escondendo os negros olhos sensuaes, pensando nos namorados que as contemplam ardentemente, sem coragem de os fitarem de face...

As violas gemem, e lá fóra, no luar, os carnahubaes sussurram ao vento da noite. De quando a quando, cortando o silencio, um cão ladra; outro responde perto; outro, mais longe; ainda outro, mais distante, e outro ainda, remotamente...

*

*   *

Muitas vezes um dos circumstantes atira um motte para o cantador glozál-o. Communmente são mottes em quatro versos; e o cantador faz quatro glozas em decimas. Ha glozas lindissimas de sabôr poetico á maneira de Bernardim Ribeiro ou de Gonzaga, muito antigas, transmittidas de cór de pais para filhos. Citarei um motte e suas glozas como exemplo :

MOTTE

— « Deixa-me, triste cuidado,
Da minha lembrança vôa,
Deixa esquecer esta ingrata,
Esta féra, esta leôa ! »

GLOZAS

— « Memoria, triste memoria,
Lembrança, triste lembrança,
Não me avive esta esperança,
Pintae-me esta triste gloria !
Foi sonho, illusão, historia,
Foi triumpho já passado,
Que o amor imaginado
E' uma pura mentira ;
Não me provoques mais ira,
Deixa-me, triste cuidado! »

« Deixa-me viver contente
Com discretas fantasias
Lembrança de alegres dias,
Vai-te embora, deixa a gente !
Pensamento decadente
Que anda no mundo a tôa,
Já não me lembra a pessôa
A quem amei com engano,
Attende meu proprio damno,
Da minha lembrança vôa ! »

« Vai p'ra onde nunca mais
Me dês um leve tormento !
Vai para onde o vento
Leve os echos de meus ais ;
Lá naquelles arraiaes

Onde de amôr se não trata,
Aonde qualquer se jacta
De abandonar a Cupido;
Vai, pensamento querido,
Deixa esquecer esta ingrata! »

« Deixa esquecer esta impia
Esta cruel, esta infame,
Esta não sei como chame,
O sumo da ironia;
Esta que da tyrannia
Tem sceptro, tem throno e crôa;
Esta que a mim me magôa,
Esta que a mim me consome;
Esta a quem não sei o nome,
Esta féra, esta leôa! »

Dessas glozas ha muitas que o povo religiosamente conserva de cór, mas cuja autoria não póde explicar. E quem jámais poderá saber do nome do rustico poeta que improvisou cousas tão simples e tão bellas?

*

* *

A poesia tambem se manifesta nas orações sertanejas, porém mais como meio mnemonico, e nos acalantos de caricioso som mas que amedrontam as crianças, com que as mães adormecem os filhinhos, embalando a pequenina rêde, cujos punhos rangem nos tôscos armadôres, desprendendo o adóbe dos casebres que vai cahindo no chão:

— « Sapo cururú
Da beira do rio,
Vem comer este menino
Que não quer dormir! »

Ou então mais arrastado e mais amedrontador:

— « Fecha a porta, gente!
Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem. »

*
* *

A expansibilidade poetica do nortista é admiravel. Raro é o sertanejo que não é dotado de grande verve repentista. Muitos versejam por qualquer ninharia, respondem ás perguntas em verso, viajam cantando e cantando adormecem, sempre numa toada terna, monotona e de uma saudosa dolencia.

Um cabôclo sertanejo, meninóte, vivo e esperto, guiava um comboio de mulas e liteiras. Era uma rica familia que mudava de fazenda. Uma das moças da familia chamou-o para um serviço qualquer durante uma parada de repouso á sombra amena dos angicos. O guia custou a apparecer e, quando se foi approximando, ouviu-a dizer a outra que, si fosse para comer um pedaço de bôlo, elle logo viria. O columin glozou alto a phrase, despertando a admiração:

— « Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o cabôclo logo vem. »

— « Na fazenda de meu pai
O perequito tem comido,
O preá tem destruido
Milho e feijão que alli hai.
De alviçaras um vintem já
Que Deus lhe pagará bem,
E para vosso consôlo
Dê-lhe um pedaço de bôlo
Que o cabôclo logo vem. »

Era a glóza, em verdade, um pouco sem nexo; porém, que mais se poderia exigir dum pobre cabôclo ignorantissimo, com uns quinze annos de idade?...

*

* *

Certos individuos têm pelo desafio uma verdadeira mania. Sacrificam todas as conveniencias para cantar um desafio alegre para vencer o adversario. Em Fortaleza havia um moço apaixonado cultôr da musa repentista. Em qualquer samba onde fôsse mettia-se a cantar com quem apparecesse e levantasse a luva.

Uma noite iam a cavallo para uma cidade proxima elle e alguns companheiros. A lua cheia espargia uma dôce claridade branca pela larga estrada que serpeiava entre densos arvoredos rumorosos.

Cortavam o silencio de onde a onde ladrar de cães, cantos distantes de gallos amiudando-se á approximação da madrugada. Os rapazes galravam pelo caminho em fóra. De repente um terno e remoto som de vióla vibrou no ar. E logo o bando alegre, farejando um samba, galopou por um atalho na direcção do poético instrumento.

Ao pé de um carnahúbal, numa tôsca cabana de palhas, havia um samba. As dansas tinham parado; e um cantador, um cabôclo já velho, com brancas farripas na face, sósinho, sentado a um banco, tangia a vióla humilde, cantando alto velhas quadras populares do sertão. O grupo apeou e acostou-se á casa quando o cantador dizia alto uma quadra provocante:

— « Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus da Conceição!
Eu vi um pinto péllado
Botar um gallo no chão. »

E o rapaz, entrando pela sala clara, foi sentar-se á ponta do banco, entre os roceiros pasmados, respondendo ao pé da lêtra a quadra provocadôra:

— « Valha-me Nossa Senhora.
Mãe de Deus da Conceição!
Estás enganado, cabôclo,
Não era gallo, era capão! »

Continuaram o desafio, sómente mudando os

dois primeiros versos e mantendo os ultimos: um a affirmar que fôra um gallo, outro a teimar que tinha sido um capão. Os companheiros esperaram muito tempo. Os gallos mais amiudavam o canto, e uma suave claridade vinha já rompendo a negrura de um alcôlchoamento fantastico de nuvens ao nascente. Convidaram-no a partir. Recusou. Os outros foram embora.

Já manhã, com o sol a dourar valle e monte, alcançou em desabrida carreira os companheiros, e foi logo de longe, berrando alto na solidão luminosa da estrada larga e branca:

—«Encostei o cabôclo, meninos!» E ria perdidamente, ainda rouco da lucta...

O verso sempre foi pela facilidade de ser guardado de memoria preferido para immortalizar as tradições das gentes.

Todos os povos da antiguidade guardavam em verso as avoengas tradições de gloria, bravura e lealdade. Homéro cantou as argivas façanhas junto aos muros de Troya e já os védicos poemas tinham perpetuado o valor dos povos aryanos. Cuchullin e Fingal fôram cantados por Ossian, e os menestreis mediévos, de côrte em côrte, de castello em castello, andavam ao som do luth contando dos grandes feitos das cruzadas. Os jográes diziam ri-

mances pelas feiras. Os escandinavos narravam as navegações polares nas admiraveis sagas runicas.

Todo o povo primitivo e simples conserva em verso, por mais facilidade de reter na tradição oral, as suas tradições e os acontecimentos notaveis que observou. E' isto o que faz o sertanejo do Norte. Guarda em tôscos versos tudo o que maior lembrança e maior impressão deixou no seu espirito, todos os factos menos communs passados na ribeira. Esses factos são: a péga difficil de um barbatão trapaceiro, desnorteando a vaqueirama em corridas infrenes; as proezas de um boi semi-bravio, posto a preço pelo dono, incitando o desejo dos vaqueiros o havêrem ás mãos; a ensanguentada vida de uma onça temivel, celebre por prear potros e devastar os rebanhos no descampado das varzeas, longe dos casáes; o amontar-se de um bóde ou de um carneiro notavel pela côr, pelas diabruras que faz, por qualquer cousa; emfim cousas de muito interesse para o mattuto, embora de nenhum para os que são alheios á aspera vida dos sertões.

Ainda hoje os vaqueiros cantam numa toada plangente as façanhas do Boi-Espaço, do Rabicho da Geralda, do Boi Adão, do Boi Pintadinho e do Boi Victor. Nessas poesias, algumas muito longas, é sempre o animal quem conta a sua historia:

— « Eu era um boi, liso rabicho,
Boi de fama conhecido.
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido. »

— « Digo eu, Boi do Victor,
Nesta terra conhecido,
A grandeza do meu nome
Neste mundo tem corrido. »

— « Eu sou o boi Pintadinho,
Boi corredor de fama,
Que tanto corro no duro
Como na varzea da lama. »

— « Eu sou a celebre ònça
Maçaroca destemida.
Mais de quinhentos podrinhos
Eu sangrei na minha vida. »

Nessas versalhadas perpassa toda a historia do animal ou do homem : perigos que correu, transes que atravessou, dôres que sentio, gente que lhe deu caça feróz.

Um faccinora que se celebrize, um cangaceiro afamado, tem logo a sua historia em verso, a sua epopéa, quasi sempre em vinte e seis estrophes, começando cada uma com uma lêtra do alphabeto. A isto chamam os mattutos um A. B. C.; e essa ordem alphabetica é um meio mnemonico bastante engenhoso e muito interessante. Para o sertanejo a ultima lêtra do alphabeto é o til. Põe-n'o sempre no ultimo verso, e, como com elle não póde começar palavra alguma, faz uma quadra engraçada, enfeixando por vezes um conceito geral sobre o assumpto da poesia :

— « O til não fique de fóra
Sem ter mais dilatação :
Enforquem o José André
E degradem a geração. »

— « O til é lêtra morta
Nunca teve opinião... »

— « O til é lêtra do fim,
Vai-se embora o navegante,
Me procure quem quizer,
Cada hora e cada instante,

Me acharão sempre ás ordens :
Jesuino Alves Brilhante. »

— « Falta o til que não póde ser escripto
Porque o mundo já delle não faz conta... »

A orthographia do A. B. C. resente-se da ignorancia sertaneja: havia, ha, são escriptos com a, chamou com x, etc.

No sertão se conhecem centenas de versalhadas com essa fórma. Citarei as principaes. O A. B. C. do João André, appellidado por Canella Preta, faccinora do alto-sertão, immortalizado por um padre famoso nas luctas politicas do Ceará em começo do seculo passado — Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa:

— « A muitos annos vivia
João André fazendo morte,
Deixando orfãos e viuvas
Lastimando sua sorte. »

« Basta ver em vinte e quatro
O que elle praticou :
Quatro livres brazileiros
Elle aqui afuzilou. »

« Carregado de tormentos
E' muito bom que pague agora,
Entregando sua vida
Numa forca sem demora. »

O A. B. C. do bóde, contando as façanhas dum grande bóde branco que fugira para os mattos e zombava dos que tentavam pegál-o ou matál-o; atraz de quem vaguearam muitos em doidas correrias com o caprichoso desejo de o haverem ás mãos :

— « Avia um bóde nos Gróssos
Do senhor Francisco Gomes :
Para pegál-o no matto
Nunca nasceu esse home.
Si não é como lhe digo,
As apparencias me consome. [1]

O que perpetúa o nome sangrento de Jesuino Brilhante, cangaceiro da Parahyba, criminoso terrivel, mórbido, tarado, com psychopathias exquisitas :

---

[1] As apparencias me enganam.

— « Agora com geral cilicia,
Todos na sociedade,
Quando chegou a noticia:
Jesuino na cidade,
Eram todos a dizer
Por certo ha novidade.

O dos macacos, narrando uma velha anecdota sertaneja dum cavallo que se fingio morto no roçado, para que os macacos que vinham roubar milho se amarrassem a elle com cipós, afim de arrastar o cadaver para fóra do seu repasto. Quando todos os macacos estavam amarrados, o cavallo ergueu-se de salto e aos galões e corcóvos arrastou-os em doida arrancada até á fazenda, onde o amo espingardeou o bando prisioneiro de quadrumanos:

— « Hera o cavallo por morto,
Que com pés nem mãos bolia,
Os macacos em folia
Saltaram nelle um e outro.
O cavallo com conforto,
Com sustento de verdura;
Porém como nada dura
E quem deve ha de pagar,
Jacob mandou amarrar
Os cipós pela cintura. »

E o do Frade, o mais bem feito que conheço, com rimas admiraveis, rica imaginação e fórma camoneana:

— « Amanheceu a aurora aquelle dia
Que quatorze de Março se contava,
Mais tarde do que nunca, porque viam
Que o ar duma negra sombra se turvava,
Aves dos ninhos ainda dormiam,
Abêlhas nos cortiços já roncavam,
Porque vêr não queriam, minhas maguas
Aves, Abêlha, Aurora, Ares e Aguas. »

E todo o A. B. C. é deste feitio, terminando as estrophes n'uma serie de palavras com a mesma inicial. Algumas formam em vez duma ennumeração uma phrase amorosa: « Queixoso quebrantarei, si tu quizeres. »

Pondo de parte os defeitos e erros de linguagem e metrica que o sertanejo ignorante não poderia deixar de praticar, toda a poesia do sertão é digna de acurado estudo, e ao A. B. C. cabe um dos melhores lugares entre as manifestações do *Folk-Lore* nacional.

Na poesia tradicional do sertanejo, a par da historia dos factos, vêem-se a satyra e o motejo, por vezes crueis e bastantes fortes, geralmente ironicos e duma grande subtileza, á maneira de leves alfinetadas.

Diz, por exemplo, o bóde dos Gróssos no seu A. B. C.:

—« Lino Pereira Cacundo
Com os seus pés de pavão,
Em riba do Caraúba
Veio a mim uma occasião.

Cuidava elle que eu estava
Cozinhado com feijão...»

«Rolando esse barulho,
Era só no que se falava,
Tambem o negro José
Disse até que me pegava.
Coitadinho desse negro
Que eu nem delle me lembrava!»

*
* *

Não ha facto por mais insignificante que pareça que o sertanejo não guarde em verso. De certo tempo para cá andam missionarios protestantes a prégar pelo sertão a superioridade do seu culto sobre o catholico. Muitos sertanejos se convertem ás predicas dos ministros evangelistas. Os vigarios dos povoados anathematizam do alto do pulpito a nova religião. E o sertanejo que fica catholico despreza, detesta mesmo, o que se torna protestante. Chama-o «nova-seita». Pois isto já passou ao dominio tradicional da poesia. Corre os sertões uma longa poesia em trinta sextilhas, na qual se conta que indo uma velha «nova-seita» buscar lenha no matto, morreu. Um urubú, descobrio o cadaver e começou a comél-o. Mas o ministro protestante prevenido do facto foi buscál-o. Quando o urubú viu que a velha era «nova-seita» teve repugnancia da sua carniça e encetou uma discussão religiosa

com o pastor, que procurava convencêl-o da belleza do protestantismo. Por fim um santo que assistira á discussão do urubú com o padre protestante bateu palmas applaudindo-o, e o diabo, occulto atraz das arvores, resmungou: « Amen! »

Ha sextilhas ridicularisadôras de uma grande força, outras de muito espirito e de muito sarcasmo:

— « Disse o ministro: Urubú,
Não tens alma, está provado,
Porém devias ter crença,
Não ser tão obstinado.
Queres entrar na « nova-seita »?
Lá tu serás baptisado. »

— « Disse então o urubú:
Você vai mal com a receita.
Coração tenho p'ra amar-te,
Mas estás na « nova-seita »...
És um dos que quando morrem
Nem o couro se aproveita.

*

* *

O cantador acaba de cantar num sâmba, onde esgotou todo o seu repertorio e cansou de improvisar; despede-se e larga pela estrada deserta, enluarada, com passo vagaroso, dedilhando preguiçosamente a vióla, cantando ainda muito alto um villancico dôce, saudoso, que demora no ar como

um queixume languido e lentamente se apaga como um suspiro de amor:

— « Vou-me embora, vou-me embora,
Para minha terra eu vou,
Que eu aqui não sou querido,
E na minha terra eu sou. »

A LENDA

I

LENDAS RELATIVAS AO MUNDO NATURAL

II

LENDAS RELATIVAS AO MUNDO SOBRENATURAL

I

Como todo o povo conservador, o sertanejo guarda e transmitte suas lendas e fabulas. E tanto numas como noutras é bem difficil, ás vezes, determinar a maior coparticipação de uma das tres raças productôras dos seus actuaes typos ethnographicos, de tal modo já se vai dando a fusão de suas crendices.

O sertanejo não tem reminiscencias totemicas, nem constróe cyclos de lendas explicativas, consubstanciando-as em animaes; mas objectiva-as em alguns delles, maximé para synthetizar certas e determinadas qualidades humanas: a raposa representa a esperteza, o gavião a malvadez, a onça a ferocidade, o gato as encarnações do espirito máu, quando é preto, etc.

Essas fabulas são ás vezes em verso, como a do casamento do rato com a cattita, [1] em que se explica

---

[1] Cammondongo—rato pequeno.

*

a inimizade do cachorro e da cutia. Começa com uma evocação do modo de vida de cada bicho ao tempo em que os animaes falavam:

—«No tempo que os animaes
Seguiam a civilidade
O mundo era mais melhor
Do que na actualidade...
....
O tigre era juiz de direito,
O burro era doutor,
O macaco era escrivão,
A preguiça collector.
....
Nesse tempo o joven rato
Habitava num chalet
E namorava a cattita,
A filha do punaré...»

No decorrer do namoro o rato abusa do amor da noiva e foge. Põe-se tropa em sua procura e, ao narrar a sua prizão, mais uma vez se desvenda a alma ironica do sertanejo:

—«Avistaram o criminoso
Lá em cima dum penêdo:
Muitos soldados corrêram,
Outros morreram de mêdo.
.........................»

Por fim, o rato resolve casar e, durante o banquete de noivado, o cachorro que era delegado de policia trava-se de razões com a cutia; alguns animaes

tomam o partido della, outros o delle; ha uma verdadeira conflagração:

— « Desde esse dia ficaram
Os animaes intrigados... »

As historias de animaes são por vezes muito engraçadas e muito interessantes. Vou narrar uma e por ella se poderá ver qual a maneira por que todas são feitas e como é digna de nota a descripção da eterna lucta entre os animaes da selva.

Passára a manhã chuvendo, e o cancão todo molhado, sem poder voar, estava tristemente pousado á beira de uma estrada. Veio a raposa e levou-o na bocca para os filhinhos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. Mestre cancão enxugou e começou a cuidar do meio de escapar á raposa. Passam perto de um povoado. Uns meninos que brincavam começam a dirigir desafôros á astuciosa caçadora. Vai o cancão e fala: — « Comadre raposa, isto é um desafôro! Eu se fosse você não aguentava! Passava uma descompostura!... »

A raposa abre a bocca num improperio terrivel contra a criançada. O cancão vôa, pousa triumphantemente num galho e ajuda a vaiál-a...

Outras dão a explicação do gosto e predilecção de um animal por certo e determinado alimento.

O rio deslisava mansamente e no fundo da agua, a um canto, a trahyra cochilava na rêde, adoentada. Chega o pescador, atira o anzol com um pedacinho de carne fresca. A trahyra chama uma das filhas:

— « Izabel, minha filha, vê o que é. »

— « Mamãe, é um pedacinho de carne fresca. »

— « Não quero, não. Isto é lá comida de doente! »

Vendo que o peixe não beliscava o anzol, o pescador muda a isca. Agora é uma perninha de passarinho. Novo e identico dialogo no fundo do rio. O pescador substitue-a por uma patinha de caçóte.[1]

E a trahyra, ao saber disto, brada com pressa para a filha:

— « Anda Izabel, traz minhas chinellas; perninha de caçóte é comida de quem está doente! »

Quasi sempre essas fabulas são de origem européa, adaptadas aos animaes e ás cousas do sertão; são tambem, ás vezes, originarias dos indios, embora identicas ás da Europa, porque é facto conhecido que lendas identicas com determinações diversas são encontradas em toda a parte, desde a Columbia Ingleza e o seu cyclo do Côrvo, ao diluvio africano, á Cendrillon, ao proprio Polyphemo de Homero.

---

[1] Pequeno sapo.

II

As lendas relativas ao mundo sobrenatural existem em maior quantidade e são mais preferidas pelo sertanejo, por causa de sua grande inclinação ás superstições. Não são lendas primaciães, lendas de explicação de phenomenos, porque a religião catholica lhes dá a origem do mundo, mas são reminiscencias de antigas crenças, algumas ainda guardando o cunho perfeito da raça que as produziu, outras já completamente misturadas e fundidas, outras cuja origem se não póde determinar, embora não pareçam ter um unico berço.

As principaes lendas herdadas do portuguez são a do diabo, a do lobishomem e a da burra-de-padre.

A do diabo é interessantissima pelo modo por que elle se apresenta, completamente diverso das crenças dos outros povos. E' bonito, bem vestido, typo de homem decidido e audaz, mas tem os pés de pato e os dentes luzentes, de prata nova. Havia uma moça muito bôa numa ribeira do alto sertão. O diabo apaixonou-se por ella, namorou-a e pediu-a

em casamento. Mas na noite do noivado um menino descobriu os pés do anjo maldito e pôz-se escandalosamente a berrar em meio da sala que o noivo tinha os pés de pato. Então descobriram a manha de satanaz. O padre aspergiu logo a casa com agua benta, e o «capiroto» estourou. Demorou no ar um grande cheiro de enxôfre.

O diabo apparece bem vestido e a cavallo, de tarde ao pôr do sol, quando as moças vão buscar agua ás cacimbas; encarna-se nos gatos pretos e ás vezes vôa junto com as corujas. Toda a comida que se deixa cahir no chão elle come, toda a vez que se diz o seu nome elle toma nota num pedaço de papel. E' o grande heróe de todas as tentações e quem impelle a grei humana para todos os vicios.

Todo sujeito amarello vira lobishomem. Nas noites de quinta para sexta-feira veste a roupa pelo avêsso, espoja-se muito tempo no espojadouro dos burros e cavallos, por sobre o estrume, e depois sáe a correr, com grandes orêlhas esvoaçantes, roncando. Triste de quem o encontrar! Não ha cacête que lhe faça móssa, nem bala que lhe rompa o couro; só se póde luctar com elle armado com uma faquinha curta e dura.

Uma pobre mulher era casada com um sujeito amarello, «come-longe», contou-me um vaqueiro. Ia uma tarde com o marido pelas varzeas. De repente elle deixou-a, internou-se no matto, promettendo voltar logo. Demorou algum tempo. E um monstro enfurecido e horrendo sahiu das moitas, atiran-

do-se á apavorada mulher. Ella conseguiu trepar-se numa grande arvore, mas ainda assim o monstro lhe arrancou dos hombros o chale de lã encarnada e estraçalhou-o com as patas e os dentes. Arremetteu por fim para o matto e desappareceu. Passados alguns momentos o marido voltou. Ella contou-lhe tudo. Riu-se e fez que não acreditava.

No outro dia, em casa, ao acordar, a mulher olhou para o marido que resonava de bôcca aberta. Nos dentes, enganchados, avermelhavam fiapos do chale. O lobishomem era o marido. Durante muitos annos ella viveu com elle; e todas as noites de quinta para sexta-feira o pobre sahia para o triste «fado».

Quando uma mulher foi amante de um padre, apparece depois de morta sob a fórma de uma mula sem cabeça que vaga em doidas correrias pelos mattos e que só se desencanta ao topar no caminho uma cruz de ramos bentos. De noite, muitas vezes, um barulho qualquer de animal a galope, bufando, desperta o sertanejo medroso de assombramentos. Elle encolhe-se na rêde e reza. E' a burra de padre que vae passando...

*

* *

O sertanejo ainda guarda certas recordações das velhas lendas sobre a influencia e o poder

malefico ou benefico dos astros, lendas que são de toda a humanidade.

Sempre que corre uma estrella no céu elle rosna apprehensivo:

— « Deus te guie, Zelação! »

Quem aponta com o dêdo para as estrellas cria verrugas.

As mães mostram os filhinhos logo depois que nascem á face redonda e pallida da clara lua do sertão, pedindo-lhe que sempre seja amiga do seu filho, desejando que a estrada de sua vida seja tão branca como a luz do astro poetico.

*

* *

O indigena forneceu um contingente notavel de lendas ao *folk-lore* do Norte.

O fôgo fatuo é tido pelo sertanejo como um espirito errante, vagabundo, por vezes máu. Chama-o batatão. Batatão é o equivalente ao boi-tatá do Sul e ambas as palavras vêm do indigena: *boi* ou *mboy*-cobra, *tatá*-fôgo, cobra de fôgo, segundo uns; *mbaê*-cousa, *tatá*-fôgo, cousa de fôgo, segundo outros.

Em Sergipe o batatão tem um nome especial e muito interessante « jan-de-la-foice ».

Porém as mais bellas e mais conhecidas fabulas do indio são a da mãe d'agua, — a yára, e a do caipóra.

Nas noites de luar a mãe d'agua senta-se cantando nas fôlhas de agua-pé e vai boiando dôcemente pela face lisa das lagôas, com os seus longos cabellos verdes como o limo, leves como as algas, desnastrados, cobrindo-lhes as espaduas redondas, emmoldurando-lhe o rosto lindo, onde luzem os olhos tentadôres e humidos que attrahem para a morte — a morte suave de um abraço divino, e ardente, e sensual dentro da agua gelada!

O caipóra pequenino e esperto é o genio da floresta, o defensor das mattas, por onde passeia montado num porco selvagem; é o senhor das caças.

Não ha bala que o mate, ferro pontudo que o fira. Governa a caça a seu bel-prazer, negando-a aos caçadôres que lhe não trazem no patuá [1] o presente singelo e por elle desejado de um bom pedaço de fumo. Não ha caçador que se arrisque pelo matto sem fumo. Póde encontrar o cabôclinho e decerto lhe acontecerá qualquer desgraça.

*

* *

Alguns sertanejos contam de um gigante chamado Gorjála que habita as serras penhascosas, e, quando encontra um individuo, mette-o debaixo do braço e vai comendo-o ás dentadas. Parece esta lenda ser de

---

[1] Bolsa a tiracollo.

origem europêa; mas quem o poderá affirmar? Póde tambem ser do indio ou mesmo até do negro.



Ha lendas genuinamente sertanêjas, porém com reminiscencias indigenas, africanas ou portuguezas, criadas mesmo no sertão, tendo personagens do proprio meio e da propria religião catholica, conforme o sertanejo a comprehende e pratica. E' exemplo disto a lenda em verso do pai que quiz casar com a filha, lenda que recorda em certos pontos o conto de Pelle de Burro.

— « Estava ella chorando,
Vio S. José chegar...
Maria, minha afilhada,
O que foi isto por cá?
E' meu pai, meu bom padrinho,
Que quer commigo cazar. »
— Maria, tu diz a elle
Que estrada aberta é caminho.
Pede-lhe que compre um vestido,
Das arvores com as fôlhinhas.

Assim, pedindo vestidos extraordinarios ella foi illudindo o velho e ganhando tempo, até que, não se acalmando a sua paixão, S. José veio buscal-a,

emquanto o diabo carregava o pai apaixonado para as fogueiras do inferno.

E' deste modo, assumindo fórmas sertanejas que as velhas historias fantasticas da Europa vão se identificando com o meio que as recebe e se integralizando na rudeza do povo que as transmitte.



Lendas e contos ha em que a mistura das três raças é quasi completa. Contam no sertão dumas moças perseguidas por gigantes horriveis, de três olhos, de dois olhos, de um ôlho só; ellas fugiam e cantavam para os afugentar trovas de sabor africano e de prosodia indigena:

— « Que eu, cama-cama
Que eu, catolé...
O' Zarizê
Cum Zarizé... »
— « Cachori-choli-cholê
O' cum manga, cum manqueira,
Pois manuê cum manuê. »

As moças trepam em arvores e os gigantes querem derrubal-as, cantando com grossa e horrenda voz:

— « O' Zariguê cum zariguê
Páu... páu... páu... páu... »

Um passaro de rica plumagem salvou as moças, levando-as da arvore pelos ares e depois casou com a mais moça e mais bonita dellas...

*
*   *

O mattuto acredita em almas penadas, visagens que apparecem pelos caminhos desfrequentados, nas tapéras, sob os arvoredos sombrios, alta noite. Crê que ellas vêm pedir orações e missas ou indicar o lugar onde enterraram dinheiro quando eram vivas. O individuo que tem coragem de falar com uma alma, que é sempre um alto e esguio vulto, fanhôso, com as costas em fôgo, jorrando labarêdas, e desenterra o dinheiro do defunto, não deve entupir o buraco da excavação. Si o entupir, morrerá.

*
*   *

As velhas contadôras de historias, os cantadôres rusticos, são os principaes agentes de transmissão de todas essas lendas, nas quaes se chocam e emmaranham as crendices de três raças oppostas, que viveram durante seculos em contacto, que se vão fundindo umas nas outras e se misturando de tal modo até formarem dentro em pouco um typo

ethnico, que será a resultante de toda essa ancestralidade e enfeixará todas as suas inclinações, sendo o typo exacto do brazileiro do Norte...

*

* *

... Mas nesse tempo, quando o Brazil rico e poderoso, marchar na vanguarda das nações, occupando o lugar que lhe compete entre os paizes mais fortes e mais progressistas, perdida já será a memoria deste livro que não é mais do que a narração veridica dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das tradições do Ceará e suas zonas limitrophes, da Terra de Sol; que não é — e nem pretende ser mais do que o depoimento de um nortista...

FIM

INDICE

	Pag.
Dedicatoria	5
O MEIO	
I — Sêcca e inverno (a terra).	9
II — A entrega (a pecuária)	47
III — O roçado (a agricultura).	61
OS ANIMAES	
I — O cachorro.	75
II — O cavallo	93
III — O gado	101
IV — As avoantes	105
O HOMEM	
I — Typos desapparecidos (passadores de gado) . .	111
II — Typos anormáes (cangaceiros e curandeiros) . .	121
III — Typos normáes (sertanejos, fazendeiros e vaqueiros).	167

A ARTE

Pag.

I — A fazenda (architectura) 191
II — Os ferros (desenho) 195
III — As côres. 203
IV — Os divertimentos (musica e dansa) 209
V — A poesia 221

A LENDA

I — Lendas relativas ao mundo natural. 259
II — Lendas relativas ao mundo sobrenatural . . . 263

